

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PARQUES URBANOS EM CAXIAS DO SUL – RS:
uma análise sob a ótica feminina

Sofia Vezzaro Taiarol

Rio de Janeiro
Julho, 2025



PARQUES URBANOS EM CAXIAS DO SUL – RS:
uma análise sob a ótica feminina

Sofia Vezzaro Taiarol

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte integrante dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Arquitetura na área de concentração Qualidade, Ambiente e Paisagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Regina Tângari

Rio de Janeiro
Julho, 2025



PARQUES URBANOS EM CAXIAS DO SUL – RS:
uma análise sob a ótica feminina

Sofia Vezzaro Taiarol

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Regina Tângari

Aprovada por:

Presidente, Prof^a. Dr^a. Vera Regina Tângari (Orientadora)
PROARQ / FAU / UFRJ

Prof^a. Dr^a. Ethel Pinheiro Santana
PROARQ / FAU / UFRJ

Prof^a. Dr^a. Rubens de Andrade
PROARQ / EBA / UFRJ

Prof^a. Dr^a. Mônica Bahia Schlee
PGPP / UFRJ

Rio de Janeiro
Julho, 2025

RESUMO

Esta pesquisa investiga as vivências femininas nos quatro parques urbanos de Caxias do Sul – RS, explorando suas dinâmicas socioespaciais a partir de uma perspectiva sensível às experiências cotidianas do gênero feminino. O objetivo é compreender como a comunidade feminina percebe os parques urbanos e de que forma eles são aproveitados pela mesma, revelando tanto aspectos de fruição e pertencimento quanto tensões ligadas à insegurança, à vigilância e às restrições impostas por uma sociedade ainda marcada por lógicas patriarcais. Até meados da década de 1980, existiam apenas dois parques, ambos na região central da cidade, o que restringia o acesso de grande parte da população. A posterior expansão dos parques para outras áreas representa um possível avanço na democratização do uso dos espaços livres públicos, ampliando sua presença no território urbano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, e a abordagem metodológica propõe o desenvolvimento de uma cartografia socio-morfológica, como instrumento de investigação, articulando pesquisa documental, caminhografias e narrativas compartilhadas. Essa abordagem permitiu mapear forças e fragilidades dos parques urbanos analisados (Parque Cinquentenário, Parque dos Macaquinhos, Parque da Lagoa e Parque das Araucárias) considerando múltiplas escalas e temporalidades. Os resultados revelam que, embora enfrentem diversos desafios para estarem nos espaços livres públicos, as mulheres constroem nesses parques territórios de liberdade, afeto e conexão, evidenciando a potência das vivências femininas mesmo diante de contextos adversos. Ao tomar os parques urbanos como espaços de disputa e (re)significação, esta pesquisa busca contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre os espaços livres públicos sob a ótica feminina, especialmente no contexto do Sul Global, oferecendo subsídios para a construção de cidades mais equitativas e inclusivas.

Palavras-chave: parques urbanos, vivências urbanas femininas, estudo de gênero, Caxias do Sul

ABSTRACT

This research investigates women's experiences in the four urban parks of Caxias do Sul – RS, exploring their socio-spatial dynamics through a perspective attentive to the everyday experiences of women. The aim is to understand how the female community perceives and uses these urban parks, revealing both aspects of enjoyment and belonging, as well as tensions related to insecurity, surveillance, and the restrictions imposed by a society still shaped by patriarchal structures. Until the mid-1980s, only two parks existed, both located in the city center, which limited access for much of the population. The subsequent expansion of parks into other areas of the city represents a potential step forward in democratizing the use of public open spaces and increasing their presence across the urban territory. This is a qualitative study, and its methodological approach proposes the development of a socio-morphological cartography as a tool of investigation, combining documentary research, walking-based methods, and shared narratives. This approach made it possible to map the strengths and vulnerabilities of the analyzed parks (Parque Cinquentenário, Parque dos Macaquinhos, Parque da Lagoa, and Parque das Araucárias), taking into account multiple spatial and temporal scales. The results show that, although women face numerous challenges to being present in public open spaces, they construct in these parks territories of freedom, affection, and connection, revealing the strength and vitality of feminine experiences even in adverse contexts. By viewing urban parks as spaces of dispute and (re)signification, this research seeks to contribute to the advancement of studies on public open spaces from a gendered perspective, particularly in the context of the Global South, offering insights for the construction of more equitable and inclusive cities.

Keywords: urban parks, women's urban experiences, gender study, Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa nunca é construída sozinha. Este trabalho só foi possível graças à ajuda e ao apoio de muitas pessoas. Agradeço aos meus pais, Silvana e Celestino, pelo apoio, amor e incentivo incondicional. Obrigada não apenas por apoiarem meus sonhos, mas por sonharem junto comigo, acreditando e torcendo para que tudo se tornasse realidade. Ao meu namorado Vitor, que surgiu como uma bela surpresa nesta trajetória, pelo carinho e paciência ao longo do caminho dessa pesquisa. Obrigada por ler meus textos e contos, por compartilhar suas reflexões e, acima de tudo, por me incentivar a ser quem eu sou. À minha orientadora, Vera, sou imensamente grata por todo o suporte, atenção e confiança. Obrigada por abraçar essa pesquisa e acreditar que ela era possível. Ao PROARQ e à FAU-UFRJ, pelo aprendizado e suporte acadêmico, e à CAPES, pelo financiamento que viabilizou esta pesquisa. Aos amigos e amigas que encontrei nesta jornada carioca - os selestes, os gaiatos e às companheiras do mestrado - que transformaram o que poderia ser uma caminhada solitária em uma experiência coletiva e divertida. Às minhas amigas de longe, tanto de Caxias do Sul quanto de Santa Maria, obrigada por torcerem por mim e, mesmo à distância, me darem o suporte e a força necessário para ser mulher em um território novo. Por fim, meu agradecimento a todas as mulheres que fizeram parte deste trabalho comigo. Obrigada por compartilharem suas histórias e experiências, tornando esta pesquisa ainda mais rica, significativa e gratificante de ser contada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Caxias do Sul - RS	21
Figura 2: Localização dos parques urbanos na cidade de Caxias do Sul – RS	22
Figura 3: Síntese dos referenciais teóricos.....	31
Figura 4: Síntese das estratégias da cartografia sócio-morfológica	47
Figura 5: Localização do município de Caxias do Sul – RS na Serra Gaúcha.....	54
Figura 6: Praça Dante Alighieri ao longo de diferentes períodos históricos	55
Figura 7: Colagem sobre as percepções de insegurança dos parques urbanos	56
Figura 8: Caminhografia 01 – Vários dias, em diferentes horários e locais.....	59
Figura 9: Caminhografia 02 - Vários dias, em diferentes horários e locais	59
Figura 10: Entrada com leões e obelisco no Parque Cinquentenário	61
Figura 11: Entrada com leões e obelisco no Parque Cinquentenário	62
Figura 12: Lembrança do piquenique realizado no Parque Cinquentenário.....	62
Figura 13: Localização do Parque Cinquentenário.....	63
Figura 14: Implantação do Parque Cinquentenário	64
Figura 15: Corte do Parque Cinquentenário	64
Figura 16: Projeto Cidadão Atitude nos muros do Parque Cinquentenário	65
Figura 17: Os muros atuais, cercados, do Parque Cinquentenário	65
Figura 18: Onde estão as mulheres no Parque Cinquentenário	66
Figura 19: Onde estão as mulheres no Parque Cinquentenário - Percepções	67
Figura 20: Clima de abandono no Parque Cinquentenário – Domingo, Maio de 2024	68
Figura 21: Parque Cinquentenário e suas áreas esportivas – Domingo, Maio de 2024	69
Figura 22: Colagem sobre as percepções no Parque Cinquentenário	70
Figura 23: Frame 01 - Vivências no Parque Cinquentenário – Sábado, Abril de 2024	71
Figura 24: Frame 02 - Vivências no Parque Cinquentenário - Sábado, Abril de 2024	72
Figura 25: Vista aérea da construção do Centro de Exposições Getúlio Vargas	73
Figura 26: Vista aérea do Centro de Exposições Getúlio Vargas	74
Figura 27: Jovens no Parque de Exposições Getúlio Vargas	75
Figura 28: Colagem sobre as percepções no Parque dos Macaquinhos	77
Figura 29: Localização do Parque dos Macaquinhos.....	78
Figura 30: Implantação do Parque dos Macaquinhos	79
Figura 31: Corte do Parque dos Macaquinhos	79
Figura 32: Onde estão as mulheres no Parque dos Macaquinhos	80
Figura 33: Onde estão as mulheres no Parque dos Macaquinhos - Percepções	81
Figura 34: Frame 01 - Vivências no Parque dos Macaquinhos - Sábado, Abril de 2024	83
Figura 35: Frame 02 - Vivências no Parque dos Macaquinhos - Sábado, Abril de 2024	83

Figura 36: Frame 03 - Vivências no Parque dos Macaquinhos - Sábado, Abril de 2024	84
Figura 37: Localização do Parque da Lagoa	85
Figura 38: Implantação do Parque da Lagoa	86
Figura 39: Corte do Parque da Lagoa	87
Figura 40: Frame 01 - Vivências no Parque da Lagoa – Segunda-feira, Fevereiro de 2024	88
Figura 41: Frame 02 - Vivências no Parque da Lagoa – Domingo, Fevereiro de 2024	89
Figura 42: Frame 03 - Vivências no Parque da Lagoa - Domingo, Fevereiro de 2024	90
Figura 43: Onde estão as mulheres no Parque da Lagoa.....	91
Figura 44: Onde estão as mulheres no Parque da Lagoa - Percepções.....	92
Figura 45: Colagem sobre as percepções no Parque da Lagoa	93
Figura 46: Localização do Parque das Araucárias	94
Figura 47: Implantação do Parque das Araucárias.....	95
Figura 48: Corte do Parque das Araucárias.....	96
Figura 49: Valor simbólico das araucárias para o local	96
Figura 50: Colagem sobre as percepções no Parque das Araucárias.....	97
Figura 51: Frame 01 – Parque das Araucárias - Domingo, Fevereiro de 2024	98
Figura 52: Frame 02 – Parque das Araucárias - Domingo, Fevereiro de 2024	99
Figura 53: Frame 03 - Parque das Araucárias – Sábado, Novembro de 2024.....	100
Figura 54: Onde estão as mulheres no Parque das Araucárias.....	101
Figura 55: Onde estão as mulheres no Parque das Araucárias - Percepções	102
Figura 56: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 01	113
Figura 57: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 02	114
Figura 58: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 03	115
Figura 59: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 04	116
Figura 60: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 05	117
Figura 61: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 01	118
Figura 62: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 02	120
Figura 63: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 03	121
Figura 64: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 04	123
Figura 65: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 05	124
Figura 66: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 01	126
Figura 67: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 02.....	128
Figura 68: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 03.....	129
Figura 69: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 04.....	130
Figura 70: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 05.....	131
Figura 71: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 01	133

Figura 72: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 02.....	134
Figura 73: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 03.....	135
Figura 74: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 04.....	136
Figura 75: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 05.....	137
Figura 76: Síntese das estratégias e registros do Parque Cinquentenário	139
Figura 77: Representações - Parque Cinquentenário	140
Figura 78: Síntese das estratégias e registros do Parque dos Macaquinhos.....	141
Figura 79: Representações - Parque dos Macaquinhos	142
Figura 80: Síntese das estratégias e registros do Parque da Lagoa	143
Figura 81: Representações - Parque da Lagoa.....	144
Figura 82: Síntese das estratégias e registros do Parque das Araucárias	145
Figura 83: Representações - Parque das Araucárias.....	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese do Projeto de Pesquisa.....	27
Quadro 2: Síntese da organização da dissertação.....	28
Quadro 3: Síntese dos parques urbanos de Caxias do Sul - RS	105
Quadro 4: Síntese dos parques urbanos de Caxias do Sul – RS pela presença feminina ..	106
Quadro 5: Perfil das entrevistadas	109

*“O que limita quem eu sou é o limite do meu corpo, mas o
limite do meu corpo nunca pertence totalmente a mim”*

Judith Butler

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1. INTRODUÇÃO.....	19
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	31
2.1 Atmosferas e Percepção.....	31
2.2 Parque Urbano como produto social.....	34
2.3 Performance Feminina	38
3. A CONSTRUÇÃO DE UMA CARTOGRAFIA SOCIO-MORFOLÓGICA.....	46
3.1 Pesquisa documental	47
3.2 Caminhografia.....	48
3.3 Narrativas compartilhadas.....	50
3.4 Representações.....	51
4. A ARTE DE ANDAR NAS RUAS DE CAXIAS DO SUL	53
4.1 A cidade e a outra forma de contar sua história	53
4.2 Caminhografia	58
4.2.1 Parque Cinquentenário.....	60
4.2.2 Parque dos Macaquinhos	72
4.2.3 Parque da Lagoa.....	85
4.2.4 Parque das Araucárias	93
5. O ENCONTRO COM AS NARRATIVAS FEMININAS	108
5.1 Provocações.....	108
5.1.1 Narrativas do Parque Cinquentenário.....	112
5.1.2 Narrativas do Parque dos Macaquinhos.....	117
5.1.3 Narrativas do Parque da Lagoa	124
5.1.4 Narrativas do Parque das Araucárias	132
5.2 Representações.....	138
6. POR OUTROS MUNDOS URBANOS FEMINISTAS	149
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES	158
Apêndice A – Livreto Parque Cinquentenário	159
Apêndice B – Livreto Parque dos Macaquinhos	160
Apêndice C – Livreto Parque da Lagoa	161
Apêndice D – Livreto Parque das Araucárias	162
ANEXO	163
Anexo A - Plataforma Brasil	164



APRESENTAÇÃO

Descrever a cidade é um desafio, aprisioná-la em pequenas caixas de palavras, tentando comentar sobre sua essência é um desafio maior ainda. Pode pulsar vida, mas também pode ser sombria. Vemos a cidade como contemplamos o nosso cotidiano, nossas lentes são capazes de nos mostrar as maiores belezas, mas também os maiores pesadelos que se escondem nas suas frestas.

Quanto mais percorremos, mais somos desafiados a enfrentar a cidade. O ato de caminhar pelas suas ruas se transforma em uma leitura atenta das práticas cotidianas que moldam o local. Esse exercício nos conduz aos aspectos mais sensíveis vivenciados pela arquitetura, à interação entre os seres humanos, os não-humanos e os espaços públicos. Uma prática que nos incita a escrever, ou mesmo cartografar, as diversas nuances, algumas delas negligenciadas.

Em meio a um mundo que se entrelaça, mas também se isola, a escrita surge como uma ponte essencial. Ela não apenas constrói nossas jornadas pela cidade, mas também compõe a nossa essência. Precisamos mergulhar na cidade, absorver as suas sutilezas, para que possamos experimentar plenamente a sensação de estarmos vivos.

Sendo assim, a cada nova cidade, é preciso mergulhar de novo. É preciso estarmos abertos para novas sensações. Cada cidade conta uma nova história. Pois a cidade não é a mesma, e tampouco permanecemos inalterados. A cada cidade, somos transformados, não pela genética, mas pela riqueza acumulada de todas as experiências vividas.

O que expresso aqui é o que trago em minha caminhada. São histórias que atravessaram diversas cidades e, atualmente, me identifico como a mulher dos rios. A mulher que teve início no Rio Grande do Sul, permeou inúmeros territórios e, no momento, se estabelece no Rio de Janeiro.

Minha jornada teve seu ponto de partida na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Este local não é apenas meu lugar de nascimento. É onde enraízo minhas origens, minha identidade e meus laços familiares. Até os 18 anos, essa cidade compôs a maior parte das minhas lembranças e, mesmo hoje, permanece como o meu ponto de referência.

Em seguida, minhas recordações me levam à cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Embora menor, esta cidade pulsava com mais vida, talvez devido à sua atmosfera jovial como centro universitário. Foi onde tive a oportunidade de cursar graduação em Arquitetura e Urbanismo, moldando-me como pessoa e como mulher ao começar uma nova vida em um território desconhecido. Embora nunca antes visitado, esse lugar despertou em mim a empolgação de explorar novos horizontes e de estar em constante transformação ao lado deles.

Durante esse percurso, fui além das fronteiras, até a cidade de Lisboa, em Portugal, para um intercâmbio estudantil. As experiências prévias me prepararam para encarar esse novo desafio, que não se resumia apenas a uma mudança geográfica como antes, mas também representava uma oportunidade de imersão social e cultural em novos costumes.

Por último, ao menos por ora, segui em direção ao outro rio, o Rio de Janeiro, em busca de uma nova transformação. Uma metrópole que seduz, seja pela paisagem, pelo cotidiano da cidade, mas também pela trajetória acadêmica. Cada vez mais madura, e cada vez com mais bagagem, percebo que somos capazes de enxergar a vida por novas lentes, mais atentas do que antes, que nos mostram as frestas anteriormente invisíveis aos nossos olhos.

São infinitas as narrativas urbanas que poderiam ser comentadas nessa pesquisa, mas a minha atenção foi voltada para a experiência feminina na cidade. Entre os anseios e as caminhadas, me encontro imersa nesta exploração, um tema que não só me fascina, mas também toca profundamente. Como mulher, vivencio todos os dias o ato de (sobre)viver à cidade.

Nesse viés, regresso à minha cidade natal, ao meu antigo rio, a Caxias do Sul. Entre todas as cidades que me acolheram, onde estudei e vivi, é essa a minha cidade âncora. É o ponto de origem, o primeiro capítulo do meu próprio mundo de Sofia. Dessa forma, será possível vislumbrar não apenas através do meu olhar, permeado por saudades e nostalgia, mas também do olhar das mulheres caxienses, das suas vivências e dinâmicas nos espaços públicos de Caxias do Sul.

A cidade inteira poderia ser alvo de investigação, mas esta renderia páginas demais. Por esse motivo, optei por concentrar-me em um elemento dentro do sistema de

espaços livres: os parques urbanos. Lugar de intenso caráter social, recreativo e político. Lugar de troca e de formação de identidades.

É meu desejo compreender os fatores que influenciam as dinâmicas nesses espaços, transbordando não só as suas fronteiras físicas, mas também sociais. É importante ressaltar que as minhas indagações não serão plenamente resolvidas por meio desta pesquisa. Entretanto, é meu desejo oferecer contribuições significativas para o tema, seja por vias teóricas ou práticas, a fim de promover espaços mais igualitários e democráticos para toda a comunidade, com atenção especial às necessidades das mulheres.

É meu desejo que os encontros na cidade nos tragam alegria, por descobrir o novo, em vez de nos amedrontarem com o risco do desconhecido. É meu desejo sermos inspiradas pelos novos caminhos que desvendamos, sem temer a incerteza do nosso paradeiro. Queremos vivenciar a cidade sem restrições, sem que a experiência do medo nos domine. Desejamos não apenas existir, mas verdadeiramente sentir a cidade.



1. INTRODUÇÃO

Escrevo este trabalho através de lentes femininas sobre os espaços livres públicos, buscando, a partir do cotidiano, compreender e registrar as mulheres que ali estão, que fazem parte desse dia-a-dia. Compreendo, que, para além das inseguranças e receios que os permeiam, é possível lê-los também como refúgio para essas mulheres — como espaço de lazer e de pausa dentro da vida urbana acelerada.

Reconheço que para compreender os espaços livres públicos é preciso enfrentar alguns desafios, uma vez que eles não são neutros (Berth, 2023), mas sim campos de conflitos. Sobrepõem-se neles diversas camadas, que abrangem múltiplas e complexas dimensões — tanto físicas quanto simbólicas de cada lugar.

A prática da arquitetura, especialmente ao lidar com esses espaços, demanda atenção às lacunas, às brechas, àquilo que não é imediatamente visível. Entendo, portanto, que o papel sensível da/o arquiteta/o reside não apenas em perceber, mas também em conscientizar a si mesmo e à cidade sobre tais obstáculos. As interações nos espaços livres públicos refletem, igualmente, as dinâmicas sociais locais, tornando essencial que, mesmo enquanto campo de conflitos, esses sejam verdadeiramente democráticos.

Infelizmente, essa não é a dinâmica predominante nas cidades. Os espaços livres públicos são, muitas vezes, concebidos para atender a um público específico, enquanto todos aqueles que não se enquadram no modelo hegemônico são, sistematicamente, excluídos (Maricato, 2013). Preconceitos e discriminações — de raça, renda, etnia, classe social e gênero — manifestam-se cotidianamente na cidade, impactando profundamente uma parcela significativa da população, que não se sente incluída nesses espaços.

Cada uma dessas formas de discriminação poderia, por si só, preencher estas páginas, escancarando para quem a cidade não foi projetada. Dentro desse contexto, aprofundo-me nas questões de gênero, buscando compreender como as experiências urbanas femininas se subvertem frente a esses preconceitos e discriminações, e, ainda assim, conseguem coexistir nos espaços livres, apesar de todos os motivos que sugeririam o contrário.

Nesta pesquisa, realizo um estudo das vivências femininas nos parques urbanos do município de Caxias do Sul – RS, como estratégia para analisar seus espaços físicos e sociais pela lente do gênero. As análises, que integram tanto abordagens objetivas quanto subjetivas, denomino de cartografia socio-morfológica¹, por articular a experiência feminina ao próprio ambiente urbano.

Torna-se, portanto, imprescindível explicitar o grupo social a que me refiro ao tratar do conceito de gênero feminino. Assim como ressalta Simone de Beauvoir (1953) em “O Segundo Sexo” — “não se nasce mulher, torna-se mulher” —, adoto aqui a mesma perspectiva, entendendo que as experiências e identidades femininas são construções contínuas, atravessadas por processos culturais e sociais.

Judith Butler (1990) também contribui de forma significativa para essa reflexão, ao evidenciar que as normas de gênero são construções sociais que marginalizam e oprimem aqueles e aquelas que não se encaixam nas expectativas tradicionais de masculinidade e feminilidade. Butler argumenta que o gênero não é uma essência, mas uma identidade performativa, constantemente produzida e reproduzida por meio das práticas sociais.

Na mesma direção, Joice Berth (2023) compreende o gênero como um dispositivo social, político, afetivo e cultural que opera a partir das diferenças biológicas. Assim, o gênero feminino transcende a simples autoidentificação como mulher, configurando-se como uma construção coletiva, plural e interseccional, que inclui todos os sujeitos que se reconhecem e são reconhecidos socialmente nessa condição.

Diante disso, reafirmo que este trabalho não busca tratar a comunidade feminina como um grupo homogêneo, mas, ao contrário, reconhece e valoriza sua diversidade e complexidade. A interseccionalidade, conceito central trazido por Crenshaw (2002), é fundamental para compreender como as diferentes camadas se entrelaçam, produzindo experiências singulares, mas também fortalecendo as redes coletivas de resistência e pertencimento.

¹ O termo "cartografia socio-morfológica" é desenvolvido ao longo do trabalho, já que não se encontram referências que abordem a morfologia dos parques e a vivência de mulheres nesses espaços da maneira que foi delineada a pesquisa. O conceito, portanto, concilia a pesquisa documental, a caminhografia e as narrativas compartilhadas para compreender esses espaços sociais e urbanos.

Nesse contexto, os próprios parques urbanos, enquanto espaços livres públicos, cultivam raízes, estimulam vínculos, afinidades e as próprias relações de pertencimento. Suas configurações físicas (disposição, localização e arranjo) estabelecem um diálogo constante com as dinâmicas comportamentais dos grupos sociais que os utilizam (Tângari; Andrade; Schlee, 2009). Esse processo resulta em uma interação contínua entre os indivíduos ou coletivos que ocupam esses espaços e a paisagem que os circunda, em um permanente processo de transformação.

Esses espaços não se limitam à dimensão física da cidade: eles também habitam o imaginário da população que os vivencia, tornando-se parte de sua memória coletiva². É nesse contexto que desenvolvo esta pesquisa, que parte da minha experiência, na minha cidade natal: Caxias do Sul, minha cidade natal, uma cidade média localizada na Serra Gaúcha, no estado do Rio Grande do Sul (Figura 1).



Figura 1: Localização do município de Caxias do Sul - RS
Fonte: da autora, 2025.

A seleção dos parques urbanos (Parque Cinquentenário, Parque dos Macaquinhos, Parque da Lagoa e Parque das Araucárias) se dá pela capacidade de atrair uma grande diversidade de pessoas, oferecendo uma variedade de atividades em

² O termo "memória coletiva" refere-se à maneira pela qual os indivíduos dentro de um grupo social compartilham e constroem suas lembranças em conjunto. (Halbwachs, 2006) argumentou que a memória individual é inseparável do contexto social e histórico no qual está inserida, e que as lembranças pessoais são moldadas e influenciadas pelas interações com outros membros da sociedade e pela cultura coletiva.

comparação a outros espaços livres públicos disponíveis na cidade. Além disso, por estarem distribuídos em diferentes regiões, ampliam não apenas o perfil das frequentadoras, mas também as paisagens e as dinâmicas presentes em cada localidade (Figura 2).

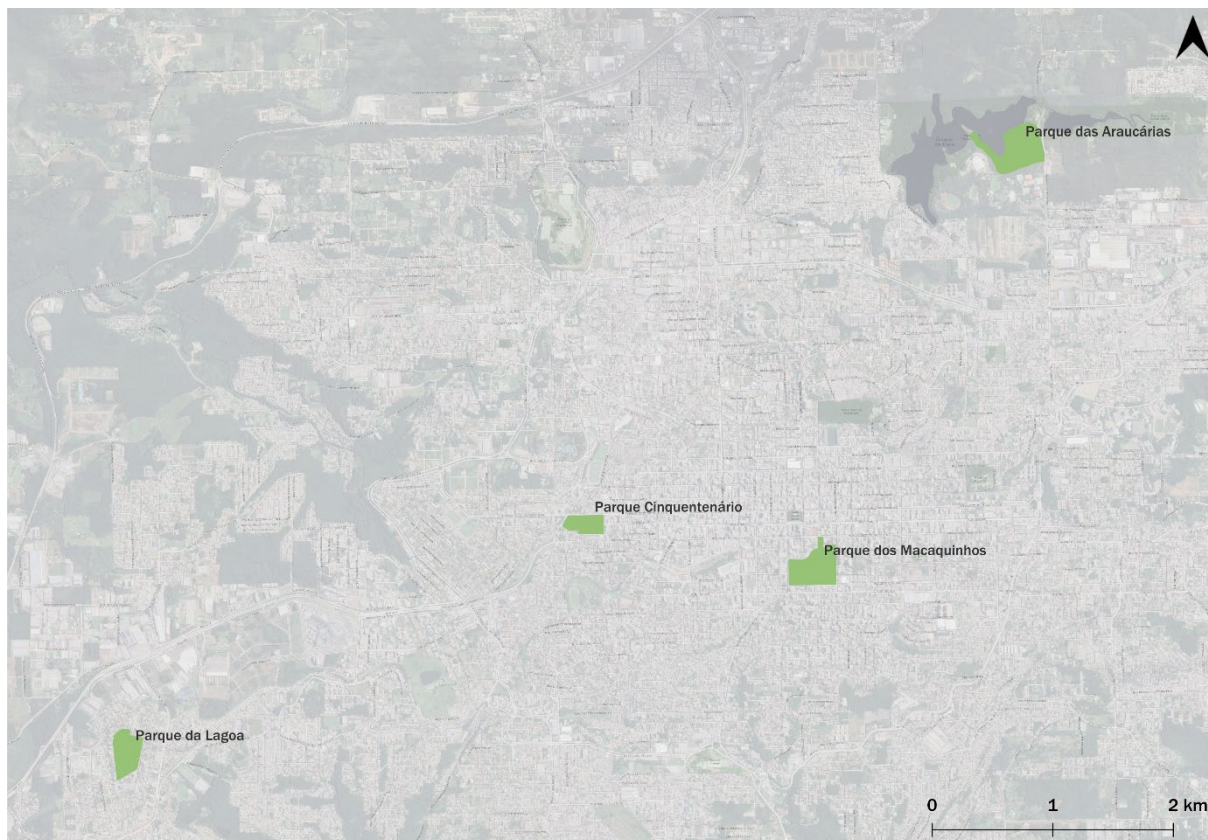


Figura 2: Localização dos parques urbanos na cidade de Caxias do Sul – RS
Fonte: da autora, 2025.

Vale destacar que, entre os quatro parques urbanos da cidade, apenas o Parque Cinquentenário possui nome popular coincidente com sua denominação oficial. Os demais são reconhecidos pela população caxiense a partir de suas vivências e das memórias afetivas coletivas, diretamente associadas aos valores simbólicos desses espaços.

Esses nomes populares refletem a relação da comunidade com o espaço urbano. Portanto, nesta pesquisa, os parques serão referidos por esses nomes, os apelidos dados pela população, uma vez que esses já estão incorporados ao cotidiano da cidade. Essa escolha permite uma compreensão mais profunda das interações sociais e culturais que ocorrem nesses locais, reconhecendo a importância das narrativas populares na construção da identidade urbana.

A história desses parques remonta ao próprio processo de formação da cidade. O **Parque Cinquentenário** foi criado na década de 1920, consolidando-se como o primeiro espaço de lazer ao ar livre, conforme demonstra (Fillipini, 2019): no livro “O outro lado da Júlio: História e Memórias de uma Avenida”. Já naquele período, evidenciava-se a necessidade de áreas de recreação para a população, como forma de promover bem-estar em meio ao avanço da urbanização. Os demais parques surgem, progressivamente, em resposta às demandas da comunidade. Muitos deles não foram, inicialmente, concebidos como parques, mas passaram a ser reconhecidos como tal pela apropriação e pela vivência cotidiana das pessoas.

O **Parque dos Macaquinhos**, por exemplo, teve origem como um Centro de Exposições na década de 1950, localizado na região central. No entanto, a crescente ocupação pela população, que passou a utilizar o local para atividades de lazer cotidianas, levou à transformação do espaço. Diante dessa demanda, as exposições foram transferidas e, em 1974, o local foi oficialmente redesignado como parque urbano pela prefeitura municipal.

Até meados da década de 1980, apenas esses dois parques atendiam à região central da cidade, o que limitava o acesso de moradores de bairros mais periféricos a espaços livres de lazer. Esse cenário, no entanto, não impediu que os habitantes do Desvio Rizzo se apropriassem de um terreno baldio localizado na vizinhança. Esse espaço foi cuidado e mantido pela Associação de Moradores durante anos, até ser oficialmente reconhecido e designado como **Parque da Lagoa**³, em 1993.

Por fim, um espaço que, no passado era utilizado para encontros ao ar livre de forma esporádica em meio à natureza foi transformado em parque urbano em 2019. Nesse local, às margens da represa da cidade, foi inaugurado o **Parque das Araucárias**⁴, ampliando as opções de lazer e contato com a natureza para a população.

³ As informações sobre o Parque da Lagoa foram adquiridas através da investigação na Hemeroteca Digital, através de relatos jornalísticos sobre o local.

⁴ Por conta da recente inauguração do Parque das Araucárias, as suas informações foram obtidas através de reportagens da prefeitura que podem ser acessadas pelo link: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2019/12/prefeito-daniel-querra-inaugura-parque-das-araucarias-em-caxias>

Cabe destacar que o cuidado com os espaços livres públicos — incluindo os parques urbanos de Caxias do Sul — foi sendo gradualmente relegado a segundo plano, à medida que outras demandas passaram a ser priorizadas tanto pela sociedade quanto pelo poder público (Macedo; Sakata, 2003). A ausência de uso e o desinteresse pelo espaço coletivo resultaram em uma série de problemas, especialmente no que diz respeito à segurança — fator que afasta a comunidade em geral, mas que impacta de forma ainda mais severa o gênero feminino, frequentemente colocado em situação de maior vulnerabilidade (Berth, 2023).

Essa, porém, é apenas uma entre tantas razões que contribuem para a sub-representação feminina nos espaços públicos. Para além das preocupações com a segurança, somam-se o medo, as exigências profissionais, as responsabilidades familiares e, sobretudo, as barreiras impostas por uma sociedade patriarcal. A esses fatores, acrescentam-se ainda os desafios relacionados à raça, classe social, orientação sexual e deficiência. O espectro de razões que as impedem de usufruírem do espaço público é infinito.

É sob esse olhar que conduzo esta pesquisa, buscando compreender de que forma as percepções, os sentimentos e as experiências femininas são atribuídos aos lugares. Para Kern (2021), as fronteiras nos espaços livres públicos não são apenas geográficas, mas, sobretudo, sociais e, para as mulheres, essas barreiras simbólicas frequentemente se mostram mais rígidas e limitadoras do que os próprios limites físicos.

Diante desse cenário, investigo de que maneira a população feminina vivencia os parques urbanos, mesmo diante de tantas adversidades. Compreender quais práticas, usos e significados essas mulheres atribuem a eles, sobretudo, de que formas desafiam seus próprios cotidianos para transformá-los em lugares de permanência, lazer e direito à cidade.

Enquanto pesquisadora, mulher e frequentadora dos parques urbanos, fico feliz em poder narrar e compreender as diversas trajetórias que se desenrolam nesses lugares. Faço isso ciente dos meus próprios privilégios, atravessados por marcadores como raça, classe social e faixa etária. Nesse percurso, o ato de escutar as experiências das mulheres revela-se não apenas um gesto metodológico, mas

também político. É por meio desse processo que se fortalece a possibilidade de que cada vez mais mulheres se sintam livres para ocupar e usufruir dos espaços livres públicos.

A partir dessa contextualização a questão central da dissertação reside em: compreender e identificar como a população feminina de Caxias do Sul - RS percebe os parques urbanos da cidade e de que forma eles são aproveitados pela sua comunidade. As suas questões parciais são:

- (a) Como o processo histórico e o contexto dos parques urbanos influenciam na forma como são vivenciados atualmente?
- (b) De que forma as distinções observadas entre os parques, decorrentes de suas diversas localizações na malha urbana e características sociais, podem influenciar a utilização do espaço?
- (c) De que maneira as diferentes concepções de gênero se relacionam com o ambiente e quais são essas concepções?

O objetivo geral desta dissertação é explorar e registrar as dinâmicas sociais e uso dos parques urbanos de Caxias do Sul - RS, tendo como foco a experiência feminina.

Para alcançar este propósito, são articulados três objetivos específicos:

- (a) Investigar as origens da construção dos parques urbanos de Caxias do Sul – RS;
- (b) Estruturar uma metodologia que permita desenvolver cartografias socio-morfológicas;
- (c) Construir aportes possíveis para a maior integração da questão de gênero nos estudos e projetos de espaços públicos;

Como contribuição, destaco as análises e a compreensão dos parques urbanos localizados fora do eixo Sudeste e das grandes metrópoles, reconhecendo a existência de locais com relevante potencial de estudo em outras regiões do Brasil, incluindo cidades médias e pequenas, como é o caso de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

Ressalto, ainda, que a falta de conhecimento sobre esses espaços não se deve apenas à escassez de pesquisas, mas também à gestão deficiente por parte das prefeituras (Wickert, 2019). Muitas vezes, não há interesse institucional em compreender, analisar ou sequer cuidar desses espaços, o que reforça a necessidade de uma pesquisa que evidencie sua importância para a cidade. Dessa forma, busco contribuir para que esses espaços sejam mais visíveis e que seu potencial seja reconhecido não apenas pelos profissionais de arquitetura interessados nos espaços livres públicos, mas também pelas autoridades locais e pela própria comunidade.

Destaco, em segundo lugar, minha contribuição para os estudos de gênero, especialmente no que diz respeito à experiência feminina na cidade. As relações do gênero feminino com o espaço livre público seguem sendo pouco investigadas, embora sejam fundamentais para a construção de uma cidade mais inclusiva. Com esta pesquisa, proponho transbordar os limites teóricos, buscando dar voz às mulheres que experienciam a cidade cotidianamente.

Para isso, proponho uma metodologia de aproximação, a cartografia socio-morfológica, que sobrepõe diferentes perspectivas e escalas sobre os parques urbanos. Inicialmente, adoto um olhar externo, mediado pelas narrativas midiáticas e pela temporalidade dos espaços, construído a partir da pesquisa documental. A seguir, o meu próprio contato com os parques urbanos, por meio da caminhografia urbana (Rocha; Santos, 2023), em que apresento esses espaços a partir de minhas vivências corporais e sensoriais durante os deslocamentos realizados nos parques.

Na sequência, busco compreender as percepções das mulheres que frequentam os espaços livres públicos, adotando uma escuta ativa que ultrapassa os sentidos da minha própria experiência. A entrevista de manejo cartográfico (Tedesco; Sade; Caliman, 2013), método qualitativo e flexível, permite-me captar não apenas informações, mas também vivências e emoções. Ao privilegiar as dinâmicas dos encontros e atravessamentos, essa estratégia investiga as experiências de forma sensível e acolhedora — condição essencial para potencializar as vozes das mulheres.

Por fim, reconheço que os interesses que mobilizam esta pesquisa partem da minha própria experiência enquanto mulher que, diariamente, vive, observa e enfrenta

desafios e questionamentos relacionados à perspectiva de gênero nos espaços livres públicos. As vivências femininas, em diferentes lugares e situações, são atravessadas por cuidados, inseguranças, alegrias e pertencimentos. Este trabalho propõe-se, portanto, a explorar e registrar algumas dessas experiências.

O Quadro 1 apresenta uma síntese do projeto de pesquisa da dissertação.

ASSUNTO	PROJETO DE PESQUISA
Título	Parques Urbanos em Caxias do Sul – RS: uma análise sob a ótica feminina
Foco	Experiências femininas nos espaços livres públicos, em particular nos parques urbanos de Caxias do Sul - RS
Recorte espacial	Os 4 parques urbanos – Parque Cinquentenário, Parque dos Macaquinhos, Parque da Lagoa e Parque das Araucárias
Questão central	Como a população feminina de Caxias do Sul – RS percebe os parques urbanos da cidade e de que forma eles são aproveitados pela sua comunidade?
Objetivo geral	Explorar e registrar as dinâmicas sociais e uso dos parques urbanos de Caxias do Sul – RS sob a ótica feminina
Objetivos específicos	(a) Investigar as origens da construção dos parques urbanos de Caxias do Sul – RS; (b) Estruturar uma metodologia que permita desenvolver cartografias socio-morfológicas; (c) Construir aportes possíveis para a maior integração da questão de gênero nos estudos e projetos de espaços públicos
Metodologia	Cartografia socio-morfológica que é composta pelas seguintes estratégias: (1) pesquisa documental (2) caminhografia (3) narrativas compartilhadas

Quadro 1: Síntese do Projeto de Pesquisa
Fonte: da autora, 2025.

O Quadro 2 sintetiza a estrutura do trabalho, conectando as questões parciais aos objetivos específicos. Esses objetivos requerem estratégias e ferramentas combinadas. Portanto, os capítulos são organizados de maneira a atender cada um desses questionamentos.

QUESTÃO CENTRAL: como a população feminina de Caxias do Sul - RS percebe os parques urbanos da cidade e de que forma eles são aproveitados pelas mesmas?

OBJETIVO GERAL: explorar e registrar as dinâmicas sociais e uso dos parques urbanos de Caxias do Sul-RS

QUESTÕES PARCIAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	3. A CONSTRUÇÃO DE UMA CARTOGRAFIA SOCIO-MORFOLÓGICA	CAPÍTULOS
Como o processo histórico e o contexto dos parques urbanos influenciam na forma como são vivenciados atualmente?	(a) Investigar as origens da construção dos parques urbanos de Caxias do Sul – RS	- Pesquisa documental: contextualização histórica, construção imagética e temporalidades - Narrativas compartilhadas: entrevista manejo cartográfico e escuta ativa à comunidade feminina	2. Fundamentos teóricos 4. A arte de andar nas ruas de Caxias do Sul 5. O encontro com as narrativas femininas
De que forma as distinções observadas entre os parques, decorrentes de suas diversas localizações na malha urbana e características sociais, podem influenciar a utilização do espaço?	(b) Estruturar uma metodologia que permita desenvolver cartografias socio-morfológicas	- Pesquisa documental: contextualização histórica, construção imagética e temporalidades - Caminhografia: caminhar como prática investigativa corporeidade e sensorialidade - Narrativas compartilhadas: provocações/conversas informais	2. Fundamentos teóricos 4. A arte de andar nas ruas de Caxias do Sul 5. O encontro com as narrativas femininas
De que maneira as diferentes concepções de gênero se relacionam com o ambiente e quais são essas concepções?	(c) Construir aportes possíveis para a maior integração da questão de gênero nos estudos e projetos de espaços públicos	- Caminhografia: caminhar como prática investigativa corporeidade e sensorialidade - Narrativas compartilhadas: entrevista manejo cartográfico e escuta ativa à comunidade feminina	2. Fundamentos teóricos 4. A arte de andar nas ruas de Caxias do Sul 5. O encontro com as narrativas femininas

Quadro 2: Síntese da organização da dissertação
Fonte: da autora, 2025.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos. O primeiro capítulo, que corresponde ao presente, introduz a temática e propõe uma problematização do

contexto da pesquisa, apresentando as considerações iniciais que fundamentam este trabalho.

No segundo capítulo, desenvolvo os fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa, explorando os principais conceitos relacionados a atmosferas, percepção, parques urbanos, gênero e interseccionalidade. Busco, assim, evidenciar como esses temas se entrelaçam na construção da análise, bem como identificar as figuras que compõem esse panorama teórico.

No terceiro capítulo, delinheio os caminhos metodológicos adotados. A pesquisa estrutura-se a partir de uma abordagem multiescalar e multimétodos, denominada como cartografia socio-morfológica. A metodologia possibilita não apenas uma compreensão espacial dos parques, mas também a valorização das experiências vivenciadas nesses espaços — tanto por mim, enquanto pesquisadora, quanto pelas mulheres da comunidade de Caxias do Sul.

O quarto capítulo ancora-se nas minhas próprias experiências na cidade, que constitui o cenário central das discussões aqui propostas. Apresento os personagens desta pesquisa, os parques urbanos e seu contexto na cidade de Caxias do Sul (RS), articulando memórias pessoais, percepções sensoriais e dados históricos. Busco identificar como as distinções entre os parques, decorrentes de sua localização na malha urbana e de seus modos de uso, influenciam diretamente as formas de apropriação desses espaços.

No quinto capítulo, trago para o centro da análise os encontros com a comunidade feminina. Assumo, nesse momento, o papel de ouvinte, a partir de uma escuta ativa e sensível, a fim de compreender as narrativas, percepções e experiências corporais das mulheres que frequentam os espaços livres públicos da cidade.

Por fim, no sexto capítulo, apresento as reflexões finais da pesquisa, reunindo as principais descobertas alcançadas ao longo do processo investigativo, bem como as limitações enfrentadas. Proponho, a partir dessas reflexões, uma leitura crítica sobre o percurso até aqui, os resultados obtidos e os possíveis desdobramentos futuros deste trabalho.



2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo busco explorar os principais entendimentos que fundamentam esta pesquisa, abrangendo temas como atmosferas, percepção, parque urbano, gênero e interseccionalidade, contextualizando-os à contemporaneidade e ao recorte específico aqui apresentado.

O diagrama a seguir ilustra as conexões entre essas ideias, evidenciando a forma como se entrelaçam — não apenas por meio de referências acadêmicas, mas também através das vozes da mídia, das habitantes de Caxias do Sul e de outros agentes que compõem esse panorama (Figura 3).

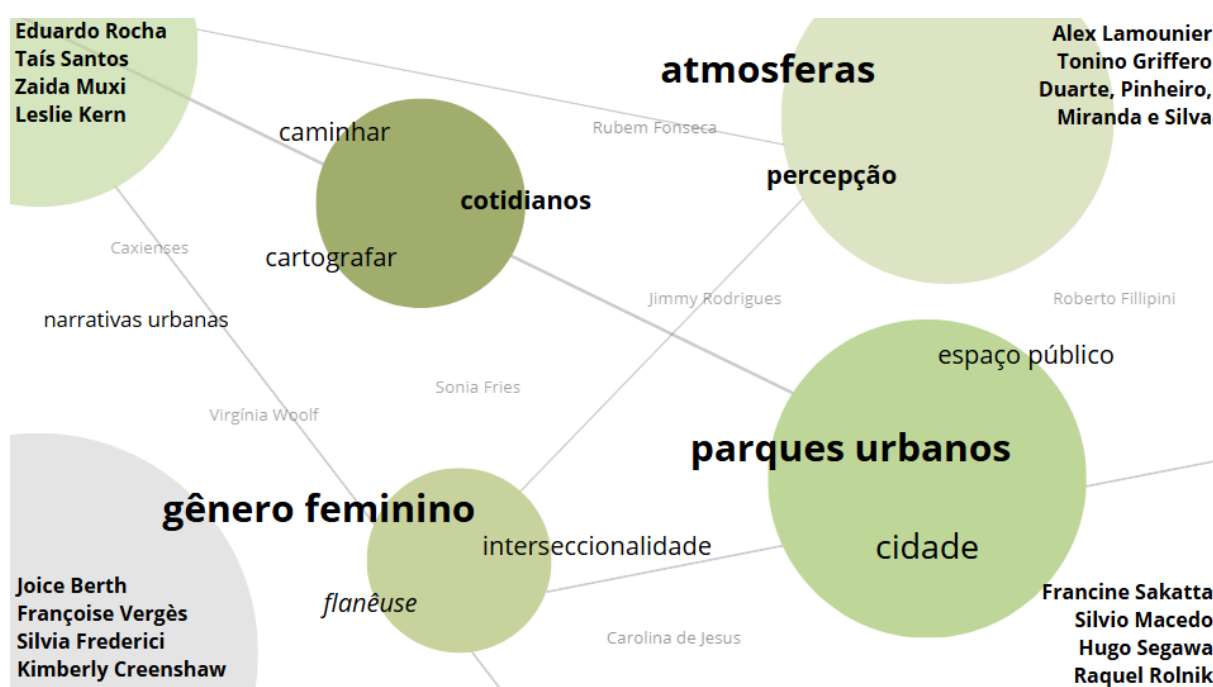


Figura 3: Síntese dos referenciais teóricos
Fonte: da autora, 2025

2.1 Atmosferas e Percepção

Falar sobre experiência urbana me questiona a considerar diversos elementos, sentidos, vivências, sensações e suas atmosferas. As atmosferas de um espaço livre são fundamentais para a experiência que dele se tem. Ela se forma a partir da interação entre os aspectos tangíveis e intangíveis dos ambientes.

A seguir, abordo os autores e autoras que debateram sobre essa temática.

Segundo Norberg-Schulz (1980), a atmosfera de um lugar não se limita à sua configuração física, mas se constrói também por meio das relações afetivas e

identitárias das pessoas com o espaço. Dessa forma, a cidade não é apenas um aglomerado de edificações e vias, mas um cenário vivo onde a vida ocorre e se manifesta de maneira singular. A atmosfera, portanto, é composta por valores, significados e sentimentos que permeiam os lugares, tornando-a mais do que um simples espaço físico, mas um ambiente carregado de histórias e subjetividades.

Para Griffero (2022), a atmosfera pode ser entendida como uma “pele” que envolve a cidade, integrando fatores geográficos, climáticos, históricos e socioculturais. Assim, a experiência urbana não se restringe à observação racional e objetiva do espaço, mas envolve uma imersão sensorial, afetiva e emocional no ambiente. O autor destaca que a atmosfera não é a soma de elementos isolados, mas sim a apreensão de um conjunto articulado, que precede a análise consciente e influencia desde o início a situação emocional do sujeito observador, resistindo a qualquer tentativa de controle racional ou projetivo. Dessa forma, sua percepção está profundamente ligada às primeiras impressões que o ambiente desperta em quem o habita.

Lamounier (2017) discute o conceito de atmosferas de preferência, enfatizando a importância das percepções e dos significados individuais que emergem da relação com a paisagem urbana. Essas atmosferas são construídas a partir de atribuições individuais de sentido, mas podem ser compartilhadas coletivamente em diferentes escalas. Essa transescalaridade resulta da interação de diversos fatores, como a intensidade da experiência vivida, valores culturais compartilhados e a capacidade de determinadas atmosferas de se expandirem no imaginário coletivo.

Nesse contexto, as percepções estão atreladas às atmosferas e não se trata apenas por atos isolados de captar objetos, mas como um processo que envolve a interação entre o ser humano e o meio. Elas emergem como um pano de fundo sensível, um suporte que permite que os fenômenos sejam vivenciados e compreendidos.

A percepção ocorre de maneira intuitiva e instintiva, antes mesmo da análise racional, como sugere Zumthor (2009, apud Duarte et al., 2002) ao afirmar que existe uma ligação emocional imediata entre o espaço e o observador. Esse vínculo inicial muitas vezes influencia a forma como uma pessoa experimenta determinado ambiente ao longo do tempo, criando relações afetivas duradouras com certos espaços e reforçando memórias associadas a eles.

Desde a infância, acumulamos um repertório sensorial que influencia profundamente nossa forma de compreender e interagir com o mundo ao nosso redor. De acordo com Duarte et al., (2022) a percepção está intrinsecamente ligada à vida de todo ser vivo, estabelecendo uma relação indissociável entre existência e experiência sensorial.

Nessa perspectiva, nossa visão de mundo, nossas memórias e os contextos culturais nos quais estamos inseridos atuam como filtros, modulando e relativizando a maneira como apreendemos e interpretamos o espaço e os fenômenos ao nosso redor. Cada ambiente que frequentamos, cada sensação que experimentamos e cada experiência vivida contribuem para a construção de um repertório sensorial que influencia a maneira como percebemos e interagimos com o espaço ao nosso redor.

A percepção não é simplesmente a coincidência com as coisas, mas a interpretação delas, conforme sugere Le Breton (2016, apud Duarte et al., 2022). Isso significa que não há uma experiência única e universal do espaço urbano, mas múltiplas vivências, determinadas pelas histórias, memórias e culturas de cada sujeito. A subjetividade de cada indivíduo desempenha um papel essencial na forma como a cidade é vivida e compreendida, tornando a experiência urbana algo profundamente pessoal e intransferível.

Nesse sentido, as experiências urbanas femininas revelam aspectos específicos que não podem ser ignorados. Diferentes corpos e papéis de gênero condicionam distintas formas de vivenciar a cidade. Como argumenta Martinez (2024), reconhecer essas distinções não significa reforçar desigualdades, mas compreender que diferentes experiências exigem diferentes formas de conhecer e estar no mundo. Todas nós temos a capacidade de fazer novos mundos urbanos, mundos urbanos feministas, mesmo que esses mundos durem apenas um instante (Kern, 2021).

As mulheres interagem com o espaço de maneira singular, pois suas vivências são atravessadas por questões como segurança, mobilidade e apropriação dos espaços públicos. O medo, a vigilância constante e a adaptação dos trajetos cotidianos para evitar situações de risco são exemplos de como a percepção da cidade pode ser profundamente marcada pelo gênero. Essa realidade influencia diretamente a forma como nós, mulheres, construímos nossas relações com os espaços urbanos, determinando, por exemplo, quais locais frequentamos e em quais horários nos sentimos seguras para transitar.

Ao mesmo tempo, não são apenas experiências negativas que nos atravessam nos espaços públicos. Há também o afeto, o sentimento de pertencimento e a potência de ocupar e usufruir os espaços livres, mesmo diante dos desafios e da luta constante contra o patriarcado. Como Federici (2021) aponta em “Reencantando o Mundo”, o “aposentar das panelas” simboliza não apenas a recusa do trabalho doméstico imposto, mas também a busca pela liberdade, pela construção de outras formas de viver e se relacionar. Esses processos também moldam nossas realidades e as atmosferas que habitamos.

Assim, falar sobre percepção exige considerá-la como fenômeno subjetivo, que varia conforme as vivências individuais e coletivas. Elas não podem ser tratadas como neutras, pois carregam consigo marcadores sociais que influenciam a forma como diferentes grupos experimentam e se relacionam com a cidade.

Essa perspectiva será explorada no Capítulo 4, dedicado às cartografias sensíveis, onde compartilho as minhas próprias derivas e observações, e o Capítulo 5 dedicado as percepções das mulheres caxienses, permitindo um recorte das vivências femininas nos parques urbanos de Caxias do Sul e uma compreensão mais ampla de como essas percepções se manifestam.

2.2 Parque Urbano como produto social

Falar sobre parques urbanos envolve pensar também sobre os modos como construímos e ocupamos os espaços livres nas cidades. Mais do que elementos paisagísticos ou áreas de lazer, os parques carregam camadas de história, poder e disputas. Ao olhar para sua origem e transformação, eles não apenas acompanham, mas também revelam as mudanças nos valores sociais e nas práticas de uso do espaço.

A seguir, abordo os autores e autoras que debateram sobre essa temática.

O parque urbano foi um produto da cidade da era industrial que nasceu a partir do século XIX, na Europa, da necessidade de ter ambientes ao ar livre em meio ao caos do meio urbano. A sua evolução acompanhou o desenvolvimento das cidades, tornando-se um importante testemunho dos valores sociais e culturais das populações urbanas (Segawa, 1996).

Já no Brasil, no Brasil, sua implantação não decorreu de uma rede urbana excessivamente adensada, mas do desejo de reproduzir espaços similares aos europeus em território nacional (Segawa, 1996). Um marco significativo nesse processo foi a criação do Passeio Público no Rio de Janeiro, no século XVIII, concebido como um espaço livre de uso aberto à toda população.

Com a chegada da família real portuguesa, surgiram então parques como o Campo de Santana e a Quinta da Boa Vista, que desempenharam um papel essencial na composição do cenário das elites emergentes. Esses espaços não apenas atendiam às demandas de lazer da aristocracia, mas também contribuíam para a construção de dessa imagem urbana que dialogava com os padrões estéticos e culturais de seus interlocutores internacionais (Macedo; Sakata, 2003). Assim, a criação desses parques refletia a tentativa da elite brasileira de reforçar sua proximidade com a Europa por meio da produção do espaço urbano.

Nesse contexto, os parques eram elementos urbanos que codificavam essa modernidade importada, completamente alheios às necessidades sociais da população urbana, que preferia outros espaços, como terreiros e várzeas (Macedo; Sakata, 2003). Os parques eram contemplativos, mas também segregadores, feitos para a *flânerie*, permitindo às pessoas passearem em cenários bucólicos que evocavam apenas essas paisagens europeias (Sakata, 2018) .

O acesso ao espaço público sempre foi historicamente restrito às elites, e os parques urbanos não são exceção. A noção de lazer como um privilégio vinculado ao consumo e ao direito de desfrutar da cidade e do tempo (Rolnik, 2000) reflete essa exclusividade. Normas e códigos de conduta dificultavam a presença das pessoas dependendo da sua de raça, gênero e classe social, reforçando a segregação e determinando quem poderia ou não ocupar esses espaços. Além disso, a localização privilegiada dos parques, frequentemente situados em áreas centrais e nobres, já indicava para quem eles eram destinados, tornando seu acesso mais difícil para os moradores das periferias.

Os parques passaram a ser considerados uma necessidade nacional apenas quando o crescimento urbano eliminou as áreas onde a população marginalizada costumava se reunir (Sakata, 2018). Com a perda desses espaços, elas passaram a frequentar

os mesmos locais de lazer da elite. No entanto, a presença de um público heterogêneo e numeroso exigiu a reinvenção da forma como os espaços livres eram projetados.

Esse período, marcado pelo crescimento da população urbana, também trouxe um aumento na demanda por espaços públicos de lazer, acompanhado da preocupação com a saúde e da necessidade de práticas esportivas. Diante disso, o poder público passou a reconhecer e atender essas demandas, incluindo os parques nas agendas de investimento de diversas cidades brasileiras. Como destaca Macedo (2012), a construção desses espaços tornou-se cada vez mais comum, pois, além de responder a uma necessidade real, os parques possuem grande visibilidade pública, gerando um retorno político significativo para seus idealizadores.

Nesse contexto, a democratização do lazer marcou uma nova fase a partir do século XX, ampliando a presença dos parques para as periferias, antes restritos às áreas nobres e centrais (Macedo; Sakata, 2003). Com isso, os parques passaram a assumir uma função menos inspirada nos modelos europeus, simplificando sua estrutura morfológica em relação aos antigos parques ecléticos.

Esses espaços passaram então a desempenhar um papel fundamental na vida urbana, estreitando as relações entre os indivíduos e fortalecendo o caráter público da cidade (Rolnik, 2000). No entanto, com o urbanismo moderno, muitas das funções que davam vitalidade a esses espaços migraram para áreas privadas, esvaziando sua dinâmica social.

Para Rolnik (2000), não são apenas as tradicionais categorias de classe social que moldam a ocupação dos espaços urbanos, mas também tribos, grupos, movimentos, gangues e minorias que se fecham em territórios específicos, restringindo a diversidade e o encontro - elementos que historicamente fundamentaram a civilização e a vida urbana. Esse isolamento contribui para o abandono desses espaços, tanto pela população quanto pelo poder público, resultando no aumento da violência e na percepção do espaço público como um local inseguro, perdendo seu papel integrador e protetor⁵.

⁵ Essas trajetórias dos parques urbanos serão exemplificadas em Caxias do Sul no Capítulo 4, onde as percepções dos parques são revisitadas por meio colagens e vídeos.

Todas essas transformações dos espaços públicos revelam e refletem as histórias que neles se desenrolaram, seja por meio de suas características formais, morfológicas ou sociais. Eles traduzem a forma como diferentes grupos se identificavam e se relacionavam com eles ao longo do tempo (Tângari; Andrade; Schlee, 2009). Percebo que o mesmo ocorre em Caxias do Sul, onde as particularidades dos parques refletem o período em que foram criados, evidenciando não apenas aspectos estéticos e urbanísticos, mas também as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldaram o seu desenvolvimento.

É importante destacar que, independentemente de sua conformação original, o modo como a população se apropria e vivencia cada parque pode desconsiderar ou ressignificar sua intenção projetual. Isso fica evidente na caminhografia, onde espaços vazios ganham novos significados e espaços equipados são utilizados de maneiras inesperadas.

Embora os parques urbanos tenham se consolidado no século XIX, ainda há controvérsias em relação ao seu conceito, tanto entre a população em geral quanto dentro dos órgãos públicos. Os pesquisadores investigam a definição de parques como parte integrante do sistema de espaços livres em meio urbano, mas seu papel é amplo e nem sempre claramente delimitado.

Segundo Kliass (1993), os parques urbanos são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação. Para Macedo (2012), as dimensões do parque são um fator importante, pois o mesmo deve proporcionar a execução de inúmeras atividades de um modo simultâneo, por diversos grupos, sendo esta uma das características que os diferencia das praças. Ele considera que é necessário que o parque tenha dimensões superiores a 2ha, pelo menos mais do que equivalente a dois quarteirões contínuos e interligados.

A Rede Nacional QUAPÁ-SEL considera como parque todo o espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é não é diretamente influenciada em sua configuração com relação ao traçado viário ou por nenhuma estrutura construída em seu entorno.

Para autores como Jackson (1980), o verdadeiro espaço público não é aquele desenhado nos planos, mas aquele feito pelas práticas de seus usuários. Essa visão ajuda a deslocar o olhar do projeto formal para o uso cotidiano, reconhecendo nos gestos, percursos e apropriações da vida urbana a força que transforma o espaço em lugar.

Nesse sentido, compreendo que os parques urbanos caxienses surgiram justamente a partir dessa lógica: não como objetos prontos, mas como territórios vivos que foram sendo conformados pelas experiências e demandas das pessoas. A exceção, nesse contexto, é o Parque Cinquentenário, que sempre teve como finalidade ser parque urbano. Entendo os parques urbanos como organismos em constante transformação, abertos à imprevisibilidade e ao tempo. Ambientes capazes de acolher a pluralidade de corpos e usos.

Durante as conversas com as participantes, percebi que, ao mencionarem os “parques” que frequentam, as mulheres também incluíam outros espaços, como a Praça Cidadania e o Campus da UCS⁶. Embora esses locais não sejam oficialmente reconhecidos como parques urbanos, seja pela academia ou pela administração pública, para elas, cumprem essa função simbólica e prática. Reconhecer isso só foi possível graças à escuta atenta e ao diálogo com as usuárias, o que evidencia como a vivência cotidiana pode subverter e ressignificar categorias espaciais previamente estabelecidas.

Neste trabalho, tomo como ponto de partida os quatro parques “oficiais” de Caxias do Sul, com o objetivo de construir um panorama inicial e aprofundar a análise desses espaços já consolidados, especialmente diante da escassez de pesquisas anteriores sobre eles. Em desdobramentos futuros, talvez seja possível incorporar outros espaços “em transformação” — como os mencionados pelas participantes — a partir de uma definição ampliada de parque urbano, que considere não apenas os critérios formais e institucionais, mas também as formas diversas de apropriação, uso e vivência cotidiana desses territórios.

2.3 Performance Feminina

Neste trabalho, o conceito de performance, tal como proposto por Latour (2007),

⁶ Universidade de Caxias do Sul (UCS).

refere-se à maneira como algo se torna real por meio da prática, como um processo contínuo de constituição da realidade. Portanto, não é apenas um reflexo de algo já estabelecido, mas a própria constituição da realidade por meio de práticas e conexões. Nesse sentido, a performance feminina envolve a interseção das relações e vivências femininas dentro do próprio contexto urbano.

A presença das mulheres nos espaços livres públicos é, como propõe Federici (2021), um gesto profundamente político. Ao romper com o confinamento histórico ao espaço doméstico — imposto pelo patriarcado e intensificado pelo capitalismo — mulheres que “aposentam as panelas” e ocupam ruas, praças e parques desafiam as estruturas que tornaram o cuidado invisível e recluso. Estar na cidade, nesse sentido, é mais do que circular: é reivindicar o direito de existir publicamente, de ser vista, de participar da vida comum e de transformá-la.

Federici (2021) argumenta que ocupar o espaço livre público, mesmo diante do medo ou da vigilância, é um ato revolucionário. A cidade deve ser pensada como parte dos “comuns”, territórios da reprodução da vida que precisam ser defendidos da mercantilização e da exclusão. Quando mulheres se apropriam desses espaços coletivamente, reencantam o mundo ao colocar no centro o cuidado, a solidariedade e a resistência cotidiana, apontando para formas de vida que rompem com a lógica patriarcal e neoliberal.

Entretanto, estar na cidade nunca foi considerado um ato feminino. Como destaca Martinez (2024), a proximidade máxima aceita do corpo feminino com o espaço público era representada pela figura pictórica da “mulher na janela”. Essa figura, recorrente sobretudo a partir do século XIX na pintura, literatura e imaginário burguês, simboliza a mulher confinada ao espaço doméstico, mas ainda assim voltada — de forma contida e vigiada — para o mundo exterior. Trata-se de um arquétipo que traduz a separação moderna entre os domínios do masculino (o espaço público) e do feminino (o espaço privado), reforçando a ideia de que à mulher cabia observar, jamais atravessar, a cidade. A janela, nesse contexto, não funcionava como um portal a ser atravessado, mas como uma barreira, uma moldura através da qual se enxerga um mundo do qual não se faz parte e que também não lhe pertence.

Em contrapartida, o encantamento e a liberdade pela cidade constituem uma temática recorrente entre escritores do sexo masculino. Desde Charles Baudelaire, com seus escritos em “O Pintor da Vida Moderna” no século XIX, até Rubem Fonseca, com seus textos sobre “A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro” no final do século XX, o *flâneur* emerge como o protagonista que perambula pelas ruas em busca de si mesmo, imerso no mundo da burguesia. Contudo, em contraste, a presença feminina nesse cenário, tanto nos espaços públicos quanto na literatura, é escassa.

Caso fosse viável voltar no tempo, seria possível descobrir que as *flâneuses*⁷ transitavam pelas mesmas ruas frequentadas por Charles Baudelaire (Elkin, 2022). No entanto, sua presença não era interpretada da mesma forma que a do *flâneur*, entendido como um homem respeitável vagando pela cidade. Em geral, ela era uma trabalhadora que se aventurava pelas ruas em busca de melhores condições de vida.

Para as mulheres, ser uma flanadora sempre foi preocupante, gostar de ficar sozinha exigia respeito pelo espaço pessoal, um privilégio que raramente foi concedido as mulheres (Kern, 2021). Nessa perspectiva, Virginia Woolf surge como uma figura notável. No início do século XX, em Londres, um ambiente em que a liberdade para as mulheres saírem sozinhas já estava mais estabelecida, ela inicia sua jornada na cidade, jornada que também procuro compreender e resgatar neste estudo.

Os seus contos conferem perspectivas sobre a experiência feminina na cidade. Em obras como “Mrs. Dalloway” (1920) e “Um Teto Todo Seu” (1928), Woolf explora as nuances da vida urbana para suas personagens femininas, desvendando as complexidades da identidade e autonomia em um contexto urbano. A cidade, em suas narrativas, torna-se um palco onde as mulheres negociam sua identidade, desafiam padrões sociais e reivindicam sua existência em meio aos desafios da vida urbana.

Sentia-se muito jovem; e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma navalha através de tudo; e ao mesmo tempo ficava de fora, olhando. Tinha a perpétua sensação, enquanto olhava os carros, de estar fora, longe e sozinha no meio do mar; sempre sentira que era muito, muito perigoso viver, por um só dia que fosse (Woolf, 2017, p. 9).

⁷ O uso do termo “*flâneuse*” proposto por Elkin (2022) aborda o aspecto feminino até então não enfatizado na palavra “*flâneur*”. A palavra vem com o intuito de englobar as mulheres no perambular das cidades, não só de maneira física, mas também literal e simbólica.

A percepção de que a vida é “muito, muito perigosa, mesmo por um único dia” sugere a vulnerabilidade ocasionada pelo contexto urbano. A cidade, repleta de estímulos intensos, frequentemente expõe as pessoas a riscos e incertezas, amplificando a sensação de insegurança, principalmente porque o papel feminino foi historicamente associado ao espaço doméstico, estar na cidade era perigoso diante de tudo o que já foi compartilhado para elas.

É preciso enfatizar que mesmo em períodos caracterizados por rígidas normas de gênero, algumas foram capazes de explorar a cidade (Elkin, 2022). Suas resistências desempenharam um papel fundamental na evolução para o cenário contemporâneo, onde desfrutamos da liberdade do ir e vir. No entanto, como aponta Berth (2023), esses limites não são apenas institucionais, mas também simbólicos e psicológicos, variando conforme alguns marcadores, entre eles o gênero.

Nesse sentido, nossos limites estão diretamente ligados à forma como percebemos e somos percebidas em nossas experiências urbanas. Sante (2015), ao abordar o *flâneur*, argumenta que ele é exclusivamente masculino, pois tem a capacidade de se tornar “invisível” em relação ao espaço, defendendo assim a exclusividade desse papel para os homens. O problema é que as mulheres não têm o privilégio de passar despercebidas. Elas não buscam ser visíveis, elas são percebidas dessa maneira dentro da conjuntura de sociedade patriarcal que permeia até os dias atuais. Elkin (2022) aborda esse tema em seu livro “*Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade*”:

Gostaríamos de ser invisíveis...Não somos nós que nos fazemos visíveis, no que se refere ao alvoroço que uma mulher sozinha em público pode causar...Mas, se nossa presença é tão chamativa, por que fomos excluídas da história das cidades? (Elkin, 2022, p. 27).

Embora atualmente as mulheres sejam muito mais livres para se movimentar nas cidades da mesma forma que os homens (dependendo, é claro, da classe social, da raça e do contexto urbano), elas permanecem conscientes de que ficar sozinhas significa tornar-se vulnerável a uma atenção indesejável e à ameaça de violência.

Além disso, é fundamental destacar que, para muitas mulheres, sair de casa não é uma escolha, especialmente no Brasil. Estatísticas revelam que a maioria dos domicílios no país é chefiado por mulheres, aproximadamente 51%, o que totaliza cerca de 38 milhões de famílias, de acordo com dados do DIEESE (2023). Nesse

sentido, milhares de mulheres precisam, sozinhas, cuidar não apenas de sua família, mas também precisam trabalhar para promover renda e o sustento familiar.

Elas também precisam desempenhar funções domésticas, o que representa sua segunda ou terceira jornada de trabalho. Elas passam a ter dois espaços de trabalho: dentro e fora de casa. A dinâmica de seu dia a dia inclui não apenas ir e voltar do local de seu trabalho, mas também realizar compras necessárias para a casa, levar filhos à escola, acompanhar pessoas mais idosas e crianças da família a consultas médicas, entre outras tarefas. Dessa forma, estar no espaço livre público para lazer torna-se quase impensável, pois não há tempo disponível.

Segundo Vergès (2023), grande parte dessas mulheres são inseridas em uma economia do desgaste, caracterizada pelo trabalho extenuante, a precarização e a desvalorização de determinadas vidas, especialmente das mulheres negras. Esses corpos são historicamente tratados como descartáveis e exploráveis, uma herança do colonialismo e da escravidão que persiste sob novas formas no mundo globalizado. Essa realidade se manifesta em múltiplas dimensões do cotidiano, seja na sobrecarga de tarefas invisibilizadas, como o trabalho doméstico e de cuidado, seja na própria experiência de ocupar a cidade.

A interseção entre gênero, classe, raça, e outros marcadores sociais gera dinâmicas complexas que moldam as vivências e desafios dessas mulheres tanto no espaço público como no privado. Nesse sentido, como argumenta Martinez (2024): “é preciso libertá-las do trabalho doméstico e do cuidado para elas serem cidadãs”.

Discutir a cidade sob a perspectiva das mulheres também implica discutir as suas interseções. Conforme Berth (2023) aponta, homens e mulheres vivenciam realidades urbanas distintas, mas também há disparidades entre mulheres brancas, negras e indígenas. Abordar e compreender essas desigualdades é crucial para garantir que as mulheres possam viver com dignidade de portas abertas para a cidade.

Nesse sentido, em contraste com Virginia Woolf, que ocupou um papel proeminente na cena social e urbana, é fundamental reconhecer que, no início do século XX, uma mulher branca, europeia e de classe alta desfrutava de privilégios em relação a outras mulheres. Um exemplo marcante dessa desigualdade pode ser encontrado na obra

“Quarto de Despejo” (1960), de Carolina Maria de Jesus, que retrata sua vivência como mulher negra na favela do Canindé, em São Paulo, durante as décadas de 1950 e 1960.

Carolina proporciona uma visão singular e intensa da vivência da mulher na cidade, especialmente em um cenário marcado pela pobreza e pela discriminação racial. Sua narrativa oferece uma perspectiva sobre a vida urbana das mulheres marginalizadas, servindo como um testemunho de sua luta incansável por dignidade e igualdade.

Hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. [...] Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado (Jesus, 2019, p. 41).

Carolina é apenas uma entre as milhares de mulheres que lideram as famílias brasileiras, como mencionado anteriormente. Sua luta na cidade era diária, dia após dia, sem a garantia de poder sustentar sua família no dia seguinte. Seu relato revela uma experiência que anteriormente permanecia oculta, como mulher negra, solteira e de baixa renda. Ela mesma retrata não apenas o preconceito racial, mas também as dificuldades impostas pelo gênero: “Como é pungente a condição da mulher sozinha, sem um homem no lar”. Essas palavras ressoam não apenas como uma reflexão sobre sua própria realidade, mas também como um eco das lutas enfrentadas por muitas mulheres em situações semelhantes.

Por conta disso, é preciso compreender que as experiências de gênero não podem ser reduzidas a categorias separadas de discriminação, elas são sobreposições de camadas, interseccionadas de maneira complexa (Crenshaw, 2002). Segundo Martinez (2024), as diferentes realidades vividas são obtidas das diferentes experiências, e, portanto, diferentes dados de partida, com diferentes papéis de gênero e de diferentes corpos. Reconhecer essas distinções não significa reafirmar a desigualdade, mas sim reconhecer que diferentes experiências requerem diferentes maneiras de conhecer e ser no mundo.

De acordo com Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade lança luz justamente sobre esses aspectos da experiência individual que muitas vezes podemos não perceber. Em vez de considerar as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de

raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo, como abordado pelas autoras:

“Não é apenas meu gênero, pelo qual vivencio o mundo, é a minha cultura e raça que precede meu gênero. Na verdade, se sou objeto de alguma forma de discriminação, é muito difícil separar o que acontece comigo por causa do meu gênero e o que acontece comigo por causa da minha cultura ou raça. Separar de forma artificial meu gênero da minha raça e cultura me força a negar a maneira como vivencio o mundo” (Collins; Bilge, 2021, p. 97).

De acordo com Berth (2023), esses marcadores sociais são fissuras que operam tanto de forma independente quanto em conjunto. Raça, classe social, idade, experiências de vida, expressão da sexualidade e estado civil, todas exercem um impacto significativo na experiência de gênero. A interseccionalidade emerge dessa dinâmica de sobreposição, e infelizmente essas várias interseções tendem a moldar ainda mais a percepção sobre as mulheres nos espaços públicos. Cada interseção adicional vivenciada por uma mulher intensifica seus desafios, não apenas na relação com a cidade, mas também em sua própria existência.



3. A CONSTRUÇÃO DE UMA CARTOGRAFIA SOCIO-MORFOLÓGICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os caminhos escolhidos ao longo desta pesquisa, bem como as estratégias e abordagens utilizadas para compreender a relação do gênero feminino com os parques urbanos. A proposta de uma cartografia sócio-morfológica surgiu da necessidade de construir um método sensível e acessível, capaz de acolher as múltiplas experiências de mulheres nos espaços livres públicos, sobretudo em contextos urbanos brasileiros marcados por desigualdades estruturais.

Ao longo do processo, dialoguei com diversas metodologias de análise urbana orientadas ao gênero, como o Hercity⁸ da ONU-Habitat ou o Manual de Análise Urbana⁹ das políticas da comunidade autônoma do País Basco. Ambas as iniciativas oferecem contribuições importantes para o fortalecimento da participação feminina no planejamento urbano. No entanto, percebi que algumas dessas estratégias, apesar de seu caráter participativo, exigem infraestrutura digital e familiaridade com tecnologias, o que pode representar uma barreira para parte da população feminina, especialmente em contextos latino-americanos. Essa limitação pode restringir o alcance dessas propostas, caso não sejam adaptadas às realidades locais.

Inspirada por esse conjunto de práticas, procurei construir uma abordagem metodológica atenta à diversidade das experiências femininas no espaço urbano, contemplando diferentes realidades e perfis sociais. Além disso, abordando os processos temporais nos parques urbanos, suas configurações espaciais e a minha própria vivência no espaço urbano.

Para isso, adotei a metodologia multiescalar e multimétodos, combinando três eixos: **(1) a pesquisa documental**, com análise de documentos e reportagens; **(2) a caminhografia**, como prática sensível e performativa de mapeamento no espaço; e **(3) as narrativas compartilhadas**, construídas por meio de conversas e escutas com mulheres da comunidade (Figura 4).

⁸ Desenvolvida pela ONU-Habitat, a ferramenta HERcity parte do princípio de que envolver mulheres e meninas no desenvolvimento urbano trará cidades melhores para todos. A metodologia oferece um processo que contém nove fases e é guiado por uma diretriz digital sobre como planejar cidades sob o olhar de mulheres e meninas (Onu-Habitat, 2023).

⁹ O Manual de Análise Urbana sobre Gênero e Vida Cotidiana é um guia para a criação de mapas urbanos com a participação das mulheres e das comunidades do País Basco, visando promover cidades mais inclusivas e igualitárias (Manual de Análise Urbana, 2010).

cartografia sócio-morfológica

síntese das estratégias

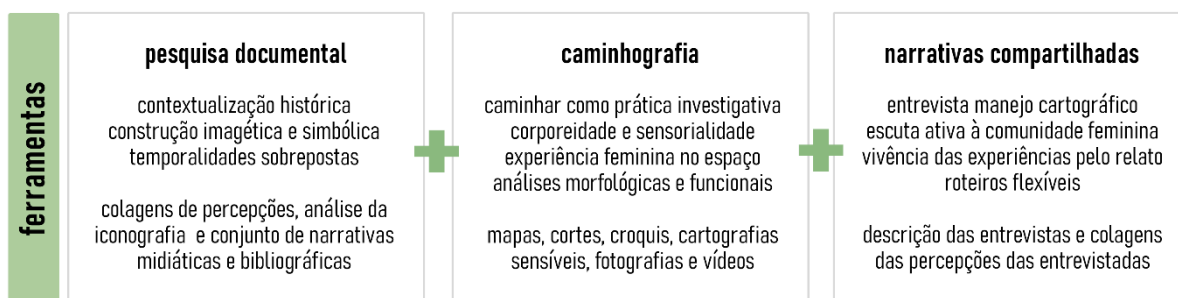


Figura 4: Síntese das estratégias da cartografia sócio-morfológica
Fonte: da autora, 2024

A cartografia sócio-morfológica atua como ferramenta capaz de registrar não apenas os aspectos físicos e funcionais dos parques urbanos, mas também as camadas simbólicas, afetivas e subjetivas que os atravessam. Trata-se, assim, de uma abordagem que busca produzir leituras mais integradas e sensíveis dos espaços livres públicos, a partir das experiências femininas que os constituem cotidianamente.

Nos tópicos seguintes, descrevo as etapas dessa abordagem, evidenciando como a escuta, o corpo e o território se entrelaçaram na construção de uma leitura mais sensível e representativa dos parques urbanos da cidade de Caxias do Sul – RS.

3.1 Pesquisa documental

A pesquisa documental foi uma etapa investigativa do estudo. Ela envolve a busca por vestígios dos parques urbanos em arquivos digitais da prefeitura, bibliotecas, arquivos históricos municipais, jornais e reportagens. Esse conjunto de fontes serviu de base para compreender as temporalidades e processos históricos de conformação dos parques, bem como identificar quais corpos os frequentavam ao longo do tempo.

Com base nos vestígios coletados na Hemeroteca Digital, foram elaboradas colagens representativas de cada parque urbano, utilizando recortes de jornais locais que abrangem o período da década de 1970 até meados de 2023. A seleção dos recortes priorizou menções a esses espaços e suas atmosferas, seja a partir da opinião dos entrevistados, seja pela perspectiva dos jornalistas. Como o foco é evidenciar o imaginário coletivo sobre esses parques sob a ótica caxiense, a datação exata de

cada recorte tornou-se secundária diante da importância do conjunto narrativo formado.

Esses relatos e percepções ajudaram a construir o imaginário urbano dos parques de Caxias do Sul ao longo do tempo, revelando as formas como os habitantes vivenciam, ou não, os espaços livres públicos da cidade. É importante ressaltar que essa é apenas uma das formas de visualizá-los, destacando o papel da mídia na criação desses imaginários. Esta pesquisa se volta para o universo feminino, e as reflexões a partir dessa etapa ajudarão a entender se o imaginário feminino está alinhado com esses relatos ou se apresenta contrastes.

3.2 Caminhografia

A caminhografia urbana (Rocha; Santos, 2023) se refere à união entre o caminhar e o cartografar como atos simultâneos e sensíveis de produção de conhecimento. Essa abordagem encontra sustentação teórica em autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), para quem a cartografia não é um método de representação estática, mas um modo de operar rizomaticamente sobre o real, conectando fluxos, afetos e experiências.

A ideia do rizoma, permite pensar o espaço urbano como um campo de conexões múltiplas, descentrado e em constante movimento. A cada caminhada, desterritorializo significados pré-estabelecidos e reterritorializo sentidos a partir da minha experiência situada no espaço. Essa perspectiva será retomada nos capítulos 4 e 5 ao tratar das vivências femininas pelos parques urbanos, como forma de pensar a produção de espacialidades a partir dos corpos no território.

A performatividade do caminhar remonta ainda à deriva situacionista proposta por Guy Debord (1967), entendida aqui como uma tática crítica e poética de explorar o urbano a partir do deambular. Essa prática se desdobra na noção da *flâneuse*, figura historicamente invisibilizada nas narrativas sobre a cidade, mas aqui reivindicada como um posicionamento metodológico e político: caminhar como mulher, com todos os riscos e potências que esse gesto envolve.

Como aponta Solnit (2016), o caminhar é um gesto carregado de significados culturais e sociais, mas cuja liberdade plena nunca foi igualmente distribuída. Para as

mulheres, ocupar a cidade com o corpo em movimento é também um modo de reinscrever sentidos no espaço livre público e reivindicar presenças que historicamente lhes foram negadas.

A caminhografia se diferencia de outras metodologias cartográficas ao integrar sensorialidade, corporeidade e experiência nos procedimentos espaciais de mapeamento. Isso permite acessar dimensões subjetivas e simbólicas dos lugares, muitas vezes invisibilizadas por análises exclusivamente morfológicas. Os registros das caminhadas, realizados por meio de mapas, desenhos, fotografias e vídeos, traduzem não apenas trajetos, mas sensações, pausas, conflitos, desejos e medos.

Como destaca Tuan (1983), o estar e o ser na paisagem produzem um saber do lugar que é afetivo, encarnado e relacional. Esse saber, situado e encarnado no corpo de uma mulher que caminha, tensiona os modos como os espaços livres públicos são organizados e percebidos, especialmente no que diz respeito à presença e participação feminina.

Para dar conta das múltiplas escalas envolvidas na experiência urbana, essa abordagem foi complementada com análises morfológicas, baseadas nas diretrizes do grupo QUAPÁ-SEL, tal como apresentadas por Silvio Macedo e Francine Sakata (2003) em Parques Urbanos no Brasil. Essas análises permitiram identificar e sistematizar as características físicas e funcionais dos parques, seus equipamentos, usos e relação com os entornos urbanos. A articulação entre essa dimensão objetiva e os registros subjetivos do caminhar.

Dessa forma, a caminhografia urbana aqui desenvolvida articula três níveis analíticos: **(1) o nível morfológico**, que lê o parque enquanto forma e estrutura urbana; **(2) o nível funcional**, que identifica usos e potenciais; e **(3) o nível sensível**, que emerge das caminhografias e das vivências femininas no espaço. Essa metodologia será fundamental para compreender, nos capítulos seguintes, como os parques urbanos operam não apenas como infraestrutura físico, mas como espaços simbólicos e políticos nas quais se materializam disputas de uso, presença e pertencimento.

3.3 Narrativas compartilhadas

Nessa etapa, busquei compreender para além dos meus próprios sentidos como pesquisadora, entendendo as percepções das mulheres que frequentam esses espaços, através de uma escuta ativa. Essa interação, feita sob a forma de provocações, com intuito de promover uma conversa informal capaz de captar as suas emoções, percepções e valores (Rheingantz; Azevedo; Brasileiro, 2009).

Além disso, conforme comentam Tedesco, Sade e Caliman (2013), a entrevista buscou não apenas falar sobre a experiência, mas sim vivenciar a experiência através da fala. Nesse sentido, para essa pesquisa adotei a entrevista de manejo cartográfico, um método caracterizado por seu aspecto qualitativo, semelhante a uma conversa, com um roteiro de perguntas flexíveis e adaptáveis a cada situação. Um processo que transcende o modelo tradicional de perguntas e respostas.

Em se tratando das experiências do gênero feminino nos espaços públicos, que podem variar entre boas e ruins, muitas vezes marcadas por medos, inseguranças ou traumas, o meu papel como pesquisadora tornou-se fundamental. Foi preciso criar um ambiente acolhedor e receptivo, onde tornara-se possível capturar essas vivências e dar voz às experiências dessas mulheres, como aponta Rolnik (1989) em *Cartografia Sentimental*:

“Entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima -céus da transcendência- nem embaixo -brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão” (Rolnik, 1989, p. 66)

Nesse sentido, as percepções femininas não precisaram ser explicadas ou justificadas, mas simplesmente escutadas. Essa cartografia que vai além do aspecto meramente físico, e permite explorar essas experiências de maneira singular, direcionada pela sensibilidade e pelas histórias vividas.

Dessa forma, para a melhor entendimento dessas conversas, foram desenvolvidas colagens, em que cada uma contará a história de uma dessas mulheres. Assim como utilizei recortes de jornais para construir a percepção dos parques, aqui retomo essa abordagem: cada mulher traz seus próprios "recortes" — suas vivências e experiências — que juntas compõem essa "imagem" do parque sob sua ótica.

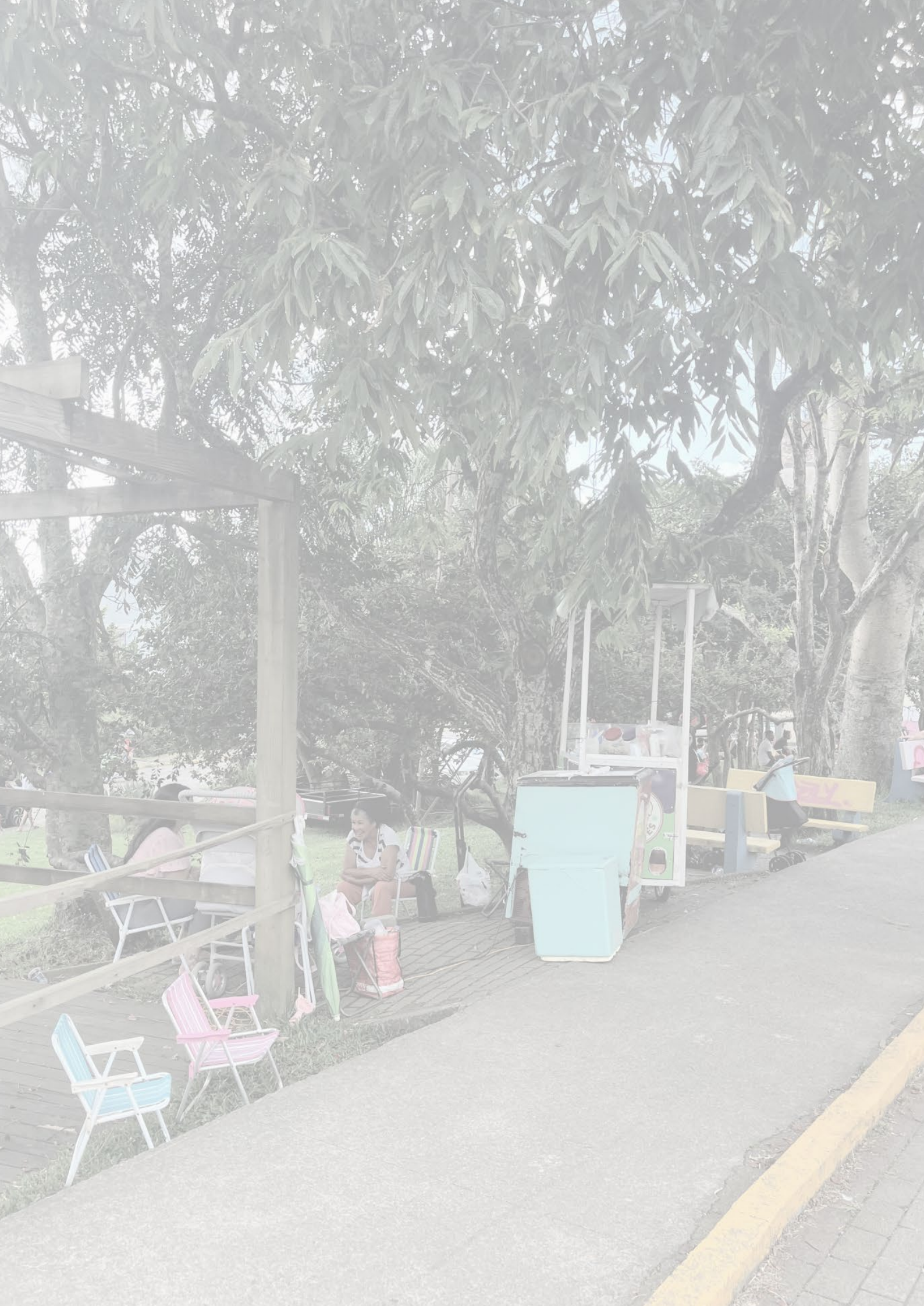
3.4 Representações

Com o objetivo de integrar as diversas cartografias produzidas ao longo da pesquisa, elaborei representações individuais para cada um dos parques urbanos analisados, reunindo as múltiplas perspectivas das experiências nos espaços livres públicos. Essas representações incorporam os vestígios de todo o percurso desenvolvido até aqui, incluindo: o contexto histórico, as temporalidades, as caminhadas e as experiências femininas no território, cujos entrelaçamentos operam simultaneamente como ferramenta de reflexão e como contribuição simbólica e metodológica.

Nesse processo, desenvolvi quadros-síntese que organizam as ferramentas e registros utilizados na análise de cada parque, contemplando as diferentes escalas abordadas até o momento. Esses quadros funcionam como sínteses textuais dos relatos, reunindo e condensando as informações produzidas na pesquisa a fim de reconstruir, de maneira articulada, as trajetórias de cada um dos espaços estudados.

Além da dimensão textual, considerei fundamental a produção de uma abordagem imagética. A partir do acervo fotográfico reunido, elaborei, em conjunto com as narrativas, uma representação em forma de linha do tempo, que acompanha o percurso de cada parque desde sua origem até o momento da pesquisa. Essa linha do tempo é complementada por colagens que traduzem visualmente os marcos simbólicos e espaciais de cada trajetória. E como linha do tempo, sabe-se que a partir desta pesquisa, no ano de 2025, eles vão seguir em transformação.

Para ampliar a clareza das narrativas e facilitar sua leitura, organizei as percepções em categorias positivas e negativas, o que permite uma visualização imediata das experiências e discursos construídos em torno dos parques. Todos esses elementos (textos, imagens, registros e sínteses) articulam-se na construção da cartografia sócio-morfológica, metodologia proposta por esta pesquisa.



4. A ARTE DE ANDAR NAS RUAS DE CAXIAS DO SUL

Parafraseando Rubem Fonseca, em seu livro “Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro (2009)”, que transforma o ordinário em extraordinário, revelando as camadas ocultas da vida urbana, inicio este capítulo com alguns dos mesmos propósitos desse escritor: comentar a cidade e seus espaços livres públicos por meio de uma reflexão baseada na experiência de caminhar e nas suas histórias. Contudo, faço isso a partir de um lugar distinto, a cidade de Caxias do Sul - RS.

Neste capítulo, foram mobilizadas duas das estratégias principais: a pesquisa documental e a caminhografia, junto das análises morfológicas e espaciais, como forma de apresentar, registrar e interpretar os parques urbanos em estudo. A partir desses registros, busquei explorar as diferentes faces e fases vivenciadas por cada parque, articulando suas transformações no tempo com a experiência espacial e sensorial observada em campo.

4.1 A cidade e a outra forma de contar sua história

Muito antes da própria Caxias do Sul, havia um território chamado Campo dos Bugres. Segundo Antunes (1957), em seu livro sobre a história documentada da cidade, “só tribos de índios estavam lá, foi apenas em 1885 que a região se tornou habitada, pela chegada dos primeiros imigrantes italianos”. Isso marca o início de muitas histórias, não exclusivas de Caxias do Sul, que são narradas pela perspectiva de poucos. Infelizmente, os relatos que temos hoje foram registrados pelos que estavam no poder: os homens brancos europeus.

Esses relatos iniciais, infelizmente comuns à maioria das cidades, servem como um apelo para que essas histórias sejam reconsideradas, a partir dos olhares de outras pessoas que também fizeram parte da cidade. Esta pesquisa, embora se apoie na bagagem histórica para sua composição, não busca recontar histórias do passado, mas busca ser reescrita a partir das narrativas de uma parcela da população que não teve voz ao longo desse percurso: o gênero feminino.

Dar voz às experiências femininas do presente pode ser a chave para que o futuro seja narrado de forma diferente. Inicialmente, a narrativa será apresentada sob a minha perspectiva, como mulher e pesquisadora, e, nos próximos capítulos, a partir de narrativas compartilhadas, sob a ótica das mulheres caxienses.

O município de Caxias do Sul, localizado no estado do Rio Grande do Sul, faz parte da região da Serra Gaúcha (Figura 5). Possui uma população de aproximadamente 460.000 habitantes, conforme dados do IBGE (2022). No mesmo censo de 2022, é possível constatar que a população de mulheres é de 52%, maioria na cidade como também acontece a nível nacional.

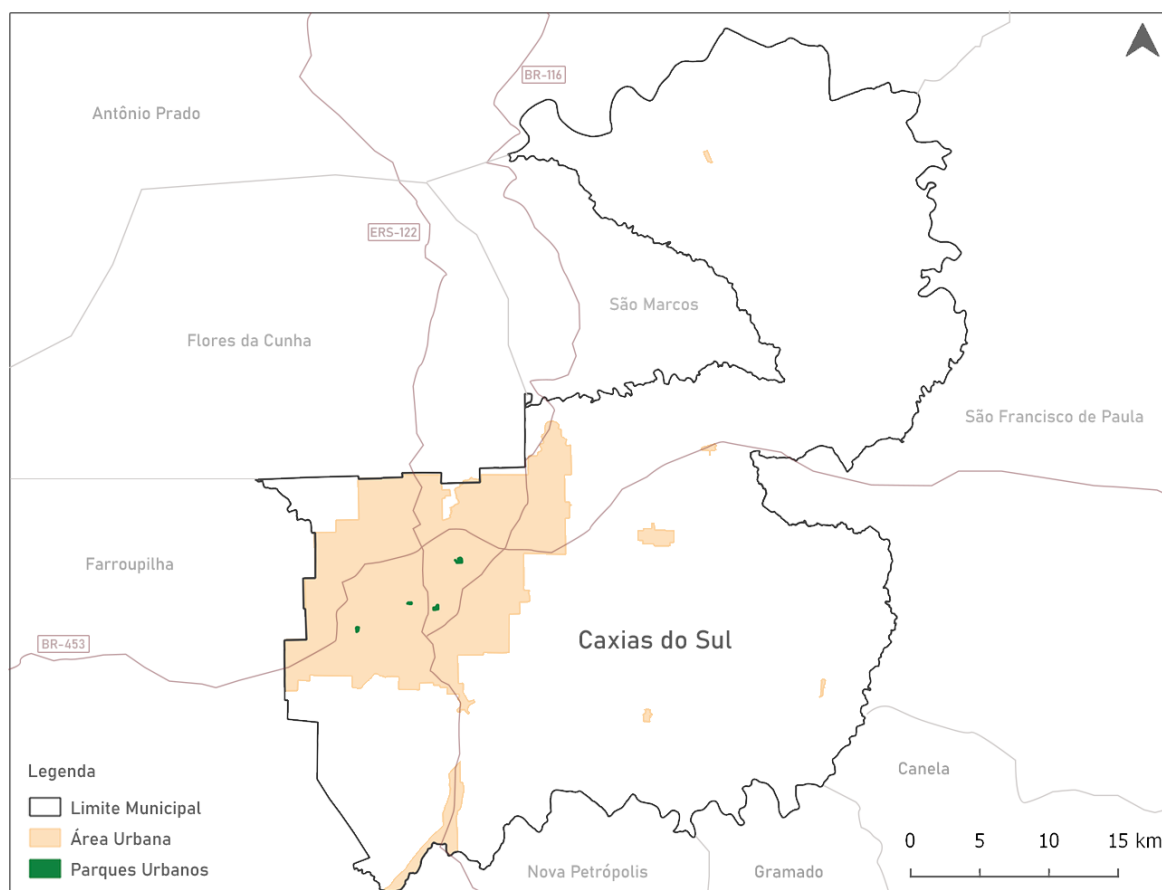


Figura 5: Localização do município de Caxias do Sul – RS na Serra Gaúcha
Fonte: da autora, 2024.

A cidade sempre esteve ligada ao desenvolvimento industrial, uma característica que se mantém até hoje. Essa perspectiva de progresso do setor industrial conferiu à cidade os apelidos de "cidade do progresso", "cidade do trabalho" e outros sinônimos que refletem sua identidade dinâmica e trabalhadora.

Apesar disso, percebo que a história revela que os caxienses também dedicam tempo para utilizar os espaços públicos para momentos de celebração e reivindicação. Um exemplo claro disso é a Praça Dante Alighieri (Figura 6), que, como praça central da cidade, serve como um ponto de encontro para diversas manifestações culturais e sociais:



Figura 6: Praça Dante Alighieri ao longo de diferentes períodos históricos
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, 1910-2023

As imagens começam com a recém nomeada Praça Dante Alighieri em 1910 e incluem o período de nevasca na cidade em 1941, as manifestações políticas de 2018, o projeto Cinema na Rua, a tradicional Festa da Uva, em que o chafariz da cidade se transforma em vinho e muitas outras. Juntas, essas imagens ressaltam a importância dos espaços livres públicos, que se tornam palcos não apenas de lazer, mas também de protestos e reivindicações para todos. Elas refletem a vivência comunitária e a luta por direitos, evidenciando como esses locais também são essenciais na construção da identidade caxiense.

No entanto, apesar da utilização desses espaços, percebo que a representação do sujeito caxiense como “trabalhador” sempre parecia mais atraente. Um exemplo disso pode ser encontrado em uma publicação do jornal *A Folha de Hoje*, intitulada “Trabalho compulsivo e a guerra do lazer”:

O caxiense começa a descobrir que o lazer existe. Correr nos parques é bom e barato. [...] O importante nesse contexto é que Caxias do Sul vai continuar com sua compulsão pelo trabalho, mas sua população, em virtude da crise econômica e da nova visão de si próprio, começa a descobrir formas de lazer que só farão bem, praticamente sem custos (A Folha de Hoje, 1983).

Todos esses esforços da cidade em se afirmar como um centro de progresso, são contrapostos pelo lazer nos finais de semana, que era uma atração. Um exemplo disso pode ser encontrado em uma publicação do jornal *Gazeta de Caxias* intitulada "O lazer de domingo":

As manhãs e tardes ensolaradas dos domingos fazem com que os caxienses procurem lugares arborizados como maneira de fugir da rotina. O dia a dia dentro dos automóveis, escritórios com visões urbanas não muito paradisíacas. Então nos finais de semana os parques são a alternativa encontrada para quem quer "desligar" dos problemas (Gazeta de Caxias, 1989).

O que a cidade do progresso e o lazer de domingo não previam eram os conflitos que surgiriam com o crescimento urbano. Os problemas que antes eram "desligados" ao se chegar nos refúgios urbanos agora também permeiam esses espaços. O abandono dos espaços livres públicos de Caxias do Sul, se instaurou na década de 1970. A Figura 6 a seguir destaca algumas reportagens e repercussões¹⁰ sobre esses conflitos:

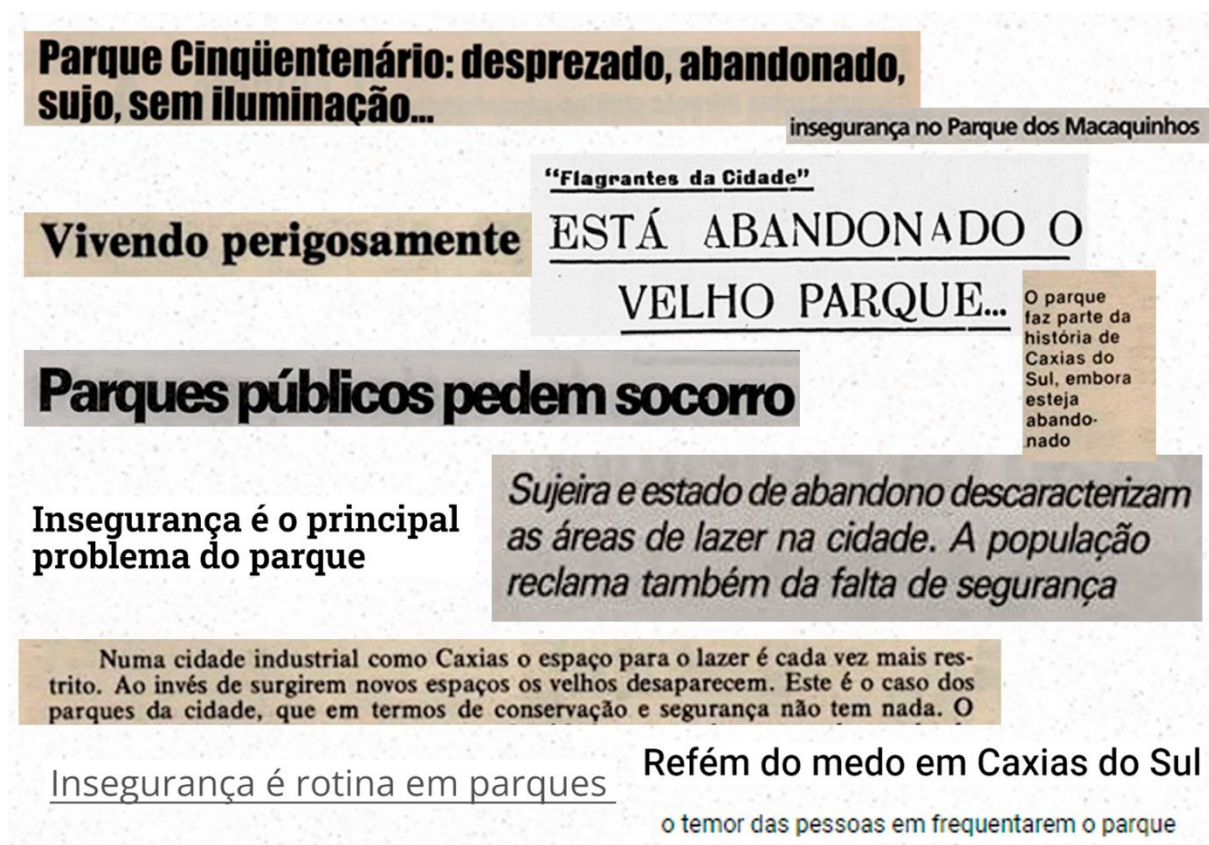


Figura 7: Colagem sobre as percepções de insegurança dos parques urbanos
Fonte: da autora, 2024.

¹⁰ As notícias foram retiradas de jornais da cidade entre 1970-2023 que estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira através do link: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

O que considero importante é como esses relatos e percepções ajudaram a construir o imaginário urbano de Caxias do Sul ao longo do tempo, revelando as formas como os habitantes vivenciam, ou não, os espaços livres públicos da cidade. É importante ressaltar que essa é apenas uma das formas de visualizá-los, destacando o papel da mídia na criação desses imaginários coletivos. Esta pesquisa se volta para o universo feminino, e as reflexões que surgirem a partir deste trabalho me ajudarão a entender se o imaginário feminino está alinhado com esses relatos ou se apresenta contrastes.

Esses receios destacados não são relacionados apenas aos aspectos físicos, mas também aos contextos sociais em que estão inseridos. O abandono desses espaços reflete não só a negligência da administração municipal em manter áreas de qualidade, mas também o desinteresse da própria população em relação a esses lugares. A falta de envolvimento e cuidado comunitário só agrava o seu abandono, tornando esses ambientes ainda mais vulneráveis e suscetíveis.

Para as questões de gênero, essas sensações e ameaças ficam ainda mais explícitas nos espaços livres públicos. O medo feminino emerge dos diversos estranhos, porém, para lidar com o medo constante, há uma tendência em atribuir a culpa a recortes de raça e classe social. Kern (2021) revela em seu livro sobre este medo inerente das mulheres:

As mulheres não podem ter medo de todos os homens o tempo todo, portanto, para manter a ilusão de controle sobre sua segurança, elas precisam saber onde e quando elas podem encontrar homens perigosos para poder evitá-los principalmente por meio de estereótipos (preconceito). Mas, uma vez que temos muito pouco controle sobre a presença de homens em nossos ambientes, e não podemos funcionar em um estado de medo constante, deslocamos parte do nosso medo para os espaços: becos, plataformas de metrô, calçadas escuras da cidade entre outros (Kern, 2021, p. 199).

Essa forma de experienciar a cidade, lamentavelmente, faz parte do nosso cotidiano como mulher. A ação de sair de casa antecede inúmeras reflexões, incluindo a elaboração dos mapas de segurança e perigo. Esses mapas são colagens vivas, com imagens, palavras e emoções espalhadas por nossos bairros e cidades que nos mostram perspectivas de insegurança daquelas localidades (Kern, 2021). Assim, é simples transferir o receio para espaços como parques abandonados ou calçadas escuras.

No entanto, nem o abandono dos espaços públicos nem a presença constante de olhares são, por si só, garantia de segurança. Contrariando Jacobs (2011), que acreditava que a capacidade de se sentir segura sozinha entre milhões de estranhos era o principal indicador da habitabilidade de uma cidade, quando ela escreve sobre os "olhos na rua" como uma expressão de engajamento e uso misto constante, devemos considerar que esses "olhos" não se referem à vigilância ou ao assédio. Muitas vezes, a ideia de "olhos na rua" leva a formas de observação que tornam impossível sentir-se segura e sozinha entre desconhecidos só do gênero masculino por exemplo, resultando em um ambiente tão perigoso quanto estar completamente sozinha.

Embora se possa questionar a ideia generalista de Jacobs sobre “todos os olhos na rua”, a presença de uma diversidade de corpos — mulheres, crianças ou idosos — contribui, sim, para tornar o espaço mais seguro. A grande problemática dos parques caxienses nesse período é justamente o seu esvaziamento, o seu abandono. A ausência de pessoas gera medo e insegurança. O uso cotidiano, o simples ato de estar e conviver no espaço público, talvez seja uma das formas mais eficazes de transformá-lo em um lugar de afeto, pertencimento e encontro.

4.2 Caminhografia

A caminhografia adentra os espaços livres públicos e se insere na malha urbana de Caxias do Sul – RS, através dos parques urbanos. Minha experiência, como mulher, pesquisadora e arquiteta, agora se depara com o foco da pesquisa: as vivências femininas nesses espaços.

A caminhografia foi registrada a partir de observações, fotografias, gravações e anotações. Esses registros foram realizados em diferentes momentos, de fevereiro a dezembro de 2024 (Figura 8 e 9). Eles serviram como base deste trabalho, o que demandou múltiplas visitas aos parques - em dias ensolarados, quentes, frios e até mesmo após as enchentes. Cada um desses dias fez parte desta dissertação e da minha trajetória até aqui.



Figura 8: Caminhografia 01 – Vários dias, em diferentes horários e locais
Fonte: da autora, 2024



Figura 9: Caminhografia 02 - Vários dias, em diferentes horários e locais
Fonte: da autora, 2024

As caminhadas foram realizadas tanto durante a semana quanto nos finais de semana, com o objetivo de observar como a dinâmica do local varia conforme o dia. Além de explorar os parques em diferentes momentos do dia — manhã, tarde e fim de tarde — buscando captar as suas transformações da atmosfera. Evitei realizar essas visitas à noite, como mulher caminhante sozinha, realizei minhas derivas apenas à luz do dia, priorizando minha segurança.

A seguir, serão apresentados os quatro parques urbanos de Caxias do Sul – RS.

4.2.1 Parque Cinquentenário

A inauguração do Parque Cinquentenário remonta aos primórdios da cidade. Já em 1925, os governantes vislumbravam a criação de um espaço destinado a atividades ao ar livre, antecipando o crescimento urbano. Foi destinada um terreno de 6 hectares localizado próximo à área central, mas suficientemente afastado para manter o cenário bucólico da época. Seu nome celebra os 50 anos da imigração italiana na Serra Gaúcha, comemorados em 1925 (Fillipini, 2019).

Quando observo a história do parque, percebo que, no início, ele era amplamente utilizado e representava uma novidade para a cidade, pois oferecia a oportunidade de estar ao ar livre com alguma infraestrutura (Fillipini, 2019). O seu caráter é eclético, devido ao período em que foi inaugurado, reflete uma forte admiração pelas paisagens europeias, influenciada pelo clima frio da Serra Gaúcha (Figura 10).



Figura 10: Entrada com leões e obelisco no Parque Cinquentenário
Fonte: Arquivo Histórico Municipal Joao Spadari Adami, 1941.

Desde a inauguração, o parque também era frequentado pelo público feminino (Figura 11 e 12). Por estar em uma área central, tornava-se um local propício para passeios no fim da tarde. Além dos momentos de lazer e contemplação, há registros de encontros e eventos promovidos pela Escola de Belas Artes de Caxias do Sul. As fotografias desse período revelam a presença de mulheres no parque, ainda que em um contexto no qual sua liberdade de circulação era, em muitos casos, restrita.



Figura 11: Entrada com leões e obelisco no Parque Cinquentenário
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal Joao Spadari Adami, 1941.



Figura 12: Lembrança do piquenique realizado no Parque Cinquentenário
 Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 1932.

Com o crescimento da cidade, a malha urbana se expandiu e, atualmente, o parque e seus arredores integram a região central da cidade. No entanto, com o aumento da população, a falta de gestão e recursos, o parque foi sendo gradualmente abandonado. Na década de 1960, quando a população alcançou quase 100 mil

(Fillipini, 2019), o local que antes era um refúgio de descanso e harmonia, tornou-se um “incômodo”, já que não era mais oásis anterior.

Atualmente, com essa população quadruplicada, o parque delimita quatro bairros da cidade: Marechal Floriano, São Pelegrino, Medianeira e Cinquentenário (Figura 13). Entre esses, o Cinquentenário está entre os bairros da região central com maior número de famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, com um total de 223 famílias, segundo a Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul (2021).

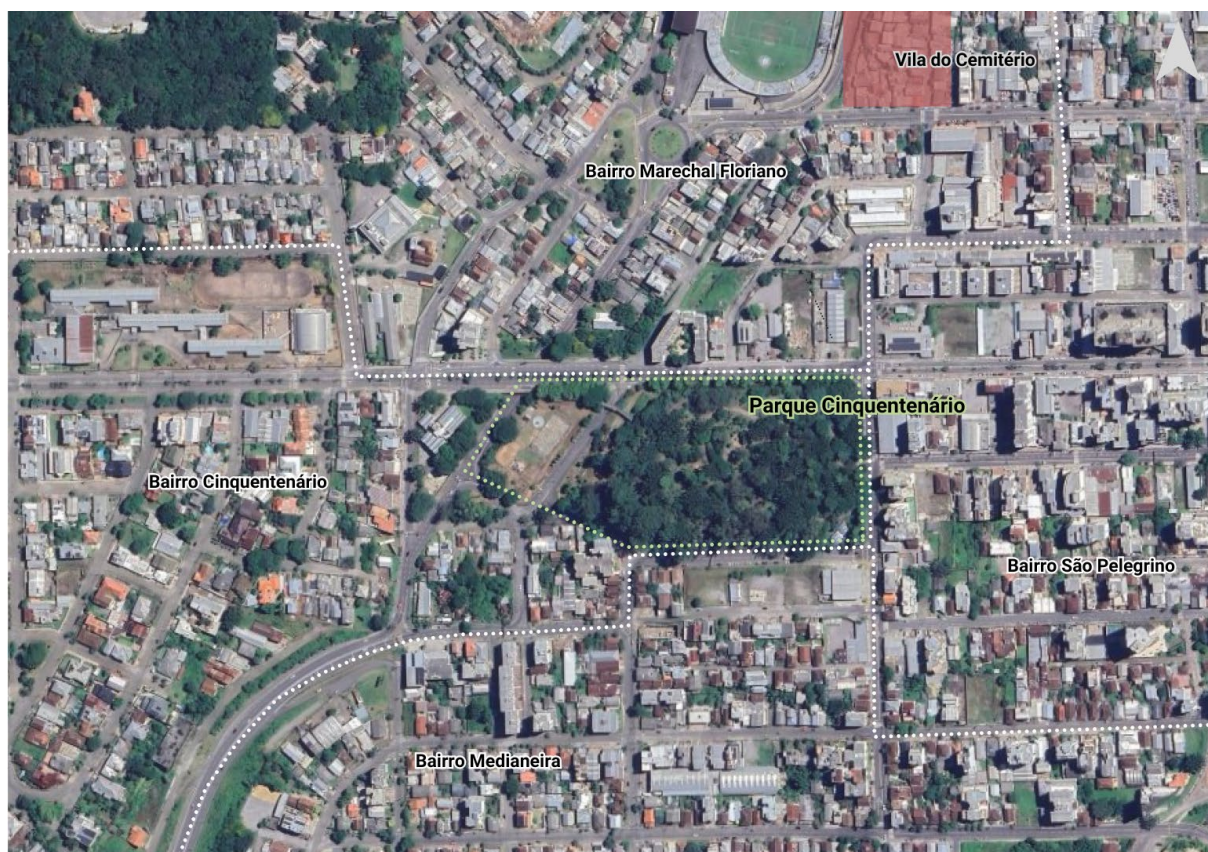


Figura 13: Localização do Parque Cinquentenário
Fonte: Base Google Earth com alteração da autora, 2024.

Além disso, no bairro Marechal Floriano, ao lado do Estádio Alfredo Stédile, localiza-se a Vila do Cemitério, uma ocupação informal. Esse território apresenta uma dinâmica socioespacial complexa, onde o acesso é dificultado pelas influências e controles exercidos por lideranças locais. Essa realidade contribui para o imaginário da sensação de insegurança tanto dentro da própria comunidade quanto nas áreas adjacentes, incluindo o Parque Cinquentenário.

Já o bairro São Pelegrino, ocupa a posição do terceiro metro quadrado mais caro da cidade (Cardoso, 2024). Ou seja, os bairros são distintos em termos de uso e renda, e o parque é tanto o ponto de encontro quanto de conflito entre eles (Figura 14 e 15).



Figura 14: Implantação do Parque Cinquentenário
Fonte: da autora, 2024.

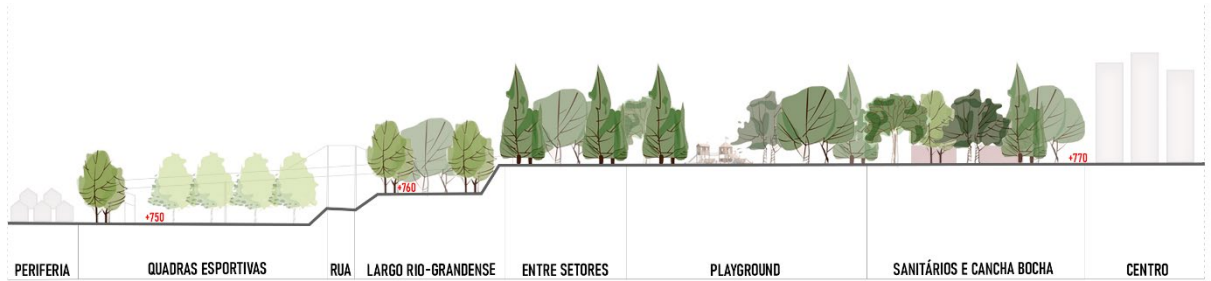


Figura 15: Corte do Parque Cinquentenário
Fonte: da autora, 2024.

A prefeitura já tentou inúmeras maneiras de reativar o uso desse espaço. Entre elas, destaca-se o Projeto Cidadão Atitude, lançado em 2002, que envolvia a produção de mosaicos para os muros do parque e buscava aproximar os moradores do entorno,

incentivando o cuidado e a criação de memórias afetivas em relação ao parque. No entanto, a intenção de promover relações de pertencimento com a comunidade parece que não teve segmento. Atualmente, os muros do parque estão descaracterizados e poucas pessoas conhecem o seu verdadeiro significado (Figura 16 e 17).



Figura 16: Projeto Cidadão Atitude nos muros do Parque Cinquentenário
Fonte: Arquivo Histórico Municipal Joao Spadari Adami, 2002.



Figura 17: Os muros atuais, cercados, do Parque Cinquentenário
Fonte: da autora, 2024.

Nessa mesma tentativa, foram inseridas áreas esportivas no parque, sob grande influência dos parques modernos, com a construção de quadras esportivas e academias. Mas, apesar do esforço, a topografia, as vias e o seu cercamento acabaram por segregá-lo ainda mais. Após a revitalização e o cercamento do parque, diversos acessos foram desativados. A área antiga ficou voltada para o centro, com duas entradas, enquanto a área esportiva, voltada para os bairros, ficou conectada à outra por uma única passarela.

Todas essas intervenções e usos evidenciam quem realmente usufrui do parque e quem é excluído desse espaço. A partir do mapa apresentado anteriormente, que destaca a morfologia urbana, irei sobrepor as minhas observações, feitas a partir da caminhografia no local, criando um diálogo entre a crítica e o sensível.

Nesse contexto, a Figura 18 apresenta o mapa intitulado “Onde estão as mulheres”, elaborado com base em observações e registros sobre a presença feminina no Parque Cinquentenário. As atividades realizadas por elas nesse espaço, como ginástica, caminhada e cuidados com as crianças — frequentemente associadas às mulheres em espaços públicos — estão representadas na cor roxa.

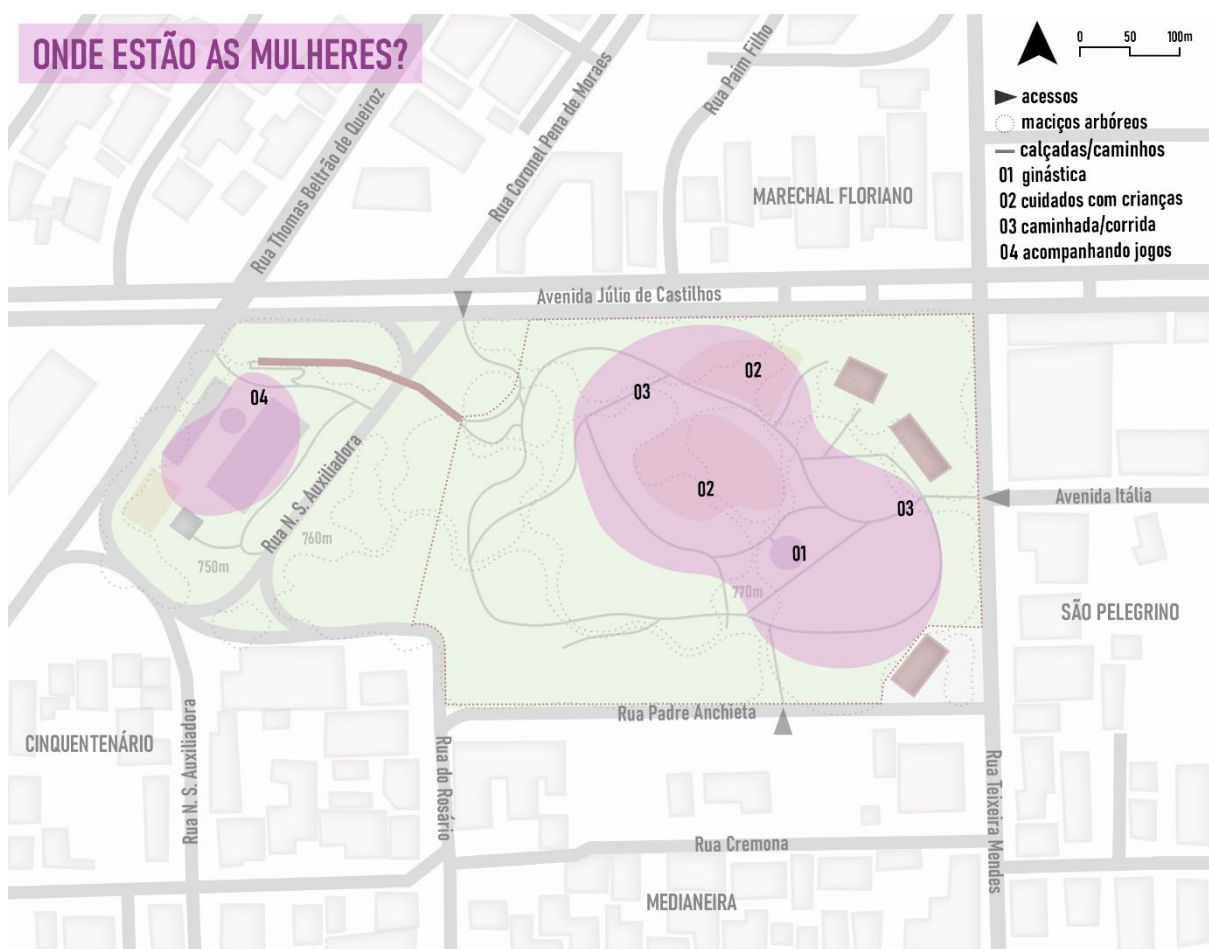


Figura 18: Onde estão as mulheres no Parque Cinquentenário
Fonte: da autora, 2024.

Vale ressaltar que os mapas e as análises apresentados representam uma síntese das múltiplas visitas realizadas ao parque durante o ano de 2024, durante as quais foi possível observar o comportamento das mulheres e suas preferências por determinados locais em diferentes horários e dias da semana.

A partir disso, questiono sobre os motivos que levam à escolha de determinadas localizações no parque ou ao afastamento delas, considerando os fatores tanto internos como externos, que influenciam essas decisões. Como pesquisadora e mulher que frequenta esses espaços, coloco-me como parte desse cenário, buscando compreender como meu próprio corpo responde a situações semelhantes às vivenciadas pelas frequentadoras.

Nesse sentido, o mapa apresentado na Figura 19 tem o propósito de sobrepor o que é visível e tangível, sugerindo que há algo além do espaço físico do parque. Ele representa essas nuances e percepções, capturadas através dos caminhos e derivas no parque — neste caso, por mim, por uma mulher.

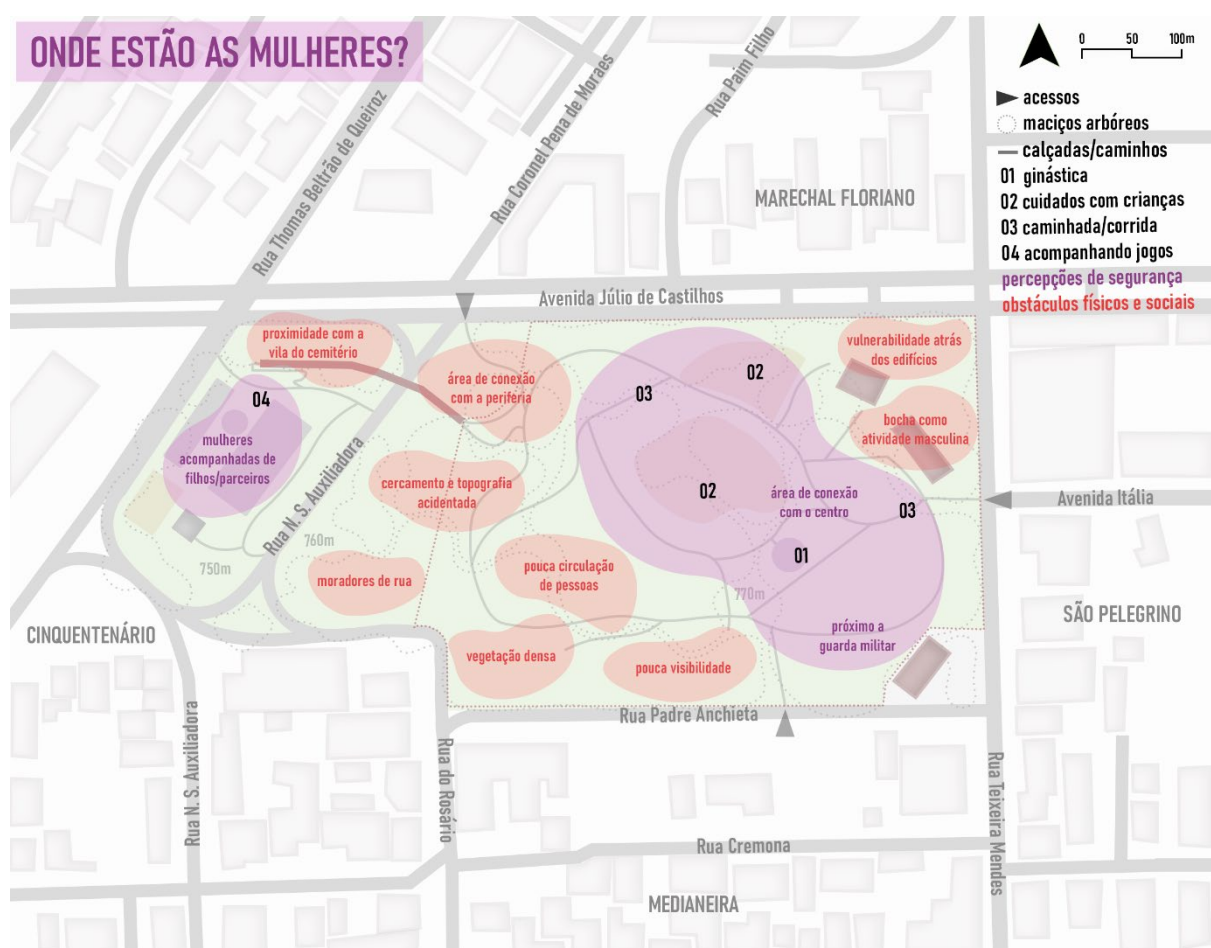


Figura 19: Onde estão as mulheres no Parque Cinquentenário - Percepções
Fonte: da autora, 2024.

Semelhante ao mapa anterior, as atividades no parque são representadas em roxo, destacando também possíveis percepções de segurança na escolha desses espaços, como a proximidade com a guarda militar e as áreas centrais. Em contrapartida, os

elementos em vermelho evidenciam os potenciais obstáculos que afastam as mulheres das outras áreas, sejam eles físicos ou sociais, como vegetação densa, baixa visibilidade ou a proximidade com a vila do cemitério.

É importante destacar que esses mapas serão revisitados no Capítulo 5 desta dissertação, onde, além das observações, passo a dialogar diretamente com as mulheres presentes nesses espaços. Assim, a percepção deixa de ser exclusivamente minha, permitindo que o parque seja reinterpretado pelas próprias frequentadoras.

As minhas derivas nesse espaço sempre foram marcadas por uma sensação de inquietude. É difícil sentir-se segura em um ambiente poucas pessoas. Esses fatores, aliado à falta de manutenção, gera um clima de abandono, mesmo nos finais de semana. O parque está subutilizado, o que contribui para seu aspecto sombrio e pouco convidativo, como pode ser visto na Figura 20.



Figura 20: Clima de abandono no Parque Cinquentenário – Domingo, Maio de 2024
Fonte: da autora, 2024

As mulheres, em sua maioria, estão ausentes no parque. Quando se aventuram por lá, geralmente o fazem em grupos, seja na academia da terceira idade ou acompanhando crianças ao parquinho. Ver uma mulher sozinha no local é raro. Um dos obstáculos iniciais à presença feminina é a quadra de bocha, sempre lotada de homens, localizada justamente na entrada do parque. Isso já cria uma barreira social implícita para qualquer mulher que se aproxime, desincentivando sua presença.

É importante destacar que o posto da guarda militar localizado no parque é, na verdade, um espaço cedido pela prefeitura para esse fim. Eles não são responsáveis pela segurança do parque, tanto que o posto está situado atrás do cercamento. Assim, a sensação de segurança ali presente é, na verdade, apenas uma impressão, uma vez que eles não monitoram o parque diretamente.

A antiga área do parque tem uma atmosfera bucólica, mas desprovida de atividades, restando apenas à contemplação sob as árvores, frias e sombrias. A área esportiva, situada em um ponto mais baixo da topografia, exige coragem para atravessar o parque e sua passarela isolada, sem movimentação alguma. Essa disposição geográfica reforça a segregação e dificulta o acesso.

A relação entre o centro e a periferia, evidenciada no próprio perímetro do parque, é crucial para entender os conflitos existentes no local (Figura 21). O próprio cercamento do espaço é controverso, já que apenas sua antiga área é cercada. As novas áreas esportivas, adjacentes a periferia, podem ser utilizadas a quaisquer horas do dia. Essa limitação de entrada e saída serve como um controle de quem pode, ou não, frequentar esses espaços.



Figura 21: Parque Cinquentenário e suas áreas esportivas – Domingo, Maio de 2024
Fonte: da autora, 2024.

Ao alcançar a área esportiva, a presença masculina é predominante, com meninos e homens ocupando as quadras. As poucas mulheres que ali se encontram geralmente estão nos bancos, à margem, como espectadoras — mães ou esposas esperando o término dos jogos. É visível a presença de obstáculos físicos e sociais no parque limitando o acesso não só das mulheres, mas do público geral, resultando em um parque subutilizado.

A presença de barreiras físicas, somada à proximidade com a Vila do Cemitério e as próprias retratos de inseguranças da mídia (Figura 22), contribuem para que o espaço esportivo do parque seja frequentemente evitado. Como resultado, o espaço assume características de abandono e hostilidade.



Figura 22: Colagem sobre as percepções no Parque Cinquentenário
Fonte: da autora, 2024.

O imaginário do caxiense em relação ao Parque Cinquentenário é constantemente influenciado por esses “perigos”. Esse caso traz à tona o conceito de zoneamento de risco, citado por Kern (2021). Quando frequentamos locais onde já ouvimos ou enfrentamos perigos, desenvolvemos uma setorização mental desses espaços, identificando quais áreas são seguras e quais devemos evitar.

Nesse contexto, trago as imagens extraídas dos vídeos¹¹ que foram capturados durante as derivas, com o intuito de “ilustrar” as experiências no parque que vão além dos relatos e desenhos. Eles buscam transmitir essas vivências, permitindo sentir a presença dos sons, das pessoas e o contexto que compõem a dinâmica do parque.

No caso do Parque Cinquentenário, como mencionei, o abandono e a ausência de vivências tornam evidente a falta de algo. Pode-se dizer que o que falta ao parque são justamente as convivências, que surgem da confluência das interações, das experiências e da presença das pessoas. Sem essas dinâmicas, o parque permanece apenas como um espaço físico (Figura 23 e 24).

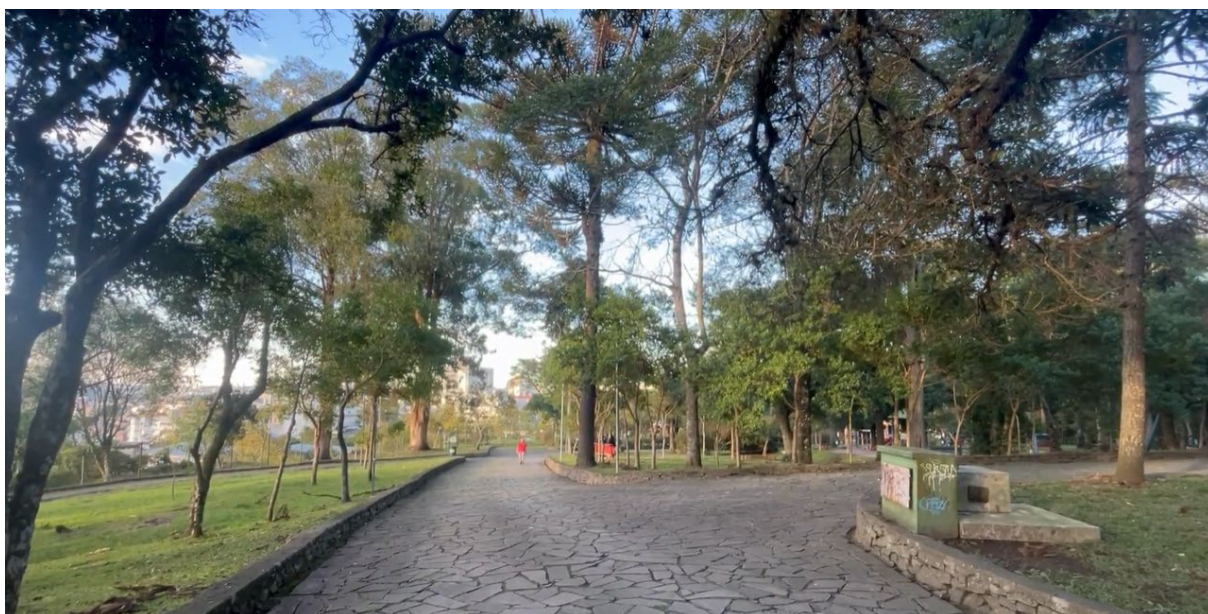


Figura 23: Frame 01 - Vivências no Parque Cinquentenário – Sábado, Abril de 2024
Fonte: da autora, 2024.

¹¹ É possível visualizar os vídeos do Parque Cinquentenário, através do link:
<https://drive.google.com/drive/folders/1-4676P5heyK9vH6DB6j5gn3f20e9ztX?usp=sharing>



Figura 24: Frame 02 - Vivências no Parque Cinquentenário - Sábado, Abril de 2024
Fonte: da autora, 2024.

Não há um único fator culpado por toda essa situação. As políticas públicas, as instâncias municipais, a mídia e a própria população contribuem para esse cenário. Já na década de 1980, Jimmy Rodrigues, um cronista da cidade, escreveu no jornal O Pellegrino sobre a situação do Cinquentenário:

A avenida se tornou Avenida Itália, e nunca mais se ouviu falar em Rua do Parque, tão familiar, tão nossa, tão ligada a saudades dos caxienses. Com o esquecimento do nome da Rua do Parque, creio que desapareceu também o hábito de ir ao parque, fazer “picnick”, tirar retratos, fazer exercícios ou ver as crianças brincando...a gente ia ao parque em busca de um ar puro melhor...faço essa crônica singela para que a Rua do Parque e ele saibam que não foram totalmente esquecidos, que eles ainda persistem na memória e no coração de gente que o trilhou tão despreocupadamente há tanto tempo (Rodrigues, 1980).

Quase 50 anos após a singela crônica, ainda enfrentamos as mesmas inquietudes: abandono e esquecimento. O que será necessário para que, finalmente, o parque e sua rua voltem a ser locais de vivência, em vez de apenas saudosas lembranças?

4.2.2 Parque dos Macaquinhos

O Parque dos Macaquinhos não começou essencialmente como um parque urbano, mas como um Centro de Exposições para a Festa Nacional da Uva, realizada na cidade. Em 1952, foi planejado um centro cívico que incluía a prefeitura municipal, uma área de exposições e uma associação comercial, abrangendo uma área de 10 hectares no centro da cidade (Fries, 2003).

A área designada para o Centro era caracterizada por um terreno bastante acidentado, com um desnível de cerca de 30 metros entre a elevação mais alta e a mais baixa. Essa variação topográfica estava diretamente relacionada às nascentes de água que fluíam naquela época, seguindo por uma região mais baixa da cidade.

Por conta disso, já na inauguração era possível apreciar as paisagens bucólicas formadas pelo novo investimento na cidade (Figura 25 e 26). Os dois lagos, alimentados pelas nascentes de água na área, eram os principais atrativos. Outro elemento central da paisagem eram as ilhas situadas no centro dos lagos, onde viviam macacos. É por essa razão que, até hoje, os moradores carinhosamente se referem ao local como "Parque dos Macaquinhos", remetendo a memórias e vivências da década de 1960.



Figura 25: Vista aérea da construção do Centro de Exposições Getúlio Vargas
Fonte: Acervo Histórico Municipal Joao Spadari Adami, 1955.

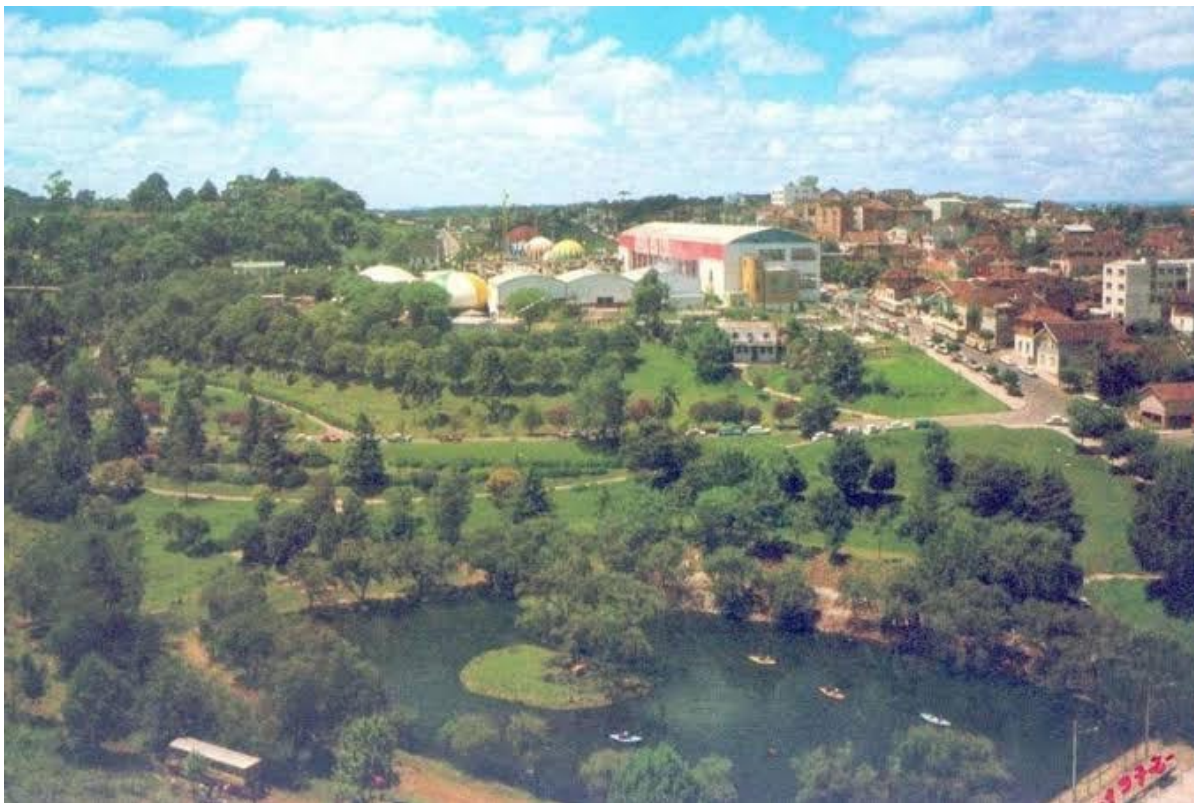


Figura 26: Vista aérea do Centro de Exposições Getúlio Vargas
Fonte: Acervo Histórico Municipal Joao Spadari Adami, 1960.

Assim como no Parque Cinquentenário, o público feminino também frequentava o Parque dos Macaquinhos, atraído pelo caráter bucólico do espaço, com seus lagos e elementos naturais inseridos no coração urbano da cidade (Figura 27).



Figura 27: Jovens no Parque de Exposições Getúlio Vargas
Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 1954.

Por ser um dos escassos refúgios de lazer e espaços abertos na cidade, além do já mencionado Parque Cinquentenário, ele se tornou um dos destinos preferidos para passeios entre a população. Com o decorrer do tempo, essa popularidade cresceu de maneira constante, chegando a um ponto em que a sua área designada não conseguia mais acomodar suas funções como centro de eventos e espaço recreativo. Em resposta a essa demanda, em 1974, um novo pavilhão de exposições foi construído em uma localização diferente na cidade. Isso marcou a ocasião em que o seu nome foi finalmente alterado para Parque Getúlio Vargas, ou melhor, Parque dos Macaquinhos.

Nos anos 1980, uma era de “progresso” estava em curso. Grandes projetos de construção eram considerados símbolos de modernidade, e é essa perspectiva que potencializa a desconstrução do legado do parque. A construção do ginásio de esportes, a secagem dos lagos, a remoção da cascata e a retirada dos macacos, entre outras intervenções, fizeram parte dessa desconstrução. A harmonia que antes caracterizava a paisagem do local foi desfeita devido a ânsia por novidades, como é relatado no livro "Mirante Parque Getúlio Vargas":

A óptica associada que o progresso de uma cidade se media pelo número de automóveis, pela altura de seus edifícios, pela poluição do ar e da água, fez desaparecer a biodiversidade que estava ali. Os lagos, as cascatas, os sapos, as babosas, os chorões, os sabiás, os bem-te-vis...foram procurar outras águas para viver (Fries, 2003, p.43).

As intervenções realizadas no local, que carregava consigo as memórias e experiências de toda a comunidade, não foram bem recebidas pelo público, uma vez que não houve consulta prévia (Fries, 2003). As mudanças foram implementadas em conformidade com a política vigente na época, baseadas em ações que, na visão das autoridades, estavam alinhadas com o progresso do município.

A secagem dos lagos foi pressão...Para mim o mais difícil foi levar embora os macacos para o zoológico. Eu os levei porque fui mandado, por mim eu não tinha feito. Nós todos que trabalhávamos no Parque éramos contra o esvaziamento dos lagos. Foi contra um protesto muito grande. A maioria dos empregados estava na faixa dos 30 anos de serviço, então acompanharam toda a história do Parque. Então foi muito triste...Se fosse hoje, diriam que nós teríamos entrado em depressão, mas naquele tempo não se falava nisso. Foi muito triste¹² (Fries, 2003, p. 42).

À medida que suas lembranças foram subitamente transformadas, a população começou a diminuir sua frequência ao espaço, uma vez que ele já não era mais o mesmo lugar que reconheciam e valorizavam:

Os pais levavam as crianças para ver os macaquinhos, elas corriam, cruzavam as pontes em cima das cachoeiras. Hoje em dia não se pode nem fazer isso porque não tem mais lagos para mostrar às crianças...Sem a beleza da qualidade e quantidade de árvores e águas que se tinham¹³ (Fries, 2003, p.43).

O Parque não sofreu apenas alterações espaciais, as suas atmosferas também se transformaram. As ramificações dessas políticas tiveram um impacto notável na experiência urbana, levando ao esvaziamento do espaço e, conseqüentemente, às sensações de insegurança e abandono. Ao longo das décadas, sua reputação gradualmente se deteriorou, transformando um lugar que era reconhecido por suas paisagens deslumbrantes em uma referência de esquecimento (Figura 28).

¹² Entrevista realizada pela autora do livro, Sonia Storchi Fries, com Leonir Machado, ambientalista.

¹³ Entrevista realizada pela autora do livro, Sonia Storchi Fries, com Ulysses Geremia, fotógrafo.



Figura 28: Colagem sobre as percepções no Parque dos Macaquinhos
Fonte: da autora, 2024.

As insatisfações persistiram pelo Parque até meados de 2002. Nesse período, ele passou pela sua última intervenção, visando transformá-lo em um lugar esportivo. Essa iniciativa foi uma tentativa de reconquistar a presença da população nos espaços públicos por meio de uma abordagem voltada para a promoção da saúde e do bem-estar.

O parque está localizado no coração da cidade, cercado pela região com o metro quadrado mais valorizado para o mercado imobiliário do município, o bairro Exposição. A sua localização próxima do Centro, o Parque dos Macaquinhos e a presença de vegetação em boa parte das ruas são os principais atrativos da região¹⁴. O bairro contempla áreas corporativas, comércios e edifícios com térreos público-privados, numa tentativa de conexão com o parque (Figura 29).

¹⁴ Essas informações foram retiradas da reportagem do Jornal Pioneiro em parceria com o Sinduscon Caxias: “O que torna o Exposição o bairro com o metro quadrado mais caro de Caxias do Sul” (Cardoso, 2024).



Figura 29: Localização do Parque dos Macaquinhos
Fonte: Base Google Earth com alteração da autora, 2024.

Por isso, apesar da topografia do parque, as suas áreas adjacentes são movimentadas. A cada dia, mais serviços e edifícios comerciais voltam-se para o parque, consolidando-o como uma referência imobiliária. Seu entorno, que já era uma região nobre, tem se valorizado ainda mais, impulsionado ainda pela crescente tendência de se buscar proximidade com espaços públicos já que promovem qualidade de vida (Figura 30 e 31).



Figura 30: Implantação do Parque dos Macaquinhos
Fonte: da autora, 2024.



Figura 31: Corte do Parque dos Macaquinhos
Fonte: da autora, 2024.

Em relação as vivências femininas no espaço, a Figura 32 apresenta o mapa baseado nas caminhografias. As atividades realizadas pelas mulheres estão representadas em roxo, destacando a prática de ginástica, caminhada e o cuidado com as crianças.

Neste caso, nota-se que as mulheres também usufruem do parque para momentos de contemplação, como tomar chimarrão ou ler um livro, algo que não era observado anteriormente no Parque Cinquentenário.

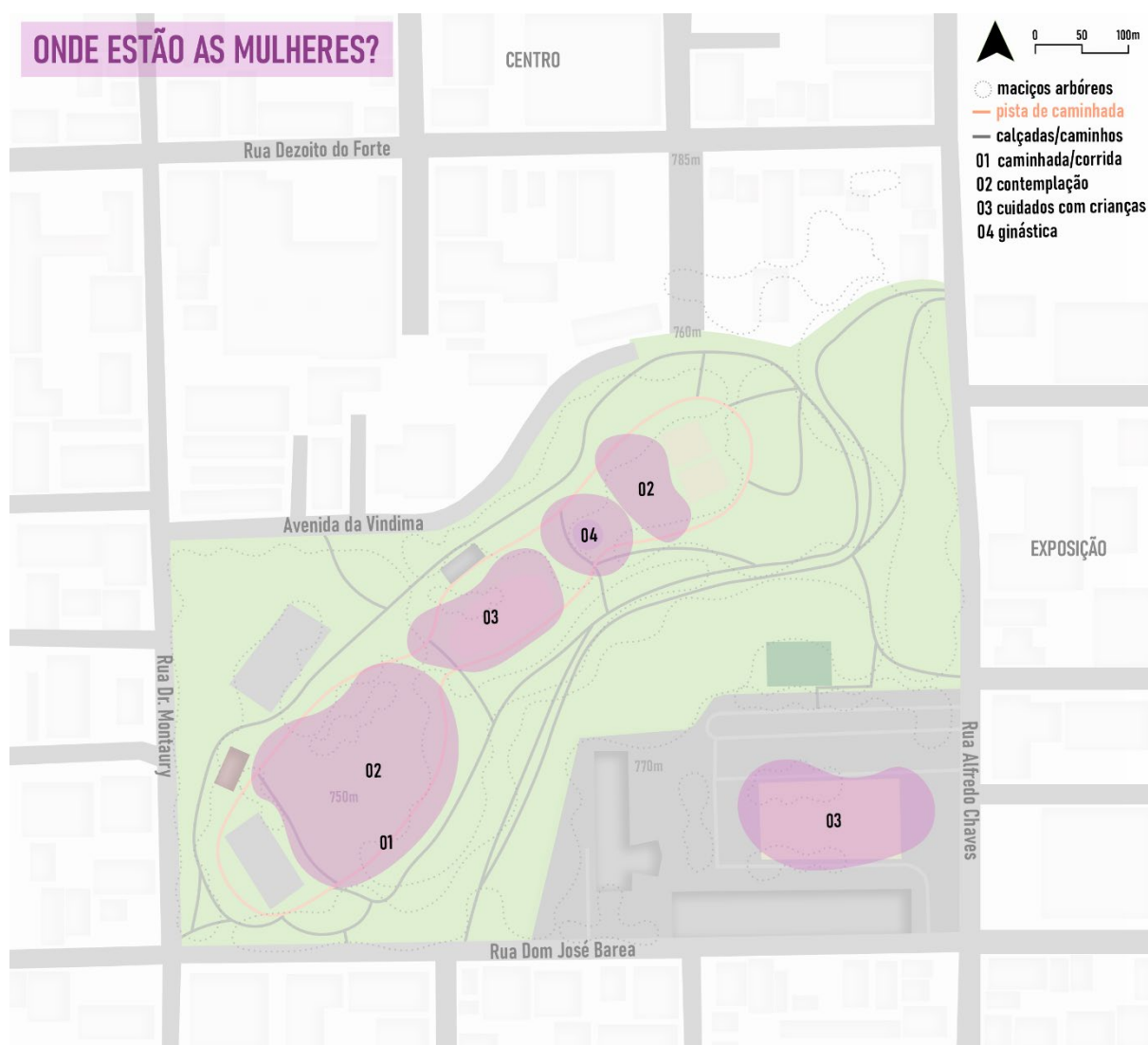


Figura 32: Onde estão as mulheres no Parque dos Macaquinhos
Fonte: da autora, 2024.

Nesse sentido, uma diferença notável em relação ao anterior, é a presença de muitas mulheres aproveitando o espaço sozinhas. Elas estavam envolvidas em diversas atividades, como leitura, corrida, caminhada ou simplesmente desfrutando do ambiente. Além dessas mulheres, havia um número considerável de grupos femininos, passeando juntas, levando cães, utilizando a academia ao ar livre e acompanhando crianças no parquinho.

topografia acidentada. Nesse sentido, é importante deixar claro que, em nenhum momento, minha intenção é “culpabilizar a vegetação” neste trabalho. Ela é, e deve ser, parte fundamental dos espaços livres públicos. No entanto, da forma como está disposta, fechando os caminhos peatonais e comprometendo a visibilidade entre diferentes áreas do parque, acaba por impactar diretamente na percepção de segurança.

A questão não está apenas em sua presença, mas também nas condições de conforto térmico que ela acarreta, tornando essas áreas frias e sombreadas. Soma-se a isso os receios sociais, de ocupar espaços onde não somos vistos, em que o isolamento intensifica a sensação de vulnerabilidade. Infelizmente, a visibilidade ainda é um importante fator de proteção, uma vez que locais ocultos tendem a ser mais suscetíveis a práticas de assédio e violência. Em contraste a isso, a parte central do parque, por ser mais aberta, plana e ensolarada, torna-se a área mais ativa e frequentada por todos, inclusive pela comunidade feminina.

Diferentemente das imagens extraídas dos vídeos sobre o Parque Cinquentenário, as gravações do Parque dos Macaquinhos transmitem uma sensação de convivências do espaço livre público (Figura 34,35 e 36). Minha própria experiência nesse local foi diferente, era gratificante estar lá, observando tudo o que o parque tinha a oferecer. Um pouco dessas vivências pode ser percebido nas gravações¹⁵:

¹⁵ É possível visualizar os vídeos do Parque dos Macaquinhos, através do link:
<https://drive.google.com/drive/folders/1nvfFaOhx0eCJ2RhGu6bGTIT-LUO4GRKc?usp=sharing>



Figura 34: Frame 01 - Vivências no Parque dos Macaquinhos - Sábado, Abril de 2024
Fonte: da autora, 2024.



Figura 35: Frame 02 - Vivências no Parque dos Macaquinhos - Sábado, Abril de 2024
Fonte: da autora, 2024.



Figura 36: Frame 03 - Vivências no Parque dos Macaquinhos - Sábado, Abril de 2024
Fonte: da autora, 2024.

Nesse contexto, é preciso comentar como sua localização em uma área privilegiada pode influenciar a nossa percepção de medo e insegurança, ao mesmo tempo em que reforça dinâmicas de segregação. Kern (2021) menciona que essas sensações de insegurança são muitas vezes atreladas aos nossos próprios preconceitos que persistem no cotidiano. Os estereótipos dos "sujeitos perigosos" são frequentemente associados à raça e à classe social, criando essa falsa sensação de segurança em torno do estereótipo do "sujeito confiável", associado à sua vestimenta ou ao território que frequenta, que, na realidade, não existe.

É nesse parque que se observa uma presença significativa de mulheres sozinhas, além de uma maior frequência feminina em comparação com outros parques da cidade. Essa presença pode estar relacionada à sensação de segurança que o espaço transmite. Pode também ser resultado da maior disponibilidade de tempo das mulheres que residem nas proximidades, permitindo-lhes usufruir das atividades ao ar livre. Outra possibilidade é que essa frequência esteja ligada à conscientização sobre os benefícios do contato com a natureza, mais comum entre mulheres de contextos socioeconômicos menos vulneráveis. Todas essas questões e influências atravessam o espaço e ajudam a compreender os motivos que contribuem para a maior presença feminina nesse parque.

Ele é o parque mais frequentado da cidade e permanece no imaginário dos caxienses, com muito afeto, como relatado no livro "Mirante Parque Getúlio Vargas":

Os parques são marcados pelo riso, pela espontaneidade, pela vontade de vagar e nada fazer. Ele é público, é o espaço de todos os credos, de todas as gerações...O Parque dos Macaquinhos tem esse significado. Ele está plenamente inserido na cidade; aliás ao longo dos últimos 50 anos, Caxias do Sul sequer pode ser pensada sem ele (Fries, 2003).

É curioso pensar em como as trajetórias dos espaços livres públicos transcendem as gerações. Mesmo que os lagos e os macaquinhos não existam mais, eles permanecem não só no meu, mas no imaginário dos caxienses até os dias atuais, seja através das próprias vivências ou das lembranças compartilhadas. Isso destaca a importância de preservar o passado, para que o futuro também tenha suas histórias.

4.2.3 Parque da Lagoa

Nesse momento, exploro os parques além do centro da cidade. A Lagoa, localizada na área do atual parque, começou sua história na década de 1960, no bairro Desvio Rizzo, próximo à saída da cidade em direção a Porto Alegre (Figura 37). Inicialmente, o espaço servia para um frigorífico local. Com o tempo, após a desativação da empresa, os arredores adjacentes foram loteados.

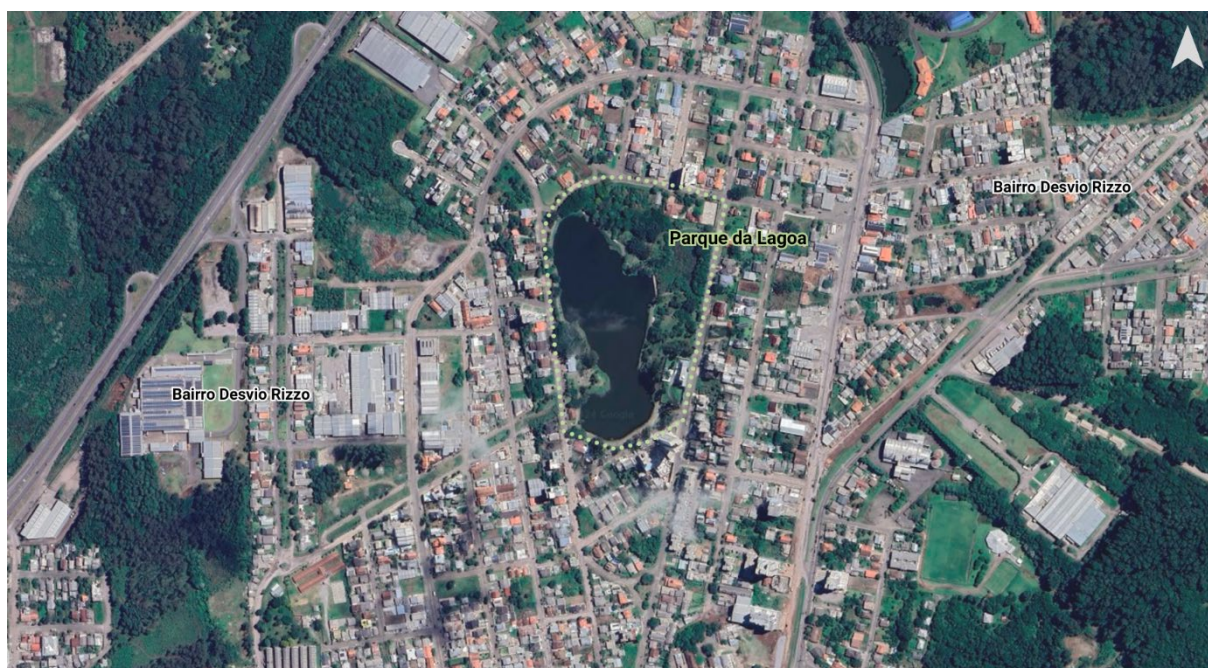


Figura 37: Localização do Parque da Lagoa
Fonte: Base Google Earth com alteração da autora, 2024.

Ao longo dos anos, devido à falta de acesso a espaços de lazer próximos, os moradores começaram a utilizar a Lagoa como ponto de encontro. Gradualmente, o local foi se transformando em uma área de lazer. Em 1993, com o crescente uso da região, a área de 7 hectares foi oficialmente denominada Parque Municipal Demétrio Monteiro da Silva (Figura 38 e 39), em homenagem a um morador ativo do bairro Desvio Rizzo que participava frequentemente dos encontros.



Figura 38: Implantação do Parque da Lagoa
Fonte: da autora, 2024.

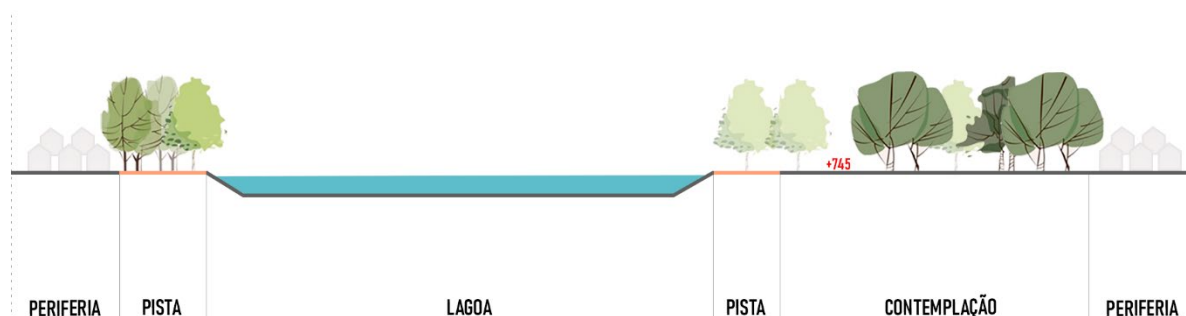


Figura 39: Corte do Parque da Lagoa
Fonte: da autora, 2024.

Embora a nomeação do parque em homenagem a um dos personagens do bairro seja um gesto bonito e simbólico, refletindo o envolvimento da comunidade na apropriação do espaço, os moradores já haviam apelidado o local de "Parque da Lagoa" muito antes da oficialização, e, até hoje, esse é seu nome amplamente conhecido.

Atualmente, o Desvio Rizzo está entre os bairros mais vulneráveis da região oeste da cidade, com um total de 367 famílias vivendo em situação de pobreza ou extrema pobreza, segundo a Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul (2021). Embora os arredores do parque tenham se valorizado devido às paisagens da Lagoa, o bairro em si apresenta rendas e condições de vida bem diferentes do seu entorno imediato.

Além disso, por Caxias do Sul ser um polo industrial e de serviços, a cidade atrai muitos refugiados e imigrantes sul-americanos em busca de emprego e melhores condições de vida. Assim, as organizações não governamentais (ONGs) frequentemente direcionam esses recém-chegados, principalmente venezuelanos e bolivianos, para residências no bairro Desvio Rizzo, permitindo que permaneçam juntos e mantenham um senso de lar ao estarem próximos de sua cultura. Por isso, ao visitar o parque, é comum encontrar muitos frequentadores falando outras línguas e dialetos, especialmente o espanhol.

As caminhadas pelo lugar variaram muito a cada visita. Frequentar o parque durante os dias da semana trouxe uma sensação de abandono, parece que os moradores não têm o costume – ou também, não possuem tempo – de frequentá-lo, possivelmente devido à condição socioeconômica do bairro, onde a rotina semanal é mais rigorosa.

Nesse cenário, percebo que o espaço livre público se transforma em um lugar de "folga" do trabalho, especialmente para os homens. Muitos trabalhadores das obras adjacentes, jardineiros responsáveis pela manutenção das casas e entregadores

ocupam as bordas do parque. Essa predominância masculina me gerou um sentimento de receio, pois poucas pessoas caminhavam pela área à beira da lagoa. Eu me via cercada apenas pelos não-humanos que frequentavam o local.

Isso pode ser percebido nas imagens extraídas dos vídeos¹⁶ que capturei durante minhas visitas em dias de semana. Embora a lagoa contribua para uma sensação de segurança, permitindo uma visão clara de todas as áreas adjacentes, essa mesma visibilidade me afetou, pois os homens nas bordas podiam me observar o tempo todo, contrastando novamente com a ideia de “olhos na rua” que mencionei anteriormente. Apesar do clima hostil, o parque oferece vistas deslumbrantes da lagoa (Figura 40).



Figura 40: Frame 01 - Vivências no Parque da Lagoa – Segunda-feira, Fevereiro de 2024
Fonte: da autora, 2024.

No entanto, percebi que o parque se transforma completamente nos finais de semana. Na minha primeira visita após os dias de semana, cheguei a me perguntar se realmente estava no mesmo lugar. O parque ficava cheio de vida, com muitas atividades, pessoas, cheiros e experiências diferentes. A localização do parque e, principalmente, as pessoas que o frequentam fazem toda a diferença. Elas realmente usam o espaço como se fosse o seu quintal, fazendo churrascos, piqueniques, jogando bola e tomando chimarrão.

¹⁶ É possível visualizar os vídeos do Parque da Lagoa, através do link:
<https://drive.google.com/drive/folders/1fEzjif7GowIYBrvmBamKoJwqA2U32Xdw?usp=sharing>

O que mais me impressionou, de maneira positiva, em relação aos outros parques, foi a ruptura que este lugar apresenta com o “comum” que se vê em outros espaços. Nos parques anteriores, todos parecem controlar o que você faz. Em contraste, este parque me pareceu repleto de ambulantes vendendo uma variedade de lanches e comidas, crianças brincando na academia da terceira idade, homens pescando no lago e até mesmo muitas pessoas entrando na água, embora isso seja teoricamente proibido (Figura 41 e 42).



Figura 41: Frame 02 - Vivências no Parque da Lagoa – Domingo, Fevereiro de 2024
Fonte: da autora, 2024.



Figura 42: Frame 03 - Vivências no Parque da Lagoa - Domingo, Fevereiro de 2024
Fonte: da autora, 2024.

A sensação de segurança e bem-estar que tive nesse lugar foi outra, foi bom estar ali e observar todo aquele movimento ao meu redor. Algumas áreas estavam mais agitadas, especialmente as mais próximas da rua, mas o parque estava repleto de gente em todos os lugares. Notei que as mulheres normalmente não andam sozinhas, a maioria anda em grupos, mas muitos deles são majoritariamente femininos.

As mulheres tendem a ocupar os espaços próximos à lagoa, onde há maior visibilidade, conforme representado em roxo na Figura 43. Esses locais se tornaram, pontos de encontro e convivência, sendo comuns atividades como caminhadas, piqueniques, contemplação da paisagem, exercícios físicos e o cuidado com crianças, já que os playgrounds também estão próximos à água. A lagoa, como elemento central do parque, atrai a atenção de todos e desempenha, na minha percepção, um papel de destaque na dinâmica do espaço.



Figura 43: Onde estão as mulheres no Parque da Lagoa
Fonte: da autora, 2024.

Os grupos de imigrantes sul-americanos, frequentemente compostos por mais de 10 pessoas, incluindo as mulheres, também se concentram nesses espaços de maior visibilidade. Geralmente fazem piqueniques enquanto as crianças brincam ao seu redor. Eles são facilmente identificados, tanto pelo número expressivo de pessoas reunidas quanto pelo uso do espanhol, que os diferencia dos demais frequentadores.

Por outro lado, percebi que as mulheres evitam algumas áreas, representadas em vermelho, locais de vegetação densa e localizadas distantes da lagoa. Esses espaços, situados próximos à Rua Nestor Domingos Rizzo, se caracterizam assim, na minha percepção, também pelo baixo movimento devido ao perfil predominantemente

residencial da rua e não só pelo isolamento criado pela vegetação. Como resultado, essas áreas são menos utilizadas e, quando ocupadas, geralmente são tomadas por grupos de homens que parecem preferir locais mais discretos e fora da vista dos demais frequentadores (Figura 44).

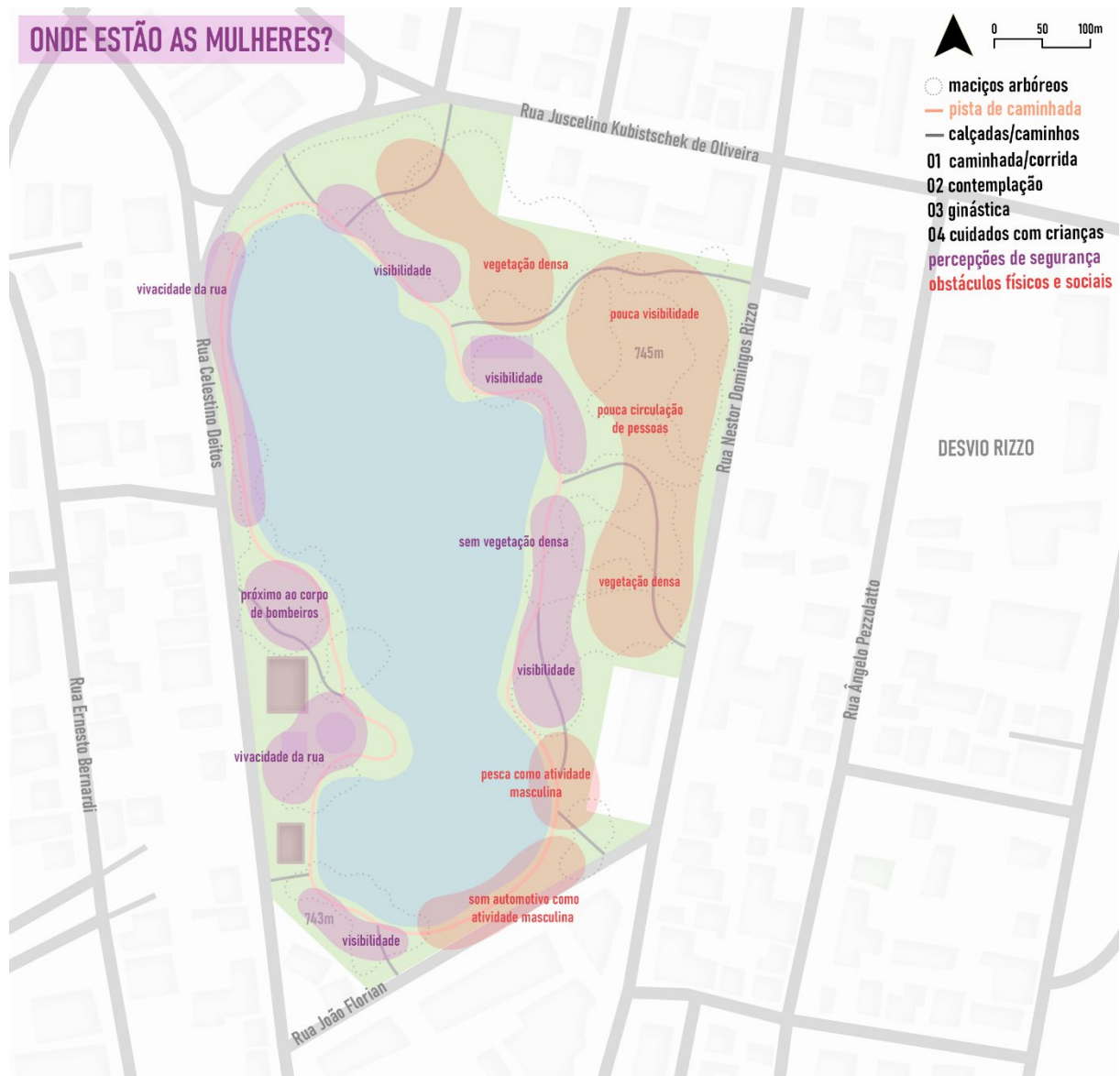


Figura 44: Onde estão as mulheres no Parque da Lagoa - Percepções
Fonte: da autora, 2024.

Na Rua João Florian, durante a semana, é comum eu encontrar homens em momentos de descanso, como citei anteriormente. Já nos finais de semana, essa área passa a ser ocupada por carros estacionados, muitas vezes com som automotivo. Nesses encontros, predominam homens que se reúnem ao redor dos veículos, apoiando-se no porta-malas ou sentados na calçada, aproveitando o desnível que

separa a rua do parque. Esse espaço acaba sendo, conforme observei, apropriado quase exclusivamente por eles, com pouca presença de famílias ou mulheres.

Por outro lado, a Rua Celestino Deitos, apresenta uma dinâmica diferente. Com diversos pequenos comércios, como lanchonetes e mercados, essa área atrai maior movimento de pessoas. Além disso, a proximidade da lagoa contribui para uma circulação ainda mais intensa, tornando o lado oeste do parque um espaço mais frequentado por todos, incluindo uma presença significativa da comunidade feminina, como pode mostrei nos mapas anteriores.

Não é à toa que a comunidade o apelidou de Parque da Lagoa. Acredito que as suas vivências estão diretamente ligadas às paisagens ao seu redor, principalmente da lagoa. Esse elemento marcante, além de ser um símbolo, conta uma parte importante da história do local (Figura 45).



Figura 45: Colagem sobre as percepções no Parque da Lagoa
Fonte: da autora, 2024.

4.2.4 Parque das Araucárias

O último capítulo dessa história é recente. O parque foi inaugurado e oficializado como "Eco Parque" no final de 2019. Portanto, é um espaço novo na cidade, em comparação

com os demais já apresentados. Ainda assim, como comentei em outros parques, a sua apropriação pela comunidade começou muito antes. O parque está localizado junto à Barragem São Pedro, uma das três barragens que compõem o Complexo Dal Bó. Construída em 1953, essa foi a primeira represa da cidade e até hoje é responsável por grande parte do seu abastecimento de água (Figura 46).

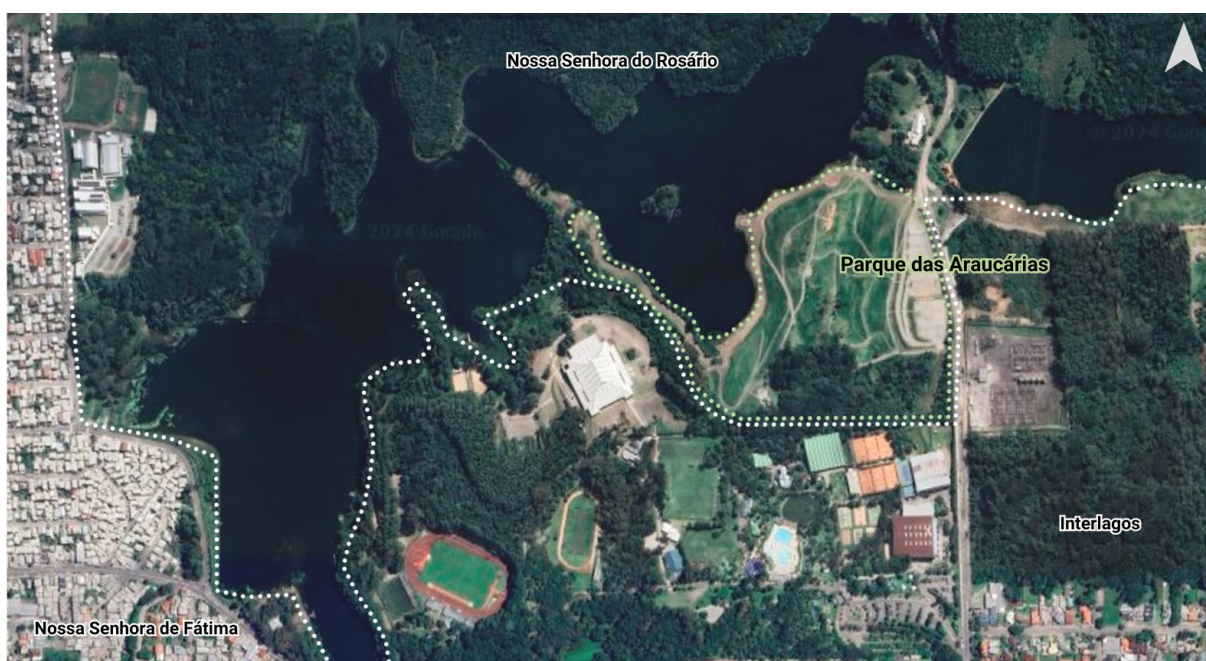


Figura 46: Localização do Parque das Araucárias
Fonte: Base Google Earth com alteração da autora, 2024.

Historicamente, esse local, devido ao seu caráter campestre, era para encontros à beira da água, era um ponto distante da cidade onde atividades como essas eram possíveis. Muito já se projetou para essa área, ao longo dos anos, grandes propostas urbanas foram anunciadas com a intenção de transformar esse espaço. Em 2016, por exemplo, a Prefeitura de Caxias do Sul divulgou um projeto que previa a criação do “maior parque urbano do país”, com cerca de 187 hectares, incluindo áreas verdes, equipamentos públicos e infraestrutura cultural e esportiva¹⁷.

Essas promessas, no entanto, contrastam com a realidade vivenciada por seus frequentadores cotidianamente, revelando o descompasso entre os discursos institucionais e as experiências reais de quem ocupa o espaço. Após muitos anos de

¹⁷ Ecoparque Caxias do Sul o maior parque urbano do país, publicado em 13 de setembro de 2016. Disponível em: <https://napeia.com.br/noticias/2016/09/13/ecoparque-caxias-do-sul-tera-o-maior-parque-urbano-do-pais>.

uso espontâneo pela comunidade, e depois de algumas reviravoltas dos projetos, o local foi realmente denominado "Eco Parque" (Figura 47 e 48). Nas proximidades, encontram-se diversos clubes privados, como o complexo esportivo do SESI e o Recreio da Juventude.



Figura 47: Implantação do Parque das Araucárias
Fonte: da autora, 2024.

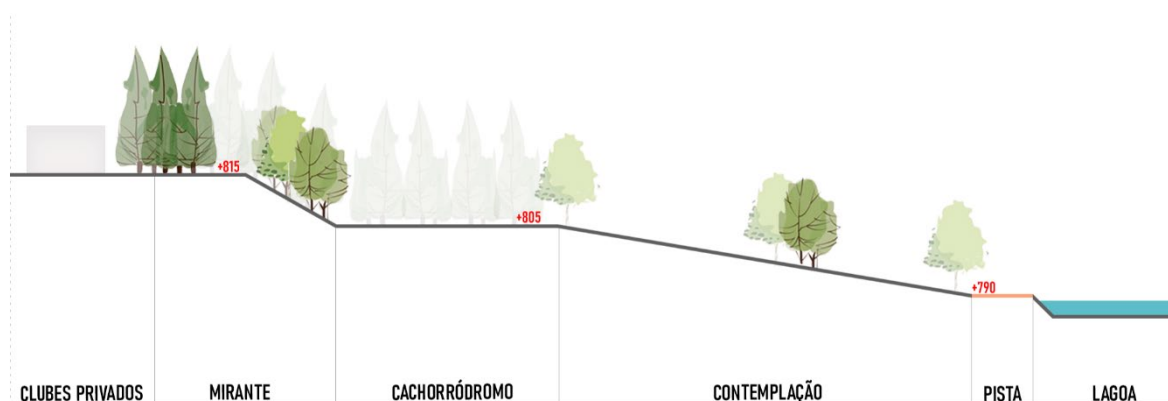


Figura 48: Corte do Parque das Araucárias
Fonte: da autora, 2024

Devido à presença marcante da vegetação típica da Serra Gaúcha, especialmente das araucárias, o local passou a ser popularmente conhecido como Parque das Araucárias, ainda que esse não seja seu nome oficial (Figura 49).



Figura 49: Valor simbólico das araucárias para o local
Fonte: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2023.

Devido à sua recente inauguração, ainda não há muitos relatos sobre as atmosferas cotidianas do parque. O que se tem, são algumas polêmicas relacionadas a inauguração do tanque batismal para os evangélicos em um espaço livre público. Além disso, dentre os quatro parques urbanos da cidade, este é o único com toda sua área com horário de funcionamento restrito, devido ao cercamento, ou seja, ele é uma opção que limita as experiências até as 18 horas (Figura 50).



Figura 50: Colagem sobre as percepções no Parque das Araucárias
Fonte: da autora, 2024.

Como comentei anteriormente, em cada parque, a caminhografia me proporcionou sensações e vivências únicas, em virtude dos diferentes usos, paisagens e pessoas presentes. Nesse parque em particular, por se encontrar afastado do centro e delimitado em um de seus lados pela barragem, o silêncio foi predominante em minhas visitas. Isso poderia ser visto como negativo, mas para mim, não foi o caso.

As atmosferas que encontrei no local, marcadas pelo silêncio, pelos ventos nas araucárias e pela vista da barragem, me transmitiu uma sensação de paz (Figura 51). Senti que era um lugar onde eu podia simplesmente sentar e apreciar o dia. Embora houvesse atividades mais ativas acontecendo, elas me pareceram pequenas diante da imensidão que o espaço oferece. Algumas dessas experiências podem ser vistas através das imagens extraídas dos vídeos¹⁸:

¹⁸ É possível visualizar os vídeos do Parque das Araucárias, através do link:
https://drive.google.com/drive/folders/1a4HBWFbD_6yYjy3z4BXNHNdiiYssOwI0?usp=sharing

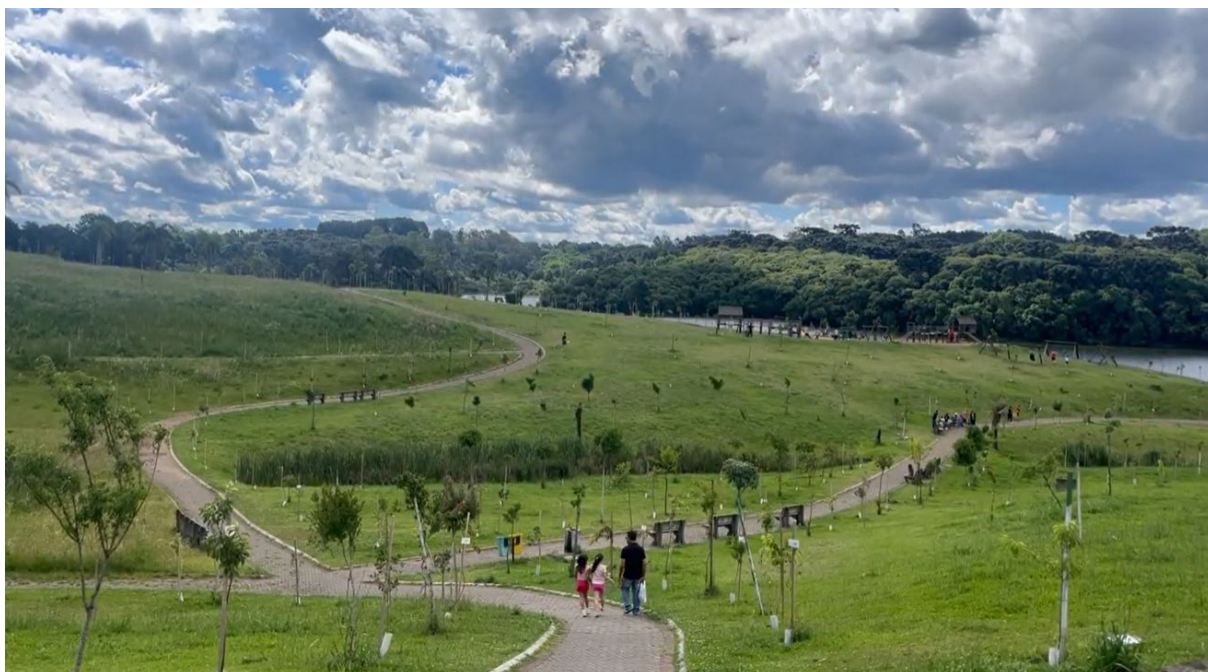


Figura 51: Frame 01 – Parque das Araucárias - Domingo, Fevereiro de 2024
Fonte: da autora, 2024.

Devido à grande extensão do parque, percebi a presença de amplos espaços livres e sem um uso previamente definido, o que promove uma apropriação diversificada por parte das crianças (Figura 52). Essa característica, por um lado, me parece estimular a criatividade no uso do espaço. Por outro, revela uma carência de projeto, especialmente no diálogo com a comunidade, que poderia ter contribuído para identificar as necessidades e prioridades locais. Em um parque tão amplo como este, observei que a ausência de quadras esportivas próprias faz com que os jovens improvisem quadras imaginárias.



Figura 52: Frame 02 – Parque das Araucárias - Domingo, Fevereiro de 2024
Fonte: da autora, 2024.

Em meio aos meus percursos, vivi uma experiência diferente durante uma de minhas visitas ao parque. Ao chegar, notei algo incomum: o estacionamento estava repleto de carros, enquanto o parque, aparentemente, estava mais vazio do que o habitual. Movida pela curiosidade, resolvi perambular pelo espaço e logo me deparei com um grande evento. Uma multidão se reunia ao redor do tanque batismal, que estava sendo utilizado para um batismo evangélico. Fiéis e pastores ocupavam o local em celebração, realizando o batismo de 120 pessoas em uma tarde de sábado.

As atmosferas estavam completamente diferentes das minhas vivências anteriores ali (Figura 53). O silêncio usual tinha dado lugar às vozes e cânticos, e o espaço estava transformado por aquela nova ocasião.



Figura 53: Frame 03 - Parque das Araucárias – Sábado, Novembro de 2024
Fonte: da autora, 2024.

Essa experiência me levou a refletir sobre o uso dos espaços livres públicos como cenários para manifestações religiosas. Por um lado, entendo que esses eventos possam enriquecer o ambiente urbano, trazendo novas dinâmicas e fazendo com que ele seja mais intensamente vivenciado e apropriado pelas pessoas. Por outro, reconheço que também suscitam questões complexas sobre a pluralidade de crenças e o desafio de garantir que todas as expressões religiosas sejam igualmente respeitadas. Essa vivência me trouxe um novo olhar sobre o parque e também me abriu caminho para reflexões sobre os desafios de tornar esses espaços verdadeiramente inclusivos e representativos, não apenas para o gênero, mas também para as expressões sociais, culturais e religiosas.

Em relação as vivências femininas no espaço, percebi que as mulheres geralmente estão em atividades em casais ou em família, dificilmente estão sozinhas. Embora o parque esteja afastado das áreas residenciais, seu amplo estacionamento parece favorecer o acesso dessas famílias, permitindo um deslocamento sem a necessidade de disputar vagas ou recorrer a estacionamentos privados, como ocorre na região central.

A Figura 54 destaca em roxo as atividades realizadas pela comunidade feminina. Elas frequentam as áreas adjacentes à lagoa, atraídas pela visibilidade e pelas paisagens, além de acompanharem os filhos no playground e realizarem piqueniques sob a sombra das araucárias. Também têm uma presença significativa no culto, tanto no tanque batismal quanto em seus arredores. Além da entrada e saída de mulheres pelo estacionamento do parque.

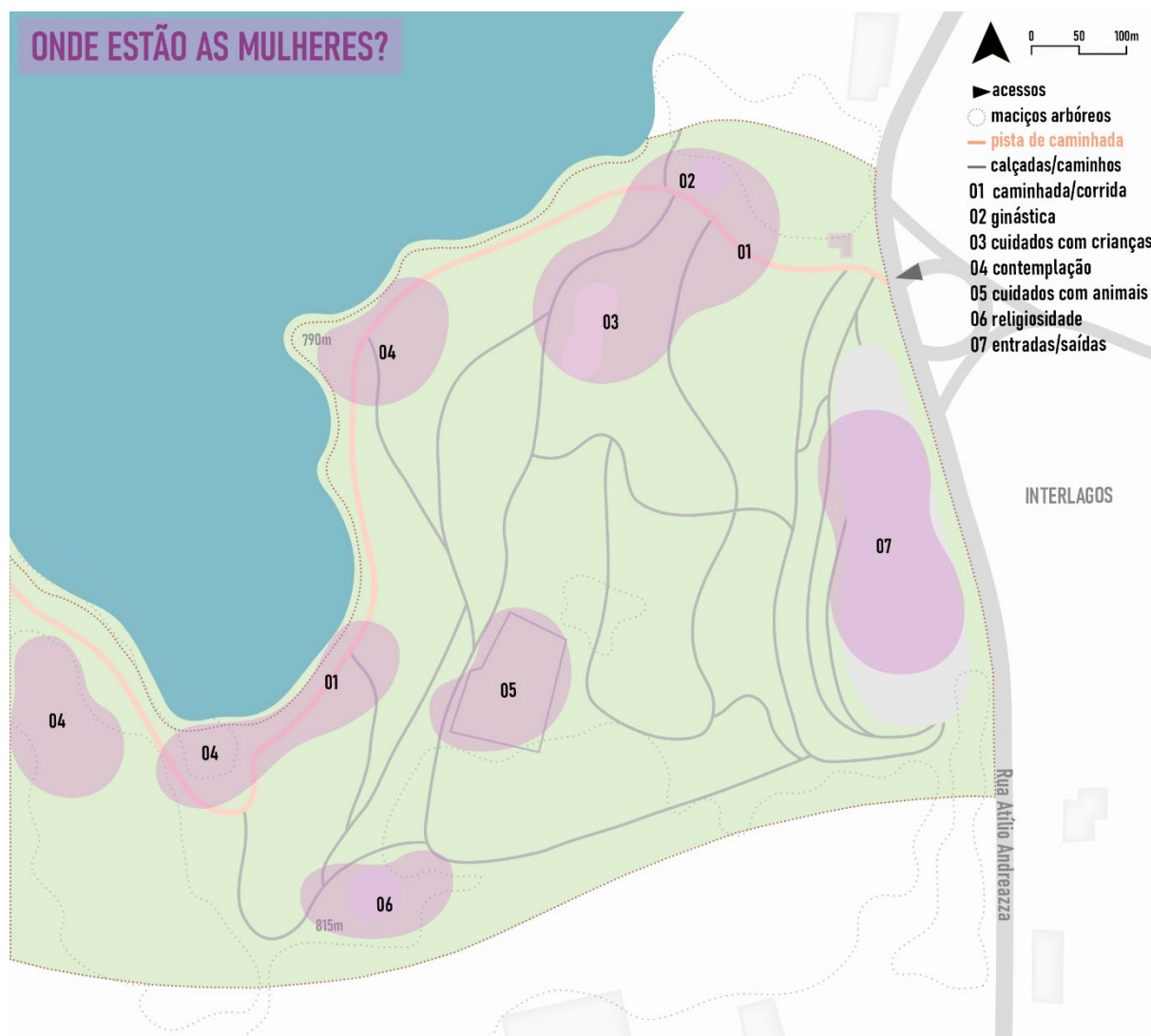


Figura 54: Onde estão as mulheres no Parque das Araucárias
 Fonte: da autora, 2024.

No Parque das Araucárias, como já mencionei, percebo diversas áreas ociosas e sem atrativos, que resultam em um grande vazio em seu centro. Em contraste, as áreas na beira da lagoa atraem maior circulação de pessoas, conforme ilustrado na Figura 55.

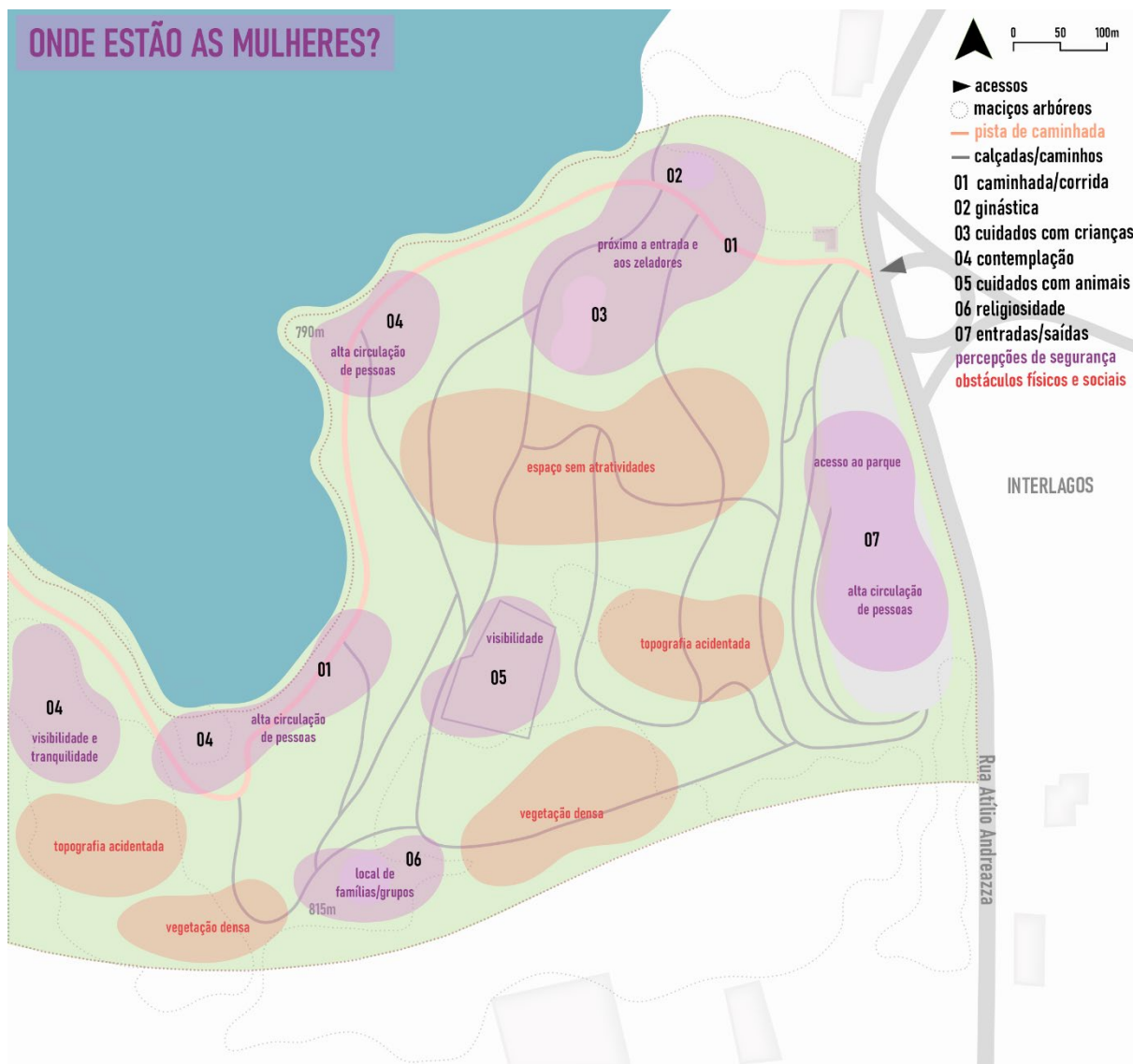


Figura 55: Onde estão as mulheres no Parque das Araucárias - Percepções
 Fonte: da autora, 2024.

Além disso, a densa mata de araucárias no topo do parque cria regiões excessivamente sombreadas e com baixa visibilidade para o exterior, o que afasta a circulação de pessoas, não só a comunidade feminina, seja pelo clima frio e úmido que fica favorecido debaixo das árvores, seja pela insegurança que pode ser reforçada por essa vegetação.

Por outro lado, o restante do parque é predominantemente árido, tornando-se desconfortável em dias de calor intenso. Embora o parque possua mudas plantadas em grande parte de sua extensão, devido à recente inauguração, acredito que ainda levará alguns anos até que elas se desenvolvam em maciços capazes de oferecer um local sombreado e ameno. Nesse sentido, é necessário buscar um equilíbrio entre o excesso e a ausência de cobertura vegetal.

Com relação ao Parque das Araucárias, é importante ressaltar as adversidades que ocorreram durante o período da pesquisa. Em maio de 2024, enquanto esta pesquisa estava sendo realizada, o Rio Grande do Sul enfrentou tragédias significativas. As intensas chuvas ocasionaram perdas materiais e imateriais em quase todo o estado, 450 dos 497 municípios foram afetados.

Em Caxias do Sul, as fortes chuvas colocaram em alerta a área das represas do Complexo Dal Bó, onde está localizado o Parque das Araucárias, devido ao risco de rompimento das três barragens. O Rio Tega, que atravessa a cidade, também teve seus níveis elevados na tentativa de escoar o excesso de água, apesar das precipitações contínuas.

No parque, os impactos ficaram restritos à sua parte mais baixa, onde estão as pistas de caminhada, devido ao aumento do nível da barragem. No entanto, sua topografia acidentada ajudou a conter a subida das águas para outras áreas. Ainda assim, além dos limites do parque, diversas comunidades foram severamente atingidas, levando muitas famílias a deixarem suas casas.

Quatro bairros inteiros — N. Sra. De Fátima, Santa Catarina, São José e Reolon — tiveram que ser evacuados, pois estavam próximos ao leito do Rio Tega. Após dias de chuvas, exaustão e receios, a barragem conseguiu conter as águas e não transbordou. A cidade de Caxias do Sul conseguiu superar esse momento difícil, algo que infelizmente não ocorreu nos demais municípios.

Escrevo estas palavras com tristeza. A sensação de ter familiares precisando sair de casa devido à ameaça de uma enchente já foi devastadora. O sentimento se agrava ao pensar que, em outras cidades, não foi apenas uma ameaça, mas uma realidade. Ver, pelas notícias, lugares que eu conhecia e frequentava submersos foi ensurdecedor.

Acredito que esse sentimento se espalhou por todo o país. As trágicas cenas de cidades inteiras perdendo tudo, com todos em perigo, foram desesperadoras. A solidariedade, no entanto, foi e continua sendo a chave para a superação. Os voluntários incansáveis resgatam e auxiliam os necessitados, mesmo em condições inacessíveis. Outros voluntários, nos abrigos, tentam proporcionar uma sensação mínima de lar para aqueles que perderam tudo. Outros voluntários, da maneira que

conseguiam, doam água, comida, roupas e cobertores, contribuindo para a reconstrução desses mesmos lares.

Durante esses momentos de desespero, por coincidência ou destino, eu estava na cidade. Havia chegado algumas semanas antes para realizar visitas de campo e compreender melhor os personagens da pesquisa. Devido à situação, na maioria dos dias não pude visitá-los. No entanto, após dias de tensão, no primeiro dia de sol depois de tanta ansiedade, que felizmente caiu em um domingo, fui aos parques para ver não apenas como estavam os espaços, mas também como estavam as pessoas que os frequentavam.

Acredito que não era apenas eu que queria voltar aos parques. Depois de dias de luta, inseguranças e medo, muitos caxienses também desejavam desfrutar do sol ao ar livre, com liberdade e segurança. Assim, tive a grata surpresa de ver os parques desse estudo extremamente cheios, com frequentadores felizes por poderem estar no espaço público após dias de apreensão.

Dessa forma, encerro a apresentação dos personagens da minha pesquisa, com seus históricos, contextos e vivências. Para facilitar a compreensão das relações entre os parques e a cidade, apresento no Quadro 3 uma síntese desses espaços.

	PARQUE CINQUENTENÁRIO	PARQUE DOS MACAQUINHOS	PARQUE DA LAGOA	PARQUE DAS ARAUCÁRIAS
Inauguração ¹⁹	1925	1954	1993	2019
Bairro	Cinquentenário	Exposição	Desvio Rizzo	Fátima
Área	6 hectares	10 hectares	7 hectares	12 hectares
Características Formais	Eclético Central	Moderno Central	Contemporâneo Periférico	Contemporâneo Periférico
Características Sociais	Divisa entre territórios	Área valorizada	Presença de sul-americanos	Área de preservação e ocupação urbana
Topografia	Acidentada	Acidentada	Plana	Acidentada
Cercamento	Sim, em parte	Não	Não	Sim, por completo
Presença de água	Não	Não	Sim	Sim
Atividades	- Contemplação - Recreação Infantil - Esportes - Academia 3ª Idade	- Contemplação - Recreação Infantil - Esportes - Academia 3ª Idade - Comércio - Adm. Municipal	-Contemplação -Recreação Infantil - Esportes - Academia 3ª Idade	-Contemplação - Recreação Infantil - Academia 3ª Idade - Recreação Animal - Esportes

Quadro 3: Síntese dos parques urbanos de Caxias do Sul - RS
Fonte: da autora, 2024.

Além do quadro das atividades e características dos parques, acredito que seja importante apresentar também um quadro síntese dos usos e das presenças femininas observadas durante os diversos dias de deriva pelos quatro parques urbanos (Quadro 4), como uma introdução às narrativas compartilhadas que compõem o próximo capítulo do trabalho de campo em Caxias do Sul – RS.

¹⁹ É difícil avaliar a época de inauguração dos espaços devido à forma como eles se transformaram em parques urbanos. No entanto, optou-se por utilizar a data em que foram oficialmente designados como parques urbanos pela prefeitura de Caxias do Sul-RS como referência. É importante notar, contudo, que esses espaços já eram utilizados pela população antes dessa data. A experiência e o uso desses locais são processos em constante transformação, difíceis de serem precisamente datados.

	PARQUE CINQUENTENÁRIO	PARQUE DOS MACAQUINHOS	PARQUE DA LAGOA	PARQUE DAS ARAUCÁRIAS
Presença Feminina Ativa	Sim	Sim	Sim	Pouca frequência
Presença Feminina Passiva	Pouca frequência	Sim	Sim	Sim
Elas estão sozinhas ou acompanhadas?	Elas estão majoritariamente acompanhadas pelo gênero masculino	Estão sozinhas e acompanhadas	Estão sozinhas e acompanhadas	Elas estão majoritariamente acompanhadas pelo gênero masculino
Trabalhadoras do Gênero Feminino	Não foram vistas	Sim, atuando como ambulantes, garis e jardineiras	Sim, atuando como ambulantes	Não foram vistas

Quadro 4: Síntese dos parques urbanos de Caxias do Sul – RS pela presença feminina
Fonte: da autora, 2024.

A partir deste ponto, serão ouvidas narrativas das mulheres que frequentam no seu cotidiano os parques urbanos. Suas vivências serão fundamentais para entender a dinâmica dos espaços livres públicos de Caxias do Sul – RS.



5. O ENCONTRO COM AS NARRATIVAS FEMININAS

A partir desse capítulo, as vivências serão vistas a partir da percepção da comunidade feminina de Caxias do Sul – RS. Como já foi mencionado anteriormente, essa fase está atrelada aos diálogos com as frequentadoras desses espaços a partir de entrevistas de manejo cartográfico, onde conversamos, com roteiros de perguntas flexíveis que adaptam a cada situação, pois cada mulher e cada conversa são únicas. A escolha desse modo de pesquisa se deu para conseguir investigar as experiências, memórias e afetos com que cada mulher teria, ou não, com o lugar.

5.1 Provocações

Os momentos que antecederam as entrevistas foram permeados por dúvidas e, sobretudo, por um certo medo. Será que as mulheres se sentiriam confortáveis para conversar comigo? Será que eu seria capaz de estabelecer um diálogo com elas? E se eu não conseguisse alcançar os objetivos que havia proposto? Essa insegurança inicial era agravada pela sombra da síndrome da impostora: "Será que sou capaz de fazer isso?"

Apesar de todos esses receios, o resultado superou minhas expectativas. A experiência em campo não apenas validou o trabalho, mas o enriqueceu. A imersão no campo foi essencial para ampliar minha compreensão do tema e reforçar a importância de valorizar essas narrativas. Como pontua Tsing:

A imersão no trabalho de campo funciona porque somos forçados a entrar em outros modos de vida - isto é, tornar-nos sociais – antes de termos alguma ideia do que estamos aprendendo (Tsing, 2023, p. 124).

Ouvir essas mulheres foi não apenas gratificante, mas também inspirador. Cada uma trouxe suas histórias e perspectivas, revelando a força e a resiliência do gênero feminino na ocupação dos espaços livres públicos.

As entrevistas foram realizadas no mês de dezembro de 2024, após a aprovação da Plataforma Brasil. Eu procurava frequentar os diversos parques em diferentes horários do dia e dias da semana. Eu visitava os parques desde a manhã até o final da tarde, muitas vezes alternando entre dois parques no mesmo dia para observar as diferenças entre eles. Nos finais de semana, como já se era esperado, eles eram mais

cheios de pessoas e de vida, em comparação aos dias da semana, mas todas essas informações eram importantes para o processo da pesquisa.

Realizei 20 entrevistas nos quatro parques urbanos da cidade, cinco conversas em cada um. Meu objetivo era captar uma diversidade de perfis de mulheres, refletindo as múltiplas experiências e perspectivas que coexistem nos espaços livres públicos (Quadro 5).

QUAL O PERFIL DAS ENTREVISTADAS	
Caxienses	15
Sozinhas	6
Acompanhadas ²⁰	10
Acompanhadas das crianças	4
Mães ²¹	9
Trabalham	11
Estudam	4
Aposentadas	5
Faixa etária (18-34 anos)	6
Faixa etária (34-54 anos)	9
Faixa etária (54-70 anos)	5

Quadro 5: Perfil das entrevistadas
Fonte: da autora, 2024.

Durante as entrevistas, era essencial que as mulheres se sentissem confortáveis para falar abertamente sobre os temas que desejassem compartilhar. Nesse contexto, algumas mulheres se sentiram à vontade para mencionar suas profissões, especialmente aquelas consideradas socialmente mais valorizadas, como arquiteta ou advogada, entre outras.

²⁰ As mulheres aqui descritas como acompanhadas estavam na companhia de outras pessoas durante as entrevistas, que podiam ser amigas, amigos, parceiros ou familiares. Isso indica que não estavam sozinhas no parque no momento da entrevista.

²¹ As mulheres que se identificaram como mães nem sempre estavam com seus filhos presentes no parque durante a entrevista, mas mencionaram ter momentos anteriores ou habituais de convivência com as crianças nesses espaços.

Por outro lado, algumas mulheres não detalharam suas ocupações, o que também foi plenamente respeitado. É importante destacar que o foco da pesquisa não foi mapear profissões específicas, mas sim acolher as experiências relatadas. Assim, não se trata apenas das profissões explicitamente mencionadas, mas também daquelas que não foram citadas, e que são igualmente importantes, pois essas mulheres podem estar envolvidas em uma diversidade de atividades e tarefas, todas essenciais para compreender a pluralidade das vivências femininas nos espaços livres públicos.

É importante descrever como essas interações aconteceram, já que não eram conversas previamente marcadas. A aproximação era feita nos parques, durante o tempo em que as mulheres estavam presentes. Sozinha, eu caminhava pelo espaço e buscava conversar com diferentes grupos: mulheres sozinhas, grupos femininos ou famílias. Essa diversidade era importante para captar distintas perspectivas sobre o parque, uma vez que a experiência de cada grupo era variada.

Antes de tudo, sempre começava me apresentando: meu nome, minha origem como caxiense, minha profissão de arquiteta e meu papel como pesquisadora. Considerava essencial que as mulheres soubessem quem eu era, principalmente porque abordar uma mulher em um espaço público, mesmo sendo por outra mulher, poderia gerar receios e inseguranças. Ao compartilhar essas informações, tentava criar um ambiente de confiança, demonstrando abertura para que ela também se sentisse segura e confortável para compartilhar suas vivências.

Para minha surpresa, as interações foram melhores do que eu esperava. Nenhuma mulher se recusou a conversar comigo, algumas, naturalmente, mostraram-se mais tímidas no início, mas todas foram solícitas e colaborativas. Inclusive, quanto à assinatura dos termos de consentimento ético da Plataforma Brasil.

Essa receptividade me surpreendeu, especialmente considerando o estereótipo de que "os gaúchos são mais introspectivos e reservados". Imaginei que algumas mulheres poderiam hesitar ou se recusar a falar com uma desconhecida que buscava ouvir suas histórias no parque. No entanto, fui recebida com generosidade, o que me deixou profundamente grata. Quero registrar aqui também meu sincero agradecimento a todas que participaram, pois, sem suas contribuições, este trabalho não teria sido possível.

Como eu me apresentei, iniciava a conversa perguntando quem era aquela mulher que estava ali no parque. Deixava o espaço aberto para que elas se apresentassem livremente, sem seguir regras ou responder perguntas específicas. Queria que cada uma escolhesse, por vontade própria, como se definir. Algumas compartilhavam seus nomes, outras falavam sobre suas profissões, enquanto outras explicavam o motivo de estarem ali. Não havia respostas certas ou erradas, o meu objetivo era apenas conhecer quem eram as pessoas por trás das histórias que eu estava prestes a ouvir.

Após esse momento de apresentação, o diálogo se desenvolvia a partir de algumas perguntas iniciais, que serviam como ponto de partida e variavam conforme o fluxo de cada conversa. Essas perguntas introdutórias eram as seguintes:

1. Quando você pensa nesse parque, qual é o primeiro sentimento que desperta em você?
2. O que faz você vir ao parque?
3. Quais são as suas memórias mais marcantes sobre o parque?
4. O que você mais aprecia nesse espaço?
5. Há algo que você não goste ou que te incomode aqui?
6. Você se sente acolhida aqui?
7. Como você se sente em relação à segurança neste parque?
8. Você circula sem preocupação por esses espaços em todo e qualquer horário?
9. O que poderia mudar nesse lugar para você?

As perguntas foram elaboradas para que as mulheres falassem sobre o parque em que estavam no momento. Contudo, o interessante foi perceber que, embora muitas respondessem diretamente sobre aquele lugar específico, outras também mencionavam suas experiências em outros parques — sejam eles locais que frequentavam ou que haviam deixado de visitar por algum motivo.

Para conseguir dar vida a todas as entrevistas, foram desenvolvidas colagens, de cada uma dessas conversas, em que cada imagem revela a história de uma mulher. Assim como utilizei recortes de jornais para aludir as atmosferas dos parques, aqui retomei essa abordagem: cada mulher traz seus próprios "recortes" — suas vivências e experiências — que juntas compõem a "imagem" do parque sob sua ótica.

Para um melhor entendimento das colagens, elas foram separadas em cores. Em amarelo, são representadas as formas de apresentação de cada uma, que como mencionei não era universal. Cada mulher se apresentava de uma forma, e essa fala demarcada foi a sua primeira interação comigo, a sua primeira conversa. Já em marrom, estão representadas as falas que mais me chamaram a atenção da conversa, que mais representavam essa mulher no espaço público.

As demais falas presentes nas imagens serão apresentadas em diferentes formatos, como cinza, itálico ou outros, simulando recortes de diversos locais. Nossas vivências nunca são idênticas, e cada lembrança surge de um determinado lugar. Por isso, essas falas são representadas de maneira distinta, e não uniforme. No entanto, é no entrelaçamento de todas elas que se forma a imagem de cada mulher.

A partir daqui, serão registradas as diversas vozes femininas nos seus respectivos parques.

5.1.1 Narrativas do Parque Cinquentenário

As histórias serão contadas a partir de cada mulher e de sua relação com o espaço. O objetivo é compreender como as percepções sobre um mesmo lugar podem variar significativamente, sendo moldadas por trajetórias pessoais, experiências vividas e modos singulares de estar no mundo.

Diante do estigma de insegurança associado ao Parque, eu estava ansiosa para ouvir a perspectiva de alguém que lidasse diretamente com essa questão. Por isso, decidi conversar com uma guarda militar que atuava na guarita localizada no perímetro do parque (Figura 56).

eu sou guarda militar

Não frequento o parque como mulher, eu frequento o Parque dos Macaquinhos

O Parque Cinquentenário é abandonado

O cercamento dificulta muito, o parque teria que ser aberto para todos, se te acontece alguma coisa ou você passa mal, você não consegue sair

Ele dá uma ideia de insegurança, ninguém vem tranquilo e feliz para cá, ele parece fechado e escuro por conta da vegetação

A mídia influencia muito, o caxiense tem essa visão bem negativa do lugar, como ele é próximo da vila, as pessoas acabam não vindo por medo

Era para o parque ser bem mais ocupado, por onde ele é localizado

Durante meus anos de trabalho aqui, nunca houve registros de crimes ou situações relatadas por mulheres para mim. Essa sensação de insegurança muitas vezes é mais intensa do que os próprios eventos que realmente acontecem no parque

Figura 56: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 01
Fonte: da autora, 2025.S

Para ela, o Parque Cinquentenário representava um somatório de problemas e influências negativas. Na sua visão, o papel da mídia contribuía significativamente para afastar as pessoas do local. Além disso, a proximidade com a Vila do Cemitério era um fator marcante na subutilização do parque, especialmente em relação à área esportiva, já que as pessoas não frequentavam por medo das disputas entre os territórios.

Outro ponto destacado era o desnível entre as duas partes do parque, que, segundo ela, comprometia a conexão entre os espaços e, consequentemente, sua utilização. O cercamento também reforçava essa desconexão. A mata densa no entorno tornava o parque frio e sombrio, criando um ambiente pouco acolhedor e que dificultava a experiência de momentos tranquilos no local.

Na sua opinião, o parque precisaria ser completamente reformulado para oferecer boas experiências e vivências. Por todos esses motivos, ela própria não frequentava o espaço. No entanto, ela comentou que, durante seus anos de trabalho no local, nunca houve registros de crimes ou situações relatadas por mulheres diretamente a ela. Em sua visão, a sensação de insegurança muitas vezes é mais intensa do que os próprios eventos que realmente acontecem no parque.

A outra entrevista foi com uma aposentada. Ela comentou sobre a constante sensação de insegurança que permeava o Parque Cinquentenário. Ela frequentava algumas vezes o parque acompanhada, como atalho para alguns lugares, ele era mais passagem do que parque, mas sempre o fazia com receio, atenta ao movimento ao redor, avaliando se era seguro atravessar (Figura 57).

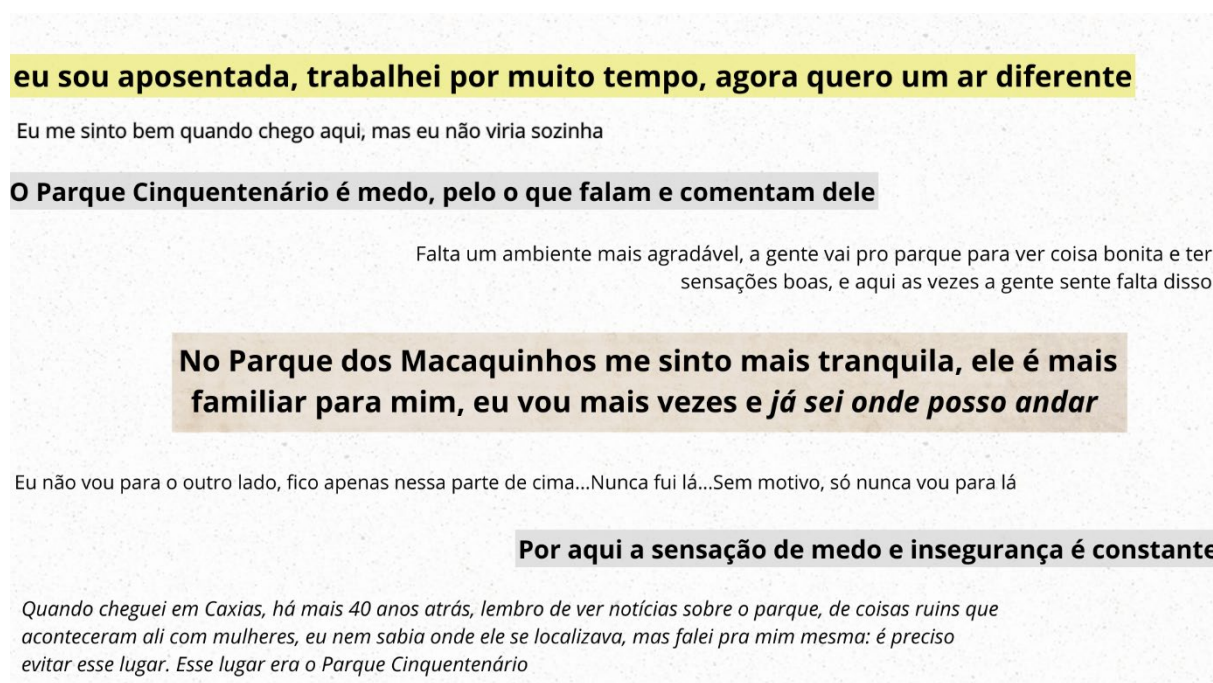


Figura 57: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 02
Fonte: da autora, 2025.

Algo que me interessou foi sua fala sobre o Parque dos Macaquinhos, onde ela se sentia mais segura porque "sabia onde podia ir". Isso reflete uma lógica que muitas mulheres internalizam: os parques possuem áreas delimitadas onde se sentem seguras e outras onde não ousariam ir. Mesmo diante desses fatores, ela relata uma sensação de bem-estar ao chegar ao parque, sobretudo quando está acompanhada.

Na entrevista a seguir, ficou evidente que, embora a entrevistada apreciasse o contato com a natureza, o principal motivo de suas visitas ao parque eram suas filhas. O bem-estar das crianças, combinado com a oportunidade de sair de casa, estava diretamente relacionado às suas idas ao local (Figura 58).

sou advogada e frequento os parques pelas minhas filhas

Eu viria sem as crianças também, para relaxar por aqui...mas não sei se viria sozinha

Para aquele lado a gente nunca foi, não nos interessa muito, sempre ficamos aqui desse lado

Eu não venho sozinha porque são gêmeas, são duas para cuidar, venho acompanhada para conseguir dar conta, seja com o marido ou com uma amiga

O Parque Cinquentenário é natureza, mas também é insegurança

O que eu gosto aqui? Eu gosto do espaço da academia, não para fazer academia, mas minhas filhas preferem brincar aqui do que no parquinho

Eu venho mais pela questão do bem estar delas e desse contato com a natureza

Eu sinto que poderia ter mais segurança, preciso controlar os horários para vir aqui, eu gostaria de vir final de tarde, mas tenho muito receio de estar aqui depois que anoitece, já fica complicado...

Figura 58: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 03
Fonte: da autora, 2025.

A segurança também era uma preocupação que se manifestava tanto na necessidade de vigiar as crianças quanto no receio dos possíveis perigos no ambiente. Por esses motivos, ela sempre preferia ir acompanhada ao parque, mas limitava-se a frequentar a parte superior, como a maioria das frequentadoras. Já que a parte mais baixa do Parque Cinquentenário apresenta um nível de abandono ainda maior que o restante do parque.

A entrevista em sequência também abordou o papel materno, mas sob uma perspectiva diferente. A entrevistada nunca havia frequentado o parque antes de se tornar mãe. Foi somente com o nascimento de seu filho que ela visitou o espaço pela primeira vez, apesar de morar em um bairro adjacente ao parque. Até então, ela não enxergava razões para usufruir do local (Figura 59).

sou arquiteta também

Eu gostei da área verde, é um lugar que se nota que existe faz bastante tempo, olha o tamanho das árvores

Dizem que esse Parque Cinquentenário é o mais perigoso né?

Me sinto bem aqui, mas eu não viria sozinha, teria um pouco de receio...tipo muito cedo ou muito tarde

Eu moro aqui do lado, no Bairro São Pelegrino

E se eu te falar que hoje foi a primeira vez que eu vim aqui?

Eu acho que o parque poderia ser mais acessível, poderia ter uma conexão melhor entre os espaços. Eu tive dificuldade de andar com o nenê no carrinho até aqui

Eu vim trazer o meu filho no parquinho, sem ele eu nem viria aqui

Falam que a segurança não é muito boa por aqui, apesar de ter a guarita militar ali do outro lado, mas como é a primeira vez que venho é difícil de avaliar essas coisas

Figura 59: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 04
Fonte: da autora, 2025.

É curioso perceber que, embora nunca tivesse visitado o parque, ela possuía relatos marcantes sobre o espaço. Seu conhecimento, especialmente sobre questões relacionadas à segurança, parecia moldado por percepções e comentários alheios. Ainda assim, ele se apresentava como uma área verde de qualidade, onde a imponência das grandes árvores revelava a passagem do tempo, como se guardasse a história do lugar.

As entrevistas com as duas mulheres/mães me proporcionaram uma sensação diferente. Enquanto algumas mulheres demonstravam entusiasmo ou rejeição ao espaço pelos próprios motivos, gerando opiniões claras sobre estar ali ou não, elas transmitiam uma desconexão com o lugar. Era como se sua presença no parque fosse motivada por razões externas, algo distante de um desejo ou escolha pessoal.

Ser mulher muitas vezes está associado ao papel de cuidar e se esforçar pelos familiares, mesmo que seus desejos sejam outros. As responsabilidades são historicamente atribuídas ao gênero feminino. O ato de levar as crianças ao parque, zelar pelo seu bem-estar e permitir que tenham contato com a natureza, é uma expressão desse cuidado.

Por fim, a última entrevistada enriquece o trabalho ao trazer uma perspectiva contrastante. Enquanto a maioria mencionou receios e imaginários em relação ao

local, ela compartilhou suas vivências de mais de 50 anos no parque. Esse espaço, para ela, é fonte de lembranças afetivas e sorrisos, a ponto de considerá-lo o melhor parque de Caxias do Sul – RS (Figura 60).

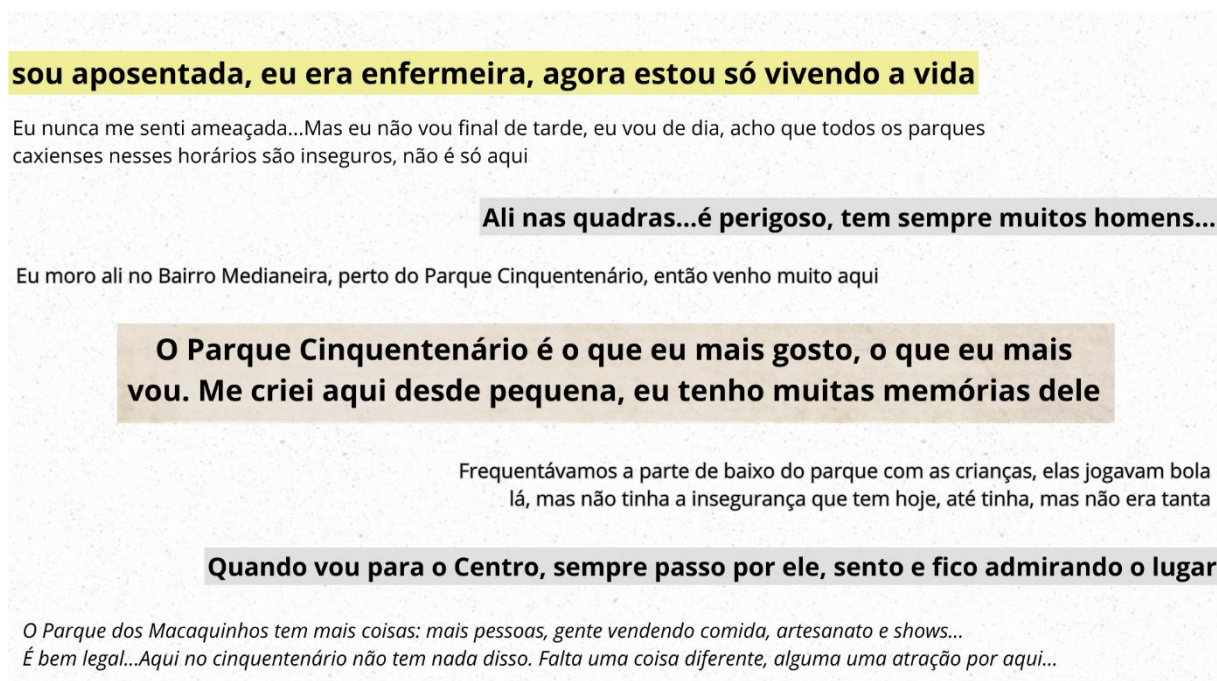


Figura 60: Narrativas femininas sobre o Parque Cinquentenário 05
Fonte: da autora, 2025.

Ela reconhece os receios como características dos espaços livres públicos em geral, ela não considera que isso diminua o valor do parque. Para ela, essas questões não o tornam "menos parque", mas sim parte da complexidade que define os espaços urbanos caxienses.

5.1.2 Narrativas do Parque dos Macaquinhos

O Parque dos Macaquinhos é um lugar de memórias, lugar de convívio de diversas épocas, idades e experiências. É um espaço de carinho para os caxienses, como já foi visto anteriormente, mas também pela própria comunidade feminina.

A primeira narrativa apresentada retrata o parque como uma lembrança. Trata-se de uma aposentada que frequentou o Parque dos Macaquinhos em diferentes momentos de sua vida. Para ela, o parque já foi outro lugar, um espaço repleto de experiências que, embora permaneça fisicamente no mesmo local, foi transformado ao longo do tempo. Os lagos e os macaquinhos, elementos que antes compunham sua vivência no parque, já não estão mais lá. Assim, o parque, em sua visão, tornou-se impessoal,

perdendo parte de sua essência original. Como ela mesma descreve, o espaço permanece, mas deu lugar a outro lugar, que ela já não reconhece como seu (Figura 61).

eu sou aposentada

Eu trabalhava o dia inteiro e estudava a noite, então final de semana, como se morava em casa pequena, era necessário sair de casa, e a nossa fuga era ir para o Parque dos Macaquinhos

Depois que tiraram os lagos, tiraram os macaquinhos, nos tiraram de lá

Depois que tiraram o lagos, ele tornou-se impessoal, ele era uma coisa tão mágica e de uma hora para outra, o lugar que eu gostava tornou-se outro

Meu teste da autoescola foi no morro dentro do parque, foi lá onde aprendi a dirigir

Não tem nada que não goste, mas se pudesse mudar algo seria a volta dos lagos e os macaquinhos para dar sentido ao nome e as nossas vivências, para caracterizar de novo o antigo

Eu nem me lembro do nome correto, para mim é Parque dos Macaquinhos, para mim e muita gente

Sempre frequentei o parque sozinha, antigamente era sempre seguro, não se tinha medo, independente do horário. Eu estudava ao lado do parque a noite, e eu ia sozinha para casa e cortava caminho pelo parque. Claro, isso na década de 1980, não me lembro quando que se tornou inseguro

Figura 61: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 01
Fonte: da autora, 2025.

Embora continue visitando o parque, suas falas e memórias estão sempre ancoradas no passado. Para ela, o parque funciona como uma ponte para reconectar-se com lembranças que já não estão mais fisicamente presentes: os lagos, os macaquinhos, a autoescola e a magia.

A ideia de “trazer de volta esses elementos para resgatar o sentido das nossas vivências” foi marcante. Entre os entrevistados mais jovens, que têm conhecimento da existência desses elementos, mas não os vivenciaram, o parque atual é dito como o melhor da cidade. No entanto, para ela, há um sentimento de decepção em relação às transformações pelas quais o parque passou e como isso impactou sua relação com o espaço e com os amigos que costumavam frequentá-lo.

Para ela, houve uma ruptura — não apenas física, mas também emocional. O parque, segundo sua visão, perdeu partes essenciais. A ausência dos lagos, por exemplo, simboliza a perda de vivências que outrora definia o espaço. Esse sentimento é compartilhado por outros relatos mencionados no Capítulo 4, que também lamentaram as mudanças no parque.

Embora eu não tenha vivenciado o Parque dos Macaquinhos como ela, suas palavras evocam um profundo carinho pelo lugar e convidam à reflexão. Como arquitetos e cidadãos, somos levados a considerar como intervenções realizadas sem a devida participação pública podem criar fissuras nas relações das pessoas com os espaços que habitam. Para os frequentadores de hoje, o parque é considerado o melhor da cidade, mas para aqueles que o conheceram em outra época, ele não está em sua melhor versão. Resta, então, a curiosidade de imaginar como seria vivenciá-lo em sua plenitude.

A opção por iniciar as entrevistas com esse depoimento reflete a percepção de que o Parque dos Macaquinhos não é um espaço isento de imperfeições. Durante minha caminhografia, ficou evidente que o parque se apresenta como um ambiente mais acolhedor, algo que também se confirma nas conversas que serão abordadas a seguir.

No entanto, trazer à tona uma perspectiva que não se opõe, mas oferece uma visão diferente do lugar, é crucial para uma pesquisa que busca explorar os espaços sob a ótica feminina. A experiência feminina não é universal, nem unânime. Por isso, destacar essa outra faceta do parque é indispensável, compreender as múltiplas camadas que coexistem nos espaços livres públicos.

Além de lembranças, o parque também representa reconexão. Durante a minha segunda conversa, realizada em uma tarde de dia útil, a entrevistada comentou logo no início, quase se desculpando, que estava ali naquele horário por estar desempregada, insinuando que não havia motivos aparentes para alguém frequentar o parque durante a tarde. Nesse contexto, ela revelou que visitar o parque havia se tornado parte de sua rotina diária, às vezes até duas vezes ao dia, pois era o que lhe dava forças para seguir em frente (Figura 62).

eu estou aqui para me reconectar comigo mesma

Nunca fiquei com medo, mas sempre fico atenta aos horários que venho aqui, sempre de dia, nunca à noite

Eu venho ao parque para fazer exercício pela manhã e à tarde para refletir

Eu gosto daqui, ele é sem dúvida o melhor parque da nossa cidade

Estou desempregada, com tempo ocioso, então fico aqui para tentar me reconectar comigo e com o meu espiritual próximo a natureza

Eu moro ao lado do Parque Cinquentenário, mas eu sempre venho aqui, não gosto de lá

Muita gente dorme aqui a noite, e aí de manhã, fora da pista de caminhada, da área central acaba ficando perigoso... Mas isso não me faz desistir de vir ao parque, eu só não frequento essa área

Acho que por aqui faltam eventos no parque, abrir o leque para atividades diferentes para deixar o local ainda mais movimentado

Figura 62: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 02
Fonte: da autora, 2025.

Ficar em casa a deixava ansiosa. O parque, por outro lado, era o espaço de reconexão consigo mesma, essencial para refletir e decidir os seus próximos passos. Embora morasse perto do Parque Cinquentenário, optava por frequentar aquele onde estávamos, pois ali se sentia bem. Para ela, este era o melhor parque da cidade.

O parque tornou-se seu refúgio, seu escape durante aquele período desafiador. No entanto, mesmo sendo o "melhor", as questões de segurança eram uma preocupação. Ela mencionou que havia áreas em que se sentia confortável em frequentar e outras que preferia evitar. Ela cuidava dos horários que ia frequentá-lo pois, embora o parque oferecesse um ambiente acolhedor, estar ali em qualquer momento poderia aumentar seus receios com o espaço.

Nesse contexto, assim como no Parque Cinquentenário, considerei fundamental ouvir alguém que vivenciasse o parque de maneira contínua e intensa. No caso do Parque dos Macaquinhos, que também dispõe de um espaço destinado à brigada militar dentro de seu perímetro, minha próxima conversa foi com uma guarda militar que atuava ali há 25 anos.

O início da conversa foi marcante: antes de qualquer coisa, ela me perguntou como deveria se comportar — como guarda ou como mulher? Essa pergunta, por si só, desperta inúmeras reflexões sobre as vivências femininas e as dúvidas que

frequentemente enfrentamos sobre qual papel devemos adotar em diferentes situações, especialmente quando não nos é permitido simplesmente sermos nós mesmas.

Disse a ela que poderia ser quem quisesse e que, na verdade, acreditava que todas nós somos uma fusão das experiências que vivemos e dos papéis que desempenhamos, tornando difícil separar essas dimensões. Assim, nossa conversa aconteceu com ela se apresentando como essa mistura — uma guarda militar, mas também uma mulher e mãe (Figura 63).

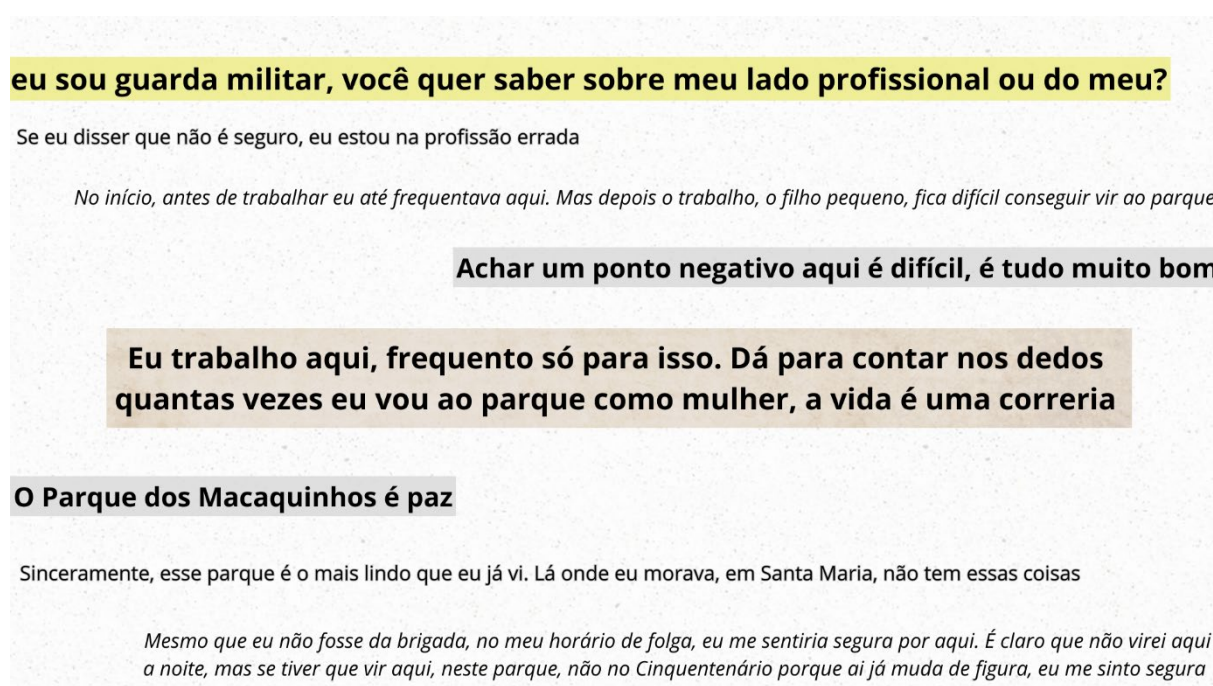


Figura 63: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 03
Fonte: da autora, 2025.

Questões relacionadas à segurança do parque a afetavam, mesmo que a responsabilidade por essa tarefa fosse da guarda municipal, e não da brigada militar. Pela sua profissão, ela acreditava que deveria se sentir segura em qualquer situação, independentemente de ser mulher. Ainda assim, afirmou que o Parque dos Macaquinhos era um local seguro: “mesmo se eu não fosse da brigada ou estivesse de folga, eu me sentiria segura por aqui.”

No entanto, sua percepção mudava quando o assunto era o Parque Cinquentenário. Para ela, aquele espaço apresentava disputas e problemáticas que o tornavam inseguro. É interessante notar como esses dois parques caxienses ocupam um lugar marcante no imaginário coletivo da cidade. Muitas das entrevistas realizadas em um

desses parques acabavam trazendo à tona aspectos do outro, mesmo que os entrevistados não estivessem fisicamente ali.

Memórias e acontecimentos ultrapassam barreiras, frequentemente conectando o Parque dos Macaquinhos ao Parque Cinquentenário, especialmente em comparações. Acredito que por serem os mais antigos e centralmente localizados, esses dois parecem provocar maior conexão e proximidade com os frequentadores em relação aos parques mais periféricos da cidade.

Durante nossa conversa, ela mencionou que estava no parque todos os dias devido ao trabalho, mas, como mulher, conseguia contar nos dedos as vezes em que frequentou apenas por lazer. Com as demandas do trabalho, da família e de um filho pequeno, ir ao parque era um luxo que a rotina não permitia. Embora adorasse o espaço e o considerasse o parque mais bonito que já havia visto, raramente encontrava tempo para usufruí-lo fora do horário de trabalho. Sua vivência no parque era marcada pelo ofício, mesmo que seus desejos fossem voltados ao lazer.

Esse relato ilustra como, mesmo havendo proximidade e convivência cotidiana com o parque, muitas vezes não sobra tempo para vivenciá-lo da maneira desejada. Como mulheres, carregamos responsabilidades relacionadas ao trabalho, ao cuidado e à família que frequentemente interferem em nossos desejos e acabam nos afastam desses espaços, mesmo quando estão ao nosso alcance.

Nesse contexto, a quarta entrevistada expressa uma esperança: o parque como primeiro passo rumo a liberdade, um lugar onde estar em um espaço público pode se tornar possível ao superar os medos. Jovem e recém-chegada de uma cidade do interior, se depara com uma cidade grande e como ela comenta “com um parque maior que a minha cidade”. Como será possível superar esses desafios e viver os espaços públicos? (Figura 64).

eu não sou caxiense e sou vendedora

Sou do interior do Rio Grande do Sul, mas moro aqui já faz dois anos

Estou no intervalo do trabalho, resolvi ficar de boa por aqui

**Cada dia que passa, que eu vou ao parque, eu
me sinto mais segura de estar aqui**

Eu sou meio medrosa, não gosto de passear sozinha, se for de dia até tudo bem

Já nos finais de semana gosto de ficar sentada tomando chimarrão, apenas curtindo

*Sobre as memórias, o dia mais legal por aqui foi o show do Vitor Kley, que foi ali no
meio, deveriam usar mais o espaço para festivais*

O parque é confortável, esse lugar é quase maior que minha cidade, lá não tem isso

Figura 64: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 04
Fonte: da autora, 2025.

É claro que não podemos ignorar que a coragem, por si só, não resolve todas as questões. Contudo, muitas vezes, os receios são alimentados pela mídia ou por pessoas que não frequentam os parques e os rotulam como inseguros. Quando se rompe essa barreira e vivemos o espaço por nós mesmas, é possível construir as nossas percepções próprias, livres de estigmas, e frequentemente descobrir que aquele lugar não é tão ameaçador quanto parecia — ao contrário, pode ser acolhedor.

A jovem aproveitava o parque como um respiro durante os intervalos do trabalho, mas também o frequentava nos finais de semana para tomar chimarrão ou assistir aos shows que ali aconteciam. Aos poucos, começou a criar memórias naquele espaço e a sentir-se segura, mesmo em um território novo. Assim, o parque começou a transformar-se em seu refúgio em meio à imensidão da cidade.

Por fim, última entrevistada vê o parque como espaço de existir e urbanizar. Uma jovem que afirma não sentir medo de frequentar o parque, ao contrário de suas amigas, que evitam o local e têm receio dele, confirmando a ideia dos imaginários sobre o parque versus nossas próprias percepções, como mencionado anteriormente (Figura 65).

eu sou estudante de jornalismo e dançarina

O parque é tranquilidade, não sinto o medo que a maioria das minhas amigas sentem, elas tem pavor de vir aqui

O meu primeiro beijo foi ali, na pista de skate

Eu me denomino como *urbana*, fico sempre atenta, mas sempre estou no espaço público sozinha

Eu venho correr aqui a noite, não tem graça correr na esteira. Não tenho medo, se tem gente no parque eu me sinto bem

Eu danço, e alguns treinos acontecem aqui, eu gosto

Eu tenho muitas lembranças daqui, desde a infância, frequentava muito o parquinho e continua mais ou menos igual, então vir aqui me traz uma nostalgia boa

Me sinto bem segura, em qualquer horário, desde que tenha gente por aqui

Figura 65: Narrativas femininas sobre o Parque dos Macaquinhos 05
Fonte: da autora, 2025.

Diferente das outras mulheres entrevistadas, ela frequenta o parque em todos os períodos do dia. Para ela, a simples presença de outras pessoas já a faz se sentir tranquila e segura. Durante nossa conversa, ela se descreveu como “urbana” por gostar de estar em parques, praças e nas ruas da cidade. Mesmo quando está sozinha, ela consegue aproveitar os espaços públicos, pois gosta de estar na cidade e de vivenciá-la.

Sua conexão com o parque vai além da prática esportiva. Ela usa o espaço de diversas maneiras: para dançar, fazer pausas durante o trabalho, e até mesmo como um lugar de memórias da infância, como quando brincava no parquinho, ou da adolescência, quando teve seu primeiro beijo na pista de skate. O parque está imerso em suas memórias de diferentes fases da vida e contextos, o que talvez a faça se sentir tão confortável ali. Cada cantinho do espaço conta uma história sua, como se o parque fizesse parte de sua própria história.

5.1.3 Narrativas do Parque da Lagoa

Diferentemente dos parques mencionados anteriormente, localizados em regiões centrais do município, o Parque da Lagoa inaugura uma nova narrativa: a dos parques periféricos. Essa mudança de contexto atrai diferentes grupos femininos, o que

enriquece as perspectivas para a análise deste espaço, considerando não apenas as diferenças geográficas, mas também os distintos contextos sociais presentes no local.

Como mencionado na caminhografia, ele é frequentado por um grupo social distinto dos demais, os imigrantes sul-americanos. Isso despertou em mim uma grande curiosidade sobre a percepção dessas mulheres em relação ao parque e como elas se sentiam em um espaço que, voluntária ou involuntariamente, havia se tornado parte de suas vidas.

No entanto, a aproximação com as mulheres estrangeiras revelou-se um desafio. Elas estavam frequentemente em grupos grandes, de 10 a 15 pessoas, o que me deixava receosa de interromper as suas atividades. Além disso, sentia um temor de estar invadindo um espaço que talvez preferissem manter resguardado. A barreira linguística também me preocupava, assim como a possibilidade de que minha abordagem fosse percebida como desrespeitosa ou invasiva, especialmente considerando diferenças culturais que poderiam interpretar minha iniciativa de maneira inadequada. Essa combinação de fatores me levou a hesitar e demorar para criar coragem e confiança para iniciar um diálogo.

Depois de um tempo observando, percebi uma mulher que aparentava estar tranquila e contente, aproveitando um piquenique com sua família. Decidi me aproximar e iniciar uma conversa com ela, esforçando-me para falar de forma pausada, pois seu idioma era o espanhol, e depois de alguns instantes mencionou que era venezuelana. Esse encontro marcou um passo inicial para entender suas vivências e a conexão que ela estabelecia com o Parque da Lagoa (Figura 66).

eu sou venezuelana

Já tem 4 anos que estamos aqui, e gostamos de Caxias, sinto saudades da Venezuela, mas me sinto bem aqui. Não sinto discriminação, nem nada, me sinto muito bem aqui.

Lá as casas tem pátios maiores, então é comum ficarmos em casa com os amigos e família celebrando, e aqui acabamos vindo para o parque para nos juntar como os quintais são pequenos

**Todos os dias é agradável estar aqui, viemos frequentemente, tiro os sapatos
caminho pela grama, abraço as árvores e respiro fundo para começar a
semana bem. É a carga do meu dia**

É muito diferente, sobretudo o clima, aqui faz muito frio.

Por isso que invadimos aqui na lagoa, tem muitos venezuelanos, queremos aproveitar o sol para sair de casa

Eu gosto da lagoa, o contato com a natureza e de trazer os filhos para brincar. Mas eu venho sem as crianças também, as vezes deixo eles na escola e venho para cá

Eu gostaria que pudesse se usufruir da lagoa, gostaria que eu e as crianças pudéssemos usar e nos divertir, seria gostoso. Gostaria que tivessem remos ou caiaques, seria bom para nós como um passeio, ver o parque de forma diferente, e também ajudaria o parque na parte econômica. Lá na Venezuela frequentávamos os parques naturais.

Figura 66: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 01

Fonte: da autora, 2025.

Nos primeiros momentos da conversa, ela comentou sobre as diferenças entre Caxias do Sul e sua terra natal, a Venezuela, destacando especialmente o clima. Para "eles", como ela costumava se referir ao grupo de venezuelanos presentes no parque, a cidade era muito fria. Ela falava frequentemente em nome de todos, como se compartilhassem as mesmas alegrias e dificuldades. Por isso, ela explicou que aproveitavam os dias de sol para sair de casa e passar tempo no parque, já que o clima mais ameno era uma oportunidade rara.

À medida que a conversa avançava, ela revelou o motivo de estarem sempre em grandes grupos no parque. Ela explicou que, na Venezuela, suas casas possuíam amplos quintais que serviam como espaço para celebrações com amigos e familiares. Em Caxias do Sul, no entanto, as suas residências são pequenas, geralmente sem quintal ou com áreas externas muito reduzidas. Por isso, o parque se tornou uma extensão de suas casas, o local onde as celebrações acontecem agora é no espaço público.

Ela não mencionou em nenhum momento os motivos que a trouxeram ao Brasil, sejam eles voluntários ou não, e eu respeitei, preferindo não questionar. Percebi que detalhes de sua história pessoal não eram fundamentais para o objetivo da pesquisa, e o importante era que ela se sentisse bem e segura ao conversar comigo. O essencial

era compreender como ela vivenciava o parque e se relacionava com o espaço, e, nesse aspecto, ela foi bastante generosa em suas reflexões.

Embora ela não tenha mencionado como chegou até ali, compartilhou como se sentia em relação ao lugar. Havia uma nostalgia pelas vivências que deixou na Venezuela, mas um contentamento por estar ali. Comentou sobre as diferenças culturais marcantes, mas destacou que ela e sua família não enfrentaram discriminação ou situações semelhantes. Ao contrário, os quatro anos que passaram ali foram descritos como muito positivos não só para ela, mas para todos.

Segundo ela, o contato com a natureza era o mais significativo. Estar ali, descalça, abraçando as árvores e apreciando a paisagem, era uma experiência fenomenal. Contudo, ela mencionou um desejo: poder entrar na lagoa. Para ela, contemplá-la de longe parecia insuficiente. A lagoa, tão próxima, era uma presença simbólica que ela gostaria de integrar às celebrações de sua família, transformando-a em mais um elemento vivo e participativo de suas experiências no parque.

Por outro lado, a outra mulher com quem conversei destacou o preconceito existente na cidade em relação ao que é diferente, seja no aspecto cultural, social ou de classe. Embora fosse gaúcha, ela havia passado muitos anos morando no Rio de Janeiro e retornou à cidade por motivos familiares.

Ela contou que, no Rio de Janeiro, havia se acostumado a um dia a dia mais despreocupado, onde cada um cuidava de si. Porém, ao voltar para Caxias do Sul, percebeu que as coisas eram bem diferentes. Para ela, em Caxias, a maneira como você se veste, se comporta ou utiliza os espaços públicos parece ser constantemente observada e, muitas vezes, repudiada. Ela comentou que a receptividade dos gaúchos, já era antes vista como um ponto fraco, e que continua a ser um desafio até os dias de hoje (Figura 67).

eu sou do Sul, mas morei 20 anos no Rio de Janeiro, hoje estou aqui de novo

Eu moro aqui perto, no Bairro Charqueadas, venho aqui para caminhar

Podia ter uns pedalinhos, faltam atividades nessa Lagoa

Todo mundo que vem pra cá fala que as pessoas não são muito receptivas, ficam reparando muito no que a gente faz, seja na rua ou seja nos parques

Antigamente, íamos para os parques levar nossos filhos para brincar, hoje mesmo sem eles continuamos, nós viemos para conversar entre amigas

Fiquei acostumada com o Rio de Janeiro...Aqui as pessoas são um pouco preconceituosas. Um dia fui pro Centro de chinelo havaianas, me senti tão mal e tão notada, que fui em uma loja comprar uma rasteirinha para continuar o dia, isso é Caxias do Sul.

Figura 67: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 02
Fonte: da autora, 2025.

Para além disso, ela recordava com carinho das vezes em que trazia os filhos de volta a Caxias do Sul para visitar a avó. Naquele tempo, a principal atração era levá-los ao Parque dos Macaquinhos. Atualmente, com os filhos já adultos, ela frequenta os parques com as amigas – as mesmas que também costumavam levar seus filhos, mas agora aproveitam esses momentos sem eles. Durante a conversa, todas estavam reunidas, rindo e compartilhando histórias.

Nessa nova etapa das suas trajetórias, elas utilizam os parques como um espaço para conversar e tomar chimarrão. Inclusive, me convidaram a participar da roda, o que tornou o momento ainda mais especial. Todas já eram aposentadas, estavam felizes por poderem se reunir e aproveitar o tempo juntas, mesmo sem a companhia dos filhos.

Ela mencionou que costumam frequentar diferentes parques da cidade. Antes de nos encontrarmos naquele dia, por exemplo, tinham estado no Parque das Araucárias. Contaram também que cada uma possui seu parque favorito, então alternam os encontros para que todas fiquem satisfeitas, explorando e desfrutando dos diversos espaços disponíveis.

Além dessas experiências, tive um encontro com a terceira entrevistada que vale compartilhar. Durante minhas visitas a campo para dialogar com as mulheres,

frequentemente via, no Parque dos Macaquinhos, uma vendedora de sacolé. No entanto, ela estava sempre ocupada, concentrada em vender seus produtos, e eu nunca encontrava um momento adequado para abordá-la, pois não queria interromper seu trabalho. Apesar da curiosidade em conversar com ela, acabei desistindo de tentar.

Porém, em uma das minhas visitas ao Parque da Lagoa, lá estava ela novamente: a vendedora de sacolé do Parque dos Macaquinhos. Foi quando descobri, após uma conversa, que ela frequentava todos os parques da cidade. Foi interessante encontrar alguém que também circulava pelos espaços livres públicos de maneira constante, embora com objetivos diferentes (Figura 68).

eu não sou caxiense e sou vendedora, mas não a longo prazo

Eu só estou fazendo isso para conseguir dinheiro para comprar um motorhome, sou uma vendedora temporária

A gente mora perto do Estádio do Caxias, perto do Parque Cinquentenário, mas prefiro aqui

Eu não frequento o Cinquentenário, tem pouca gente que senta e passa a tarde, não vendo muita coisa. Além disso, não gosto de ir como mulher também, muito escuro, não é muito bem frequentado, não gosto de passar por lá. Os outros não tem nada que não goste

Me sinto segura, no geral. Nunca 100%, sempre percebo um olhar ou um comentário...Não dá para deixar de fazer as coisas por causa disso

Eu gosto do espaço, da lagoa, é bom de caminhar por aqui, é bom de vender aqui porque é um círculo então consigo ver as pessoas e a paisagem, ao mesmo tempo

Eu venho sempre com meu namorado, a gente fica circulando um de cada lado. No início, ele sempre me acompanhava, a gente ia junto, para eu me sentir segura e conhecer, mas acabávamos demorando o dobro do tempo. Depois de uns dois finais de semana andando com ele e conhecendo os espaços, agora me sinto bem sozinha

Figura 68: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 03

Fonte: da autora, 2025.

Ela não era caxiense e via seu trabalho como vendedora como algo temporário. O objetivo era arrecadar dinheiro para comprar um motorhome junto com o namorado. Quando perguntei como ela havia conhecido os parques da cidade, já que não era local, ela explicou que foi através dele, que é caxiense. No início, eles trabalhavam juntos, e ele a acompanhava para que ela se sentisse mais segura. Agora, familiarizada com os espaços, ela se sente confiante para trabalhar sozinha, e os dois se dividem nas atividades.

Nesse momento, por estar frequentemente trabalhando sozinha, ela comentou sobre sua relação com a segurança nos parques. Embora se sinta insegura em algumas ocasiões, especialmente por conta de olhares e comentários indesejados, ela tenta relevar, pois não pode deixar de trabalhar. Em relação ao Parque Cinquentenário, ela revelou não gostar de vender lá, mesmo morando próximo, porque o local é vazio.

Por outro lado, seu parque favorito era justamente aquele em que pudemos conversar. Além de proporcionar boas vendas, o espaço lhe oferecia a possibilidade de contemplar a paisagem. Ela destacou que se sente segura ali, pois a amplitude e a visibilidade ao redor da lagoa permitem que observe tudo o que acontece ao seu redor. O Parque da Lagoa e a sua paisagem proporcionam boas vendas e contemplação.

Já para a quarta entrevistada, estar ali melhora a sua semana, e por mais que more ao lado do Parque das Araucárias, ela atravessa a cidade para estar ali todos os domingos. O que a atrai ali, além das paisagens, é a sensação de liberdade proporcionada pela lagoa. Para ela, mesmo sem poder entrar na água, a ausência de cercas ou barreiras, diferente do que ocorre no Parque das Araucárias, simboliza liberdade. É como se, naquele espaço aberto, estivesse mais próxima da natureza, sem limitações (Figura 69).

eu venho para renovar as energias, o parque é renovação

Eu moro do lado do Parque das Araucárias, mas eu prefiro aqui, eu venho até aqui sempre

Isso aqui faz muita diferença na semana da gente, estar aqui melhora a nossa semana

Acho que o cercamento da lagoa lá nos tira a liberdade, a gente sabe que não pode entrar, e a gente não entraria, mas parece que aqui não se criam barreiras e lá sim

Frequentamos este lugar todos os domingos. Contudo, se alguma vez algo tivesse nos ocorrido, provavelmente sentiríamos medo ou deixaríamos de vir. Continuamos vindo e nos sentimos seguras porque, até agora, nada nos aconteceu

A única coisa que não podem fazer aqui é cercar, tem que continuar assim

Sempre tem um homem ou outro que vem incomodar, dar uma cantada, a gente tem que afastar eles

A gente vem sempre sozinha, independente da família, aqui virou nosso ponto de encontro de domingo. Convidamos várias pessoas, mas nós duas viemos sempre

Figura 69: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 04
Fonte: da autora, 2025.

Ela frequenta o parque desde a inauguração, sozinha ou acompanhada por amigas. Um comentário que chamou minha atenção foi o motivo pelo qual continuam a frequentá-lo: porque nada lhes aconteceu. Se tivessem passado por alguma situação de perigo ou medo, teriam deixado de ir. A sensação de segurança está atrelada ao fato de que, até o momento, nada ocorreu com elas – nem com ela, nem com suas amigas.

Embora ela diga que nunca enfrentaram situações graves, “sempre tem um homem ou outro que incomoda, dá uma cantada”, como ela mesma comenta. Esses assédios verbais, tão naturalizados e banais no cotidiano, quase nem são mais relatados como algo relevante. No entanto, eles incomodam. São parte do que enfrentamos diariamente enquanto tentamos simplesmente estar nos espaços da cidade.

O último diálogo trouxe à tona temas de superação e feminismo. Ela revelou que começou a frequentar o parque por incentivo de amigas e, hoje, sempre que pode, faz questão de estar ali, seja para tomar sol ou recarregar as energias. Frequentar o espaço, segundo ela, transformou sua vida, proporcionando o que chama de “uma nova expectativa de vida” (Figura 70).

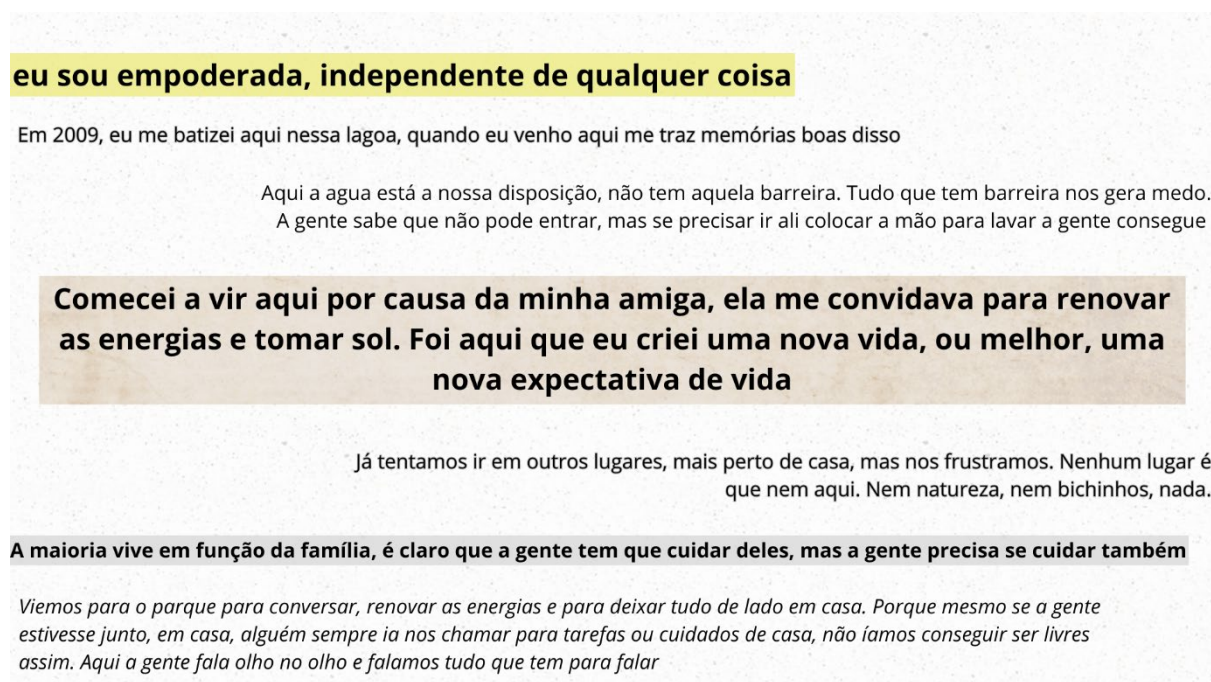


Figura 70: Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 05
Fonte: da autora, 2025.

A experiência de ter acesso livre à água é algo que ela considera extraordinário. Em suas palavras: “tudo que tem barreira nos gera medo”, seja no contato com a água ou

em outros aspectos da vida. Para ela, o parque é insubstituível. Já explorou muitos outros lugares, mas nenhum oferece a combinação única de natureza e presença de animais como esse.

Um momento marcante foi quando ela abordou a importância do feminismo em suas vivências no parque. Para ela, estar ali e aproveitar o espaço como mulher é essencial, pois acredita que as mulheres também precisam de tempo para cuidar de si mesmas. Ela relatou que gosta de frequentar o parque com as amigas porque, em casa, seriam constantemente interrompidas pelos outros para resolver demandas domésticas ou da familiares. No parque, no entanto, conseguem ser verdadeiras, conversando olho no olho, sem as interrupções que as atividades domésticas normalmente impõem.

Por fim, algo que já havia me chamado a atenção durante as caminhografias foi a relação das religiões evangélicas com os parques. Além do Parque das Araucárias, no Parque da Lagoa também ocorriam batismos por imersão. Para ela, as memórias do espaço estão profundamente ligadas à sua iniciação religiosa e à construção de sua fé.

5.1.4 Narrativas do Parque das Araucárias

Por fim, serão apresentadas as experiências femininas no Parque das Araucárias, um território recente em comparação a outros. Como mencionei nos capítulos anteriores, esse espaço possui uma forte ligação com as religiões evangélicas devido à presença da pia batismal. Por isso, considereei essencial ouvir mulheres que estavam ali por conta dessa vivência, buscando compreender diferentes perspectivas.

Assim, conversei com uma estudante que estava no local, próximo a pia batismal. Ela não via motivo para frequentar parques em seu dia a dia. Sua presença ali se dava exclusivamente pelos batismos de sua religião, que reuniam o grupo em celebração. Para ela, o parque significava o batismo – era isso que a atraía para o lugar. Seus amigos do grupo de jovens, que também participavam das cerimônias, preparavam um piquenique para celebrar a experiência ao ar livre. Ainda que os motivos de estarem ali fossem distintos, suas vivências no espaço se assemelhavam: jovens reunidos no parque, conversando e contemplando a lagoa, dessa maneira sentiam-se acolhidos e conectados (Figura 71).

eu sou estudante

Não sou muito de frequentar parques, esse eu venho só nesse, em grupo, para os dias do batismo

Eu gosto daqui que ele é arejado, tem a lagoa, tem a natureza e o estacionamento

Sozinha eu não venho, por uma questão de segurança mesmo, pode ter pessoas com más intenções

O parque é batismo

Eu me sinto muito acolhida nesse parque

Eu acho que faltam lugares e atividades de lazer por aqui...

Tem apenas os parquinhos e o cachorródromo, além disso mais cuidado com o parque, a grama está muito alta já

Ali em cima está tendo batismo, mais tarde terá um piquenique de jovens...

Eu nunca vi o parque tão cheio assim como hoje

Figura 71: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 01

Fonte: da autora, 2025.

Ela se sentia segura no parque enquanto estava junto ao seu grupo, mas tinha receios quanto à segurança geral do local. Acreditava que poderiam existir pessoas com más intenções e, por ser jovem, sentia-se despreparada para lidar com possíveis situações adversas. Preferia, portanto, evitar riscos. O fato é que nunca estamos completamente preparadas – e nem deveríamos ter que nos acostumar a essa preocupação constante.

Mesmo sem frequentar assiduamente esses espaços, ela percebia o parque como um ambiente ocioso, sem muitas atividades que a atraíssem. Apreciação da lagoa era uma das poucas opções para alguém como ela, já que o parquinho e o cachorródromo não tinham utilidade para sua vivência. Além disso, sentia falta de um cuidado público mais atento, a grama excessivamente alta criava barreiras entre os espaços, dificultando seu uso e limitando ainda mais as possibilidades de interação.

A segunda conversa foi com outra estudante, que também estagiava como assistente social (Figura 72). O que mais me marcou em sua fala, foi que enquanto discutíamos sobre as suas percepções, em um dado momento, ela me perguntou se eu mesma frequentava o parque sozinha para a minha pesquisa. Foi a única vez que uma mulher me fez esse questionamento, e acredito que, para ela, era uma forma de entender melhor tanto a minha experiência quanto o propósito do meu estudo.

eu sou estudante e trabalho como assistente social

Eu gosto dessa vista, dessa imensidão da lagoa na nossa frente

Podia ter mais postes, para ficar iluminado a noite, se bem que...ninguém vai ao parque a noite né?

No Parque dos Macaquinhos sempre vou sozinha, aqui já não sei, acho que prefiro vir em grupo assim

E tu, frequenta os parques sozinha?

A minha primeira lembrança sobre parque é: piquenique!

Mas o Parque Cinquentenário é o mais perigoso né?

Figura 72: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 02
Fonte: da autora, 2025.

A minha resposta foi honesta de que sim, frequento os parques sozinha. Ela compartilhou que também frequentava sozinha, e além disso convidada as suas amigas, que não eram tão adeptas dos parques, para piqueniques, incentivando-as a ocupar esses espaços para que pudessem se sentir mais seguras frequentando-os em grupos. Para o universo feminino, frequentar um espaço livre público, envolve um processo de adaptação e reconhecimento. É necessário explorá-lo para entender quais caminhos percorrer e como se movimentar, é uma construção subjetiva.

Esses movimentos de levar outras mulheres consigo demonstra que é possível, de maneira espontânea, estimular a presença feminina nos espaços públicos. Quando uma mulher convida outra, criam-se redes de apoio e conexões que tornam esses ambientes mais acolhedores, fortalecendo a ideia de que os espaços públicos podem – e devem – ser cada vez mais femininos.

A terceira narrativa é de uma mãe que frequenta o parque por causa de seus filhos. No início, teve dificuldade em falar sobre si mesma, pois suas vivências estavam fortemente ligadas à família. Ela mencionou que trabalhava durante a semana, o que tornava inviável sair com os filhos nesses dias. Assim, o final de semana se tornava o único momento disponível para estarem juntos, e por isso ela fazia questão de frequentar diferentes espaços públicos da cidade com eles (Figura 73).

eu sou mãe e me sinto bem aqui no parque

Eu me sinto bem aqui, a gente sempre vem nesse ou naquele parque ali da Cidade Nova

Nós não vamos nos Macaquinhos e nem no Cinquentenário, não tem estacionamento, fica meio contramão pra gente

Aproveitamos para ficar juntos nos finais de semana, que é quando sobra tempo

Seria o que eu gosto né, não sobre as crianças?

A lagoa é segura porque é cercada, para as crianças...a lagoa tu sabe, você pisca e as crianças ficam andando até lá, nos preocupamos menos com ela cercada

O meu filho mais velho não gosta muito daqui porque não tem quadra, ele tem facilidade de fazer amigos, sem quadra ou espaço para jogar, ele acaba não vindo conosco

Eu gosto da lagoa, porque me traz paz, a gente fica olhando e vai viajando nos pensamentos

Eu venho aqui por causa dos filhos, sozinha sem eles eu não venho...

Só final de semana consigo, como eu trabalho fica complicado vir em outros momentos

Figura 73: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 03

Fonte: da autora, 2025.

As narrativas sobre o “tempo que sobra” ou “mal consigo nos finais de semana” evidenciam o trabalho de cuidado desempenhado pelas mulheres dentro da família. Mesmo nos momentos de lazer, o papel de cuidadora permanece, transformando o tempo livre em um espaço de atenção e dedicação aos outros.

Ela também comentou que moravam longe dos principais espaços de lazer da cidade, por isso preferiam locais com fácil estacionamento, como esse ou o “Parque da Cidade Nova”²². A dificuldade em encontrar vagas no centro os afastava tanto do Parque dos Macaquinhos quanto do Parque Cinquentenário.

Os filhos eram referência até mesmo na escolha do destino, naquele dia, o filho mais velho não estava presente porque não via motivo para ir ao parque. Ele preferia jogar bola e socializar nas quadras do “Parque da Cidade Nova”, o que não era possível ali pois não existiam muitos usos. Assim, ficava em casa enquanto ela levava apenas o filho mais novo, que aproveitava o playground.

Embora sua relação com o parque estivesse inicialmente atrelada aos filhos, ao longo da conversa, ela percebeu novas formas de se conectar com o espaço. A lagoa, por

²² O “Parque da Cidade Nova” mencionado por ela refere-se, na verdade, à recém-inaugurada Praça Estação Cidadania, localizada próximo ao Parque da Lagoa. Como possui quadras esportivas e playground, a praça atrai crianças e famílias nos finais de semana, suprimindo a ausência desses equipamentos no próprio Parque das Araucárias.

exemplo, transmitia uma sensação de paz, permitindo-lhe divagar em pensamentos enquanto cuidava do filho, mesmo cercada. Ela aprovava a recente modificação da lagoa cercada, que trazia mais segurança e tranquilidade, evitando o risco de as crianças correrem para a água.

A quarta conversa também foi com uma estudante, que apreciava o parque principalmente por sua lagoa e pelo contato com a natureza. Além desse espaço, ela frequentava a UCS²³, onde cursava engenharia, o que gerava uma identificação e pertencimento dela com o próprio espaço (Figura 74).

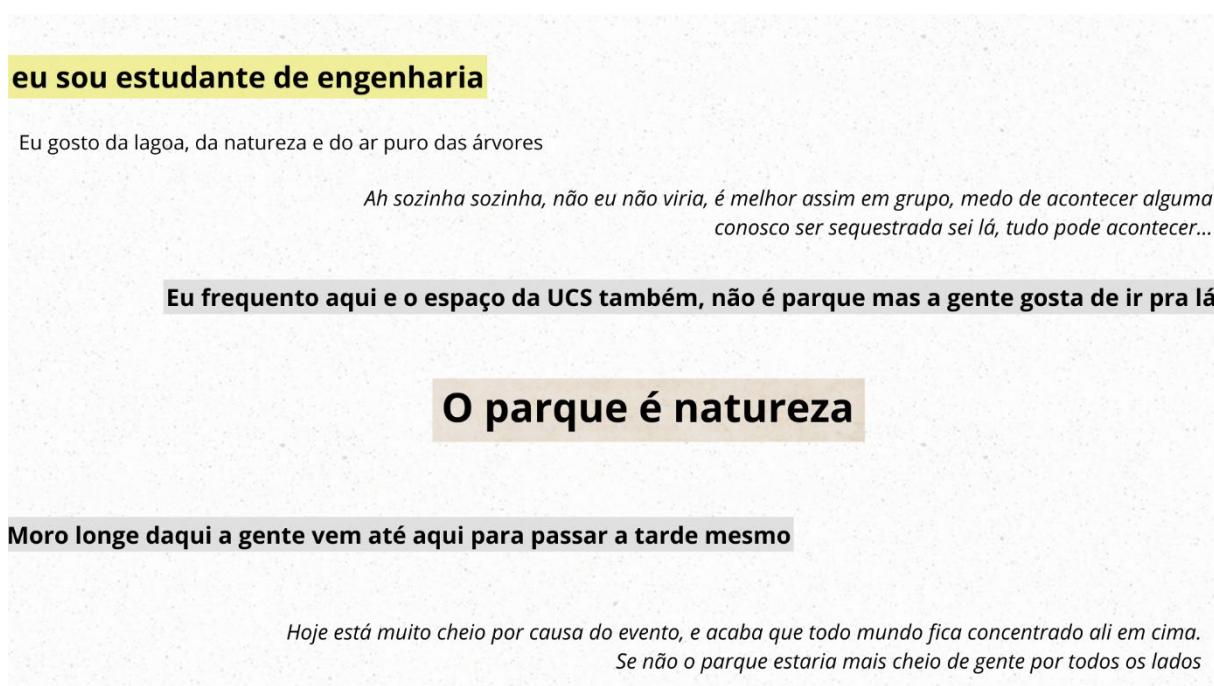


Figura 74: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 04
Fonte: da autora, 2025.

Apesar de alguns receios, ela e as amigas faziam questão de atravessar a cidade para ir ao Parque das Araucárias, onde costumavam fazer piqueniques. Para elas, era um espaço aconchegante, desde que estivessem juntas. Aproveitar a natureza com as amigas fazia bem a todas que estavam ali.

A quinta entrevistada, uma assistente social aposentada. Em sua fala, destaca uma questão fundamental: a necessidade de descentralização dos espaços públicos. Para

²³ O campus da UCS – Universidade de Caxias do Sul também se torna um espaço de lazer nos finais de semana. Seus gramados são utilizados como áreas de convivência, e, embora seja oficialmente um campus universitário e não um parque, acaba assumindo essa função devido à carência de espaços semelhantes na cidade.

ela, faltam opções de lazer nas periferias, deixando aqueles que moram mais afastados com poucas alternativas. Com uma população de cerca de 500 mil habitantes, Caxias do Sul precisaria de mais espaços ao ar livre para que todos pudessem usufruir da cidade (Figura 75).

eu sou aposentada, eu era assistente social, e agora eu estou curtindo a vida

O primeiro show da minha vida foi lá no Parque dos Macaquinhos, era o show do Alceu Valença, ele era novinho naquela época

Se tem bastante gente eu me sinto segura, a gente não vai nos horários que não tem ninguém

Quem iria no parque a noite? Não tem policiamento nenhum, se for pensar, nem de dia né

As minhas lembranças atuais são sempre com as minhas amigas, em todos os parques. A gente vem pra ficar na sombra, passar tempo juntas e conversar

A gente reclama que não tem nada de legal para fazer em Caxias mas tem né! Tem aqui, o Parque da Lagoa....

Quando eu era criança, eu frequentava o Parque dos Macaquinhos, ia com o pai e a mãe. Eu treinava vôlei lá no ginásio que existia, tinha a sede dos escoteiros também...era diferente

Faltam opções nas periferias, parques para quem mora mais longe, eles estão todos na parte central. Tinha que ser descentralizado, olha o tamanho de Caxias, 500 mil habitantes para ter só esses parques, podia ter mais do que isso né

Figura 75: Narrativas femininas sobre o Parque das Araucárias 05

Fonte: da autora, 2025

Essa reflexão se conecta a outros espaços mencionados ao longo das entrevistas, como a Praça da Cidadania e o campus da UCS, ambos localizados fora do eixo central. A presença desses locais reforça a importância da descentralização, exatamente como ela pontuou.

Frequentadora assídua dos parques, suas memórias remontam à infância no Parque dos Macaquinhos, onde brincava no parquinho com seus pais. Na juventude, lembra-se das quadras, da concha acústica e dos shows ao ar livre. Hoje, compartilha esses espaços com suas amigas, reunindo-se para tomar chimarrão, conversar e relaxar. Para ela, os parques de Caxias do Sul são uma excelente opção de lazer.

Sua trajetória de vida está entrelaçada com os parques, desde a infância, quando os frequentava com seus pais, até os dias atuais, em que os divide com suas amigas. Ao longo dos anos, percorreu diferentes parques em diferentes momentos, reconstruindo suas memórias a cada visita.

Essas lembranças, assim como as das demais entrevistadas, se materializam no espaço, ganhando significados únicos para cada uma. Para dar forma a essas vivências neste trabalho, adentra-se agora o sub capítulo de representações, onde elas serão simbolicamente registradas.

5.2 Representações

Esta etapa tem por objetivo integrar as diversas cartografias produzidas ao longo da pesquisa. Para isso, elaborei representações individuais de cada um dos parques urbanos analisados, reunindo as múltiplas perspectivas das experiências nos espaços livres públicos. Tais representações incorporam os vestígios de todo o percurso desenvolvido até aqui, operando simultaneamente como ferramenta de reflexão e como contribuição simbólica e metodológica à comunidade feminina de Caxias do Sul – RS.

Ao reunir essas narrativas, memórias e vivências, proponho um novo olhar sobre os parques: não como fragmentos isolados, mas como um conjunto interligado por histórias e experiências compartilhadas. Nesse processo, o próprio trabalho uma contranarrativa em relação ao que está estabelecido, em que cada história adiciona uma nova camada de sentido ao todo.

Nesse sentido, como já foi mencionado anteriormente, desenvolvi quadros-sínteses que organizam as ferramentas e os registros dos parques analisados, contemplando todas as escalas abordadas até o momento. Além disso, a partir do acervo fotográfico reunido, elaborei, em conjunto com as narrativas, uma representação em forma de linha do tempo, que acompanha o percurso de cada parque desde sua origem até o momento da pesquisa. Essa linha do tempo é complementada por colagens que traduzem visualmente os marcos simbólicos e espaciais de cada trajetória. E como linha do tempo, sabe-se que a partir desta pesquisa, no ano de 2025, eles vão seguir em transformação.

O primeiro a ser apresentado, o Parque Cinquentenário, é representado como um espaço de contradições: entre controle e acesso, entre medo e encantamento, conforme ilustrado na Figura 76 e 77.

cartografia sócio-morfológica

parque cinquentenário

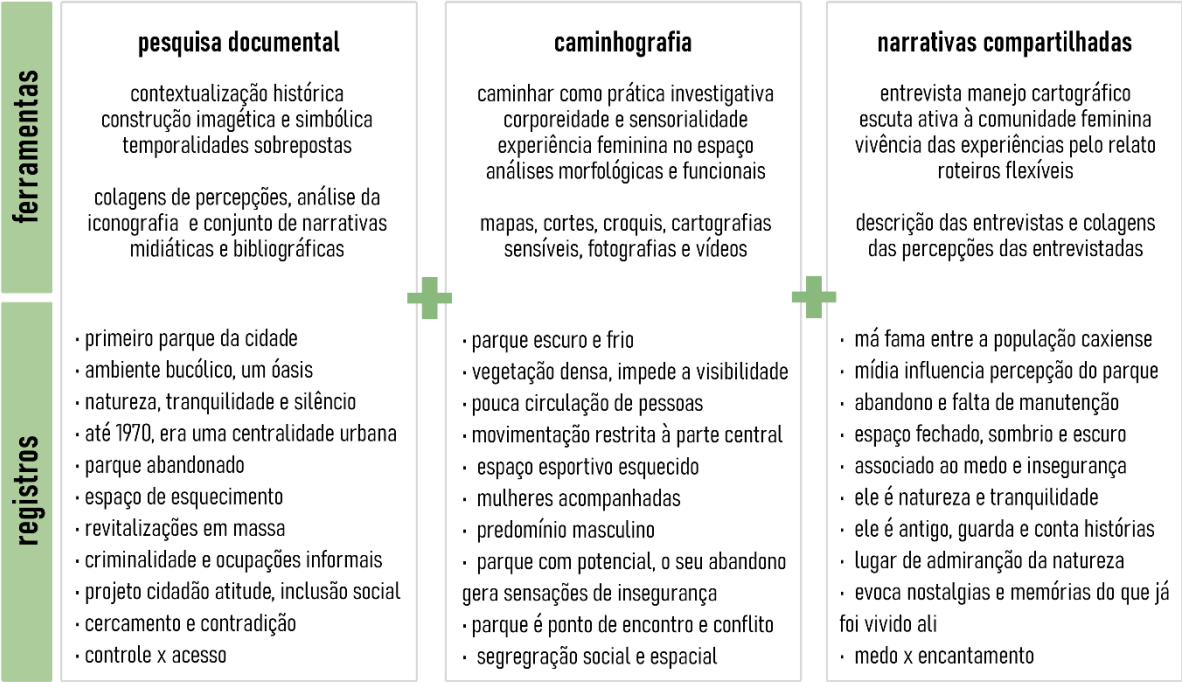


Figura 76: Síntese das estratégias e registros do Parque Cinquentenário

Fonte: da autora, 2025

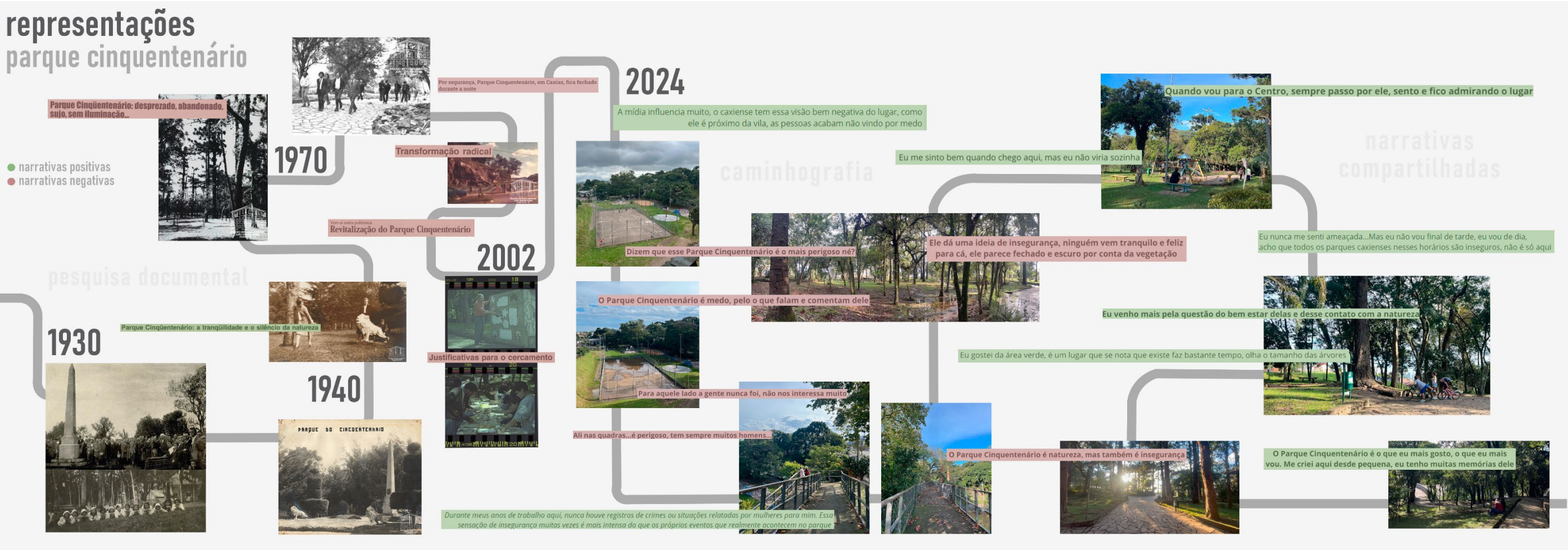


Figura 77: Representações - Parque Cinquentenário
Fonte: da autora, 2025

O segundo parque abordado nesta síntese é o Parque dos Macaquinhos. Presente na memória afetiva de muitos caxienses, ele evoca lembranças marcadas pela nostalgia. Dentre os espaços livres públicos da cidade, ele é o frequentemente escolhido como palco de feiras, festivais e apresentações, o que estimula ainda mais o uso coletivo, a contemplação e o lazer fora de casa. Ou seja, ele integra o imaginário da população, onde muitos já passaram por ali e vivenciaram esse espaço no centro da cidade (Figura 78 e 79).

cartografia sócio-morfológica parque dos macaquinhos

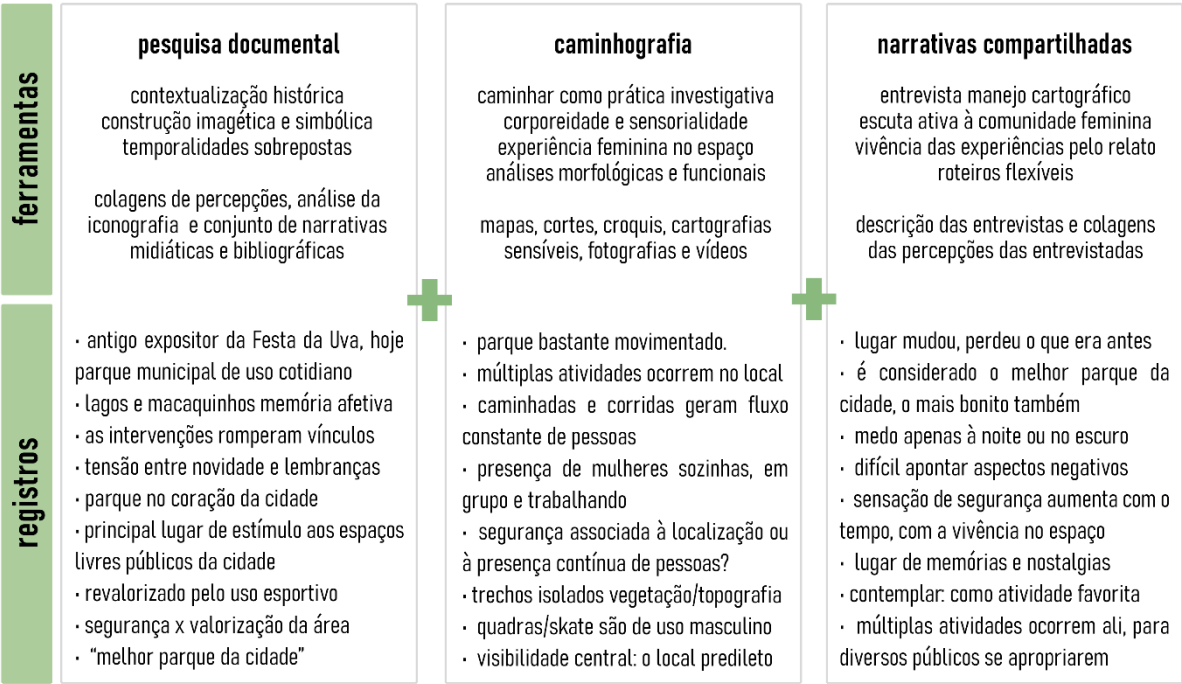


Figura 78: Síntese das estratégias e registros do Parque dos Macaquinhos
Fonte: da autora, 2025

representações
parque dos macaquinhos

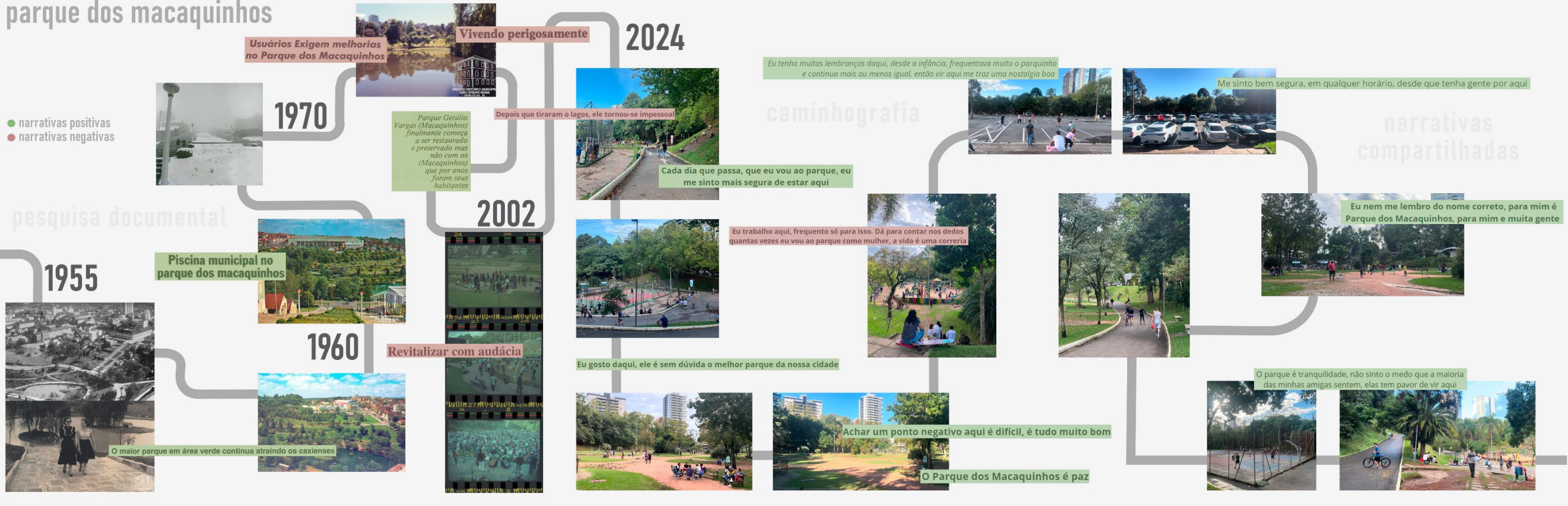


Figura 79: Representações - Parque dos Macaquinhos
Fonte: da autora, 2025

O Parque da Lagoa, ao longo das etapas analisadas, evidencia a importância da presença da água para a vivência do lugar. Sem barreiras físicas entre a lagoa e o entorno, o espaço se configura como um refúgio de liberdade e descanso, onde todos podem se sentir à vontade junto à paisagem. A lagoa é certamente o grande atrativo do parque, atraindo cada vez mais visitantes em busca de tranquilidade fora do centro urbano (Figura 80 e Figura 81).



Figura 80: Síntese das estratégias e registros do Parque da Lagoa
Fonte: da autora, 2025

representações
parque da lagoa

- narrativas positivas
- narrativas negativas

pesquisa
documental

1990



Banhistas não respeitam
proibição de nadar no Parque



Sufrimento e muito trabalho
marcam resgates na Lagoa



Paisagem é um convite à visitação e à contemplação.

2000



Parque da Lagoa é revitalizado

2008



2024



Todos os dias é agradável estar aqui. É a carga do meu dia



A única coisa que não podem fazer aqui é cercar, tem que continuar assim



Foi aqui que eu criei uma nova vida, ou melhor, uma nova expectativa de vida



Aqui a água está a nossa disposição, não tem aquela barreira.



Eu gostaria que pudesse se usufruir da lagoa, seria gostoso



Continuamos vindo e nos sentimos seguras porque, até agora, nada nos aconteceu



Nenhum lugar é que nem aqui. Nem natureza, nem bichinhos, nada.



narrativas
compartilhadas

caminhografia

Figura 81: Representações - Parque da Lagoa
Fonte: da autora, 2025

O Parque das Araucárias é sinônimo de natureza e amplitude. Ainda em processo de descoberta pelos caxienses, é um espaço que, apesar da escassez de sombra e da oferta limitada de atividades, vem sendo frequentado por famílias e casais em busca de tranquilidade também fora do centro. Além disso, o seu uso religioso, com batismos e encontros de jovens, contribui para ampliar o vínculo afetivo com o espaço, que acolhe múltiplas formas de convivência e espiritualidade (Figura 82 e 83).

cartografia sócio-morfológica parque das araucárias

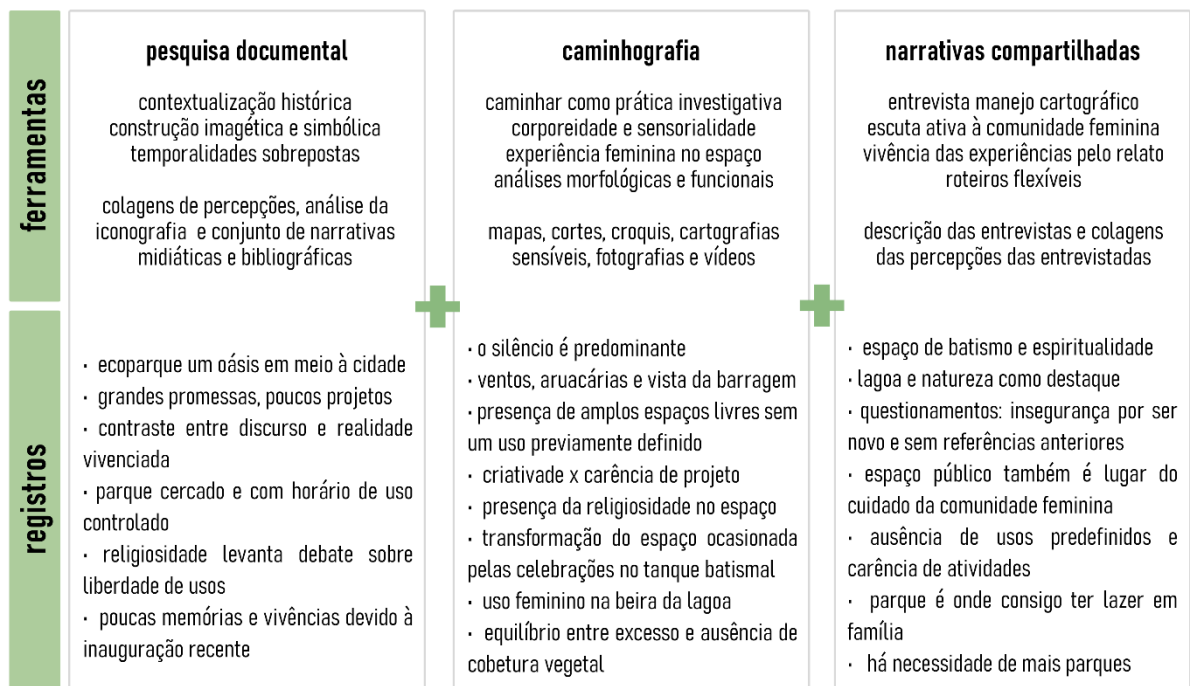


Figura 82: Síntese das estratégias e registros do Parque das Araucárias
Fonte: da autora, 2025

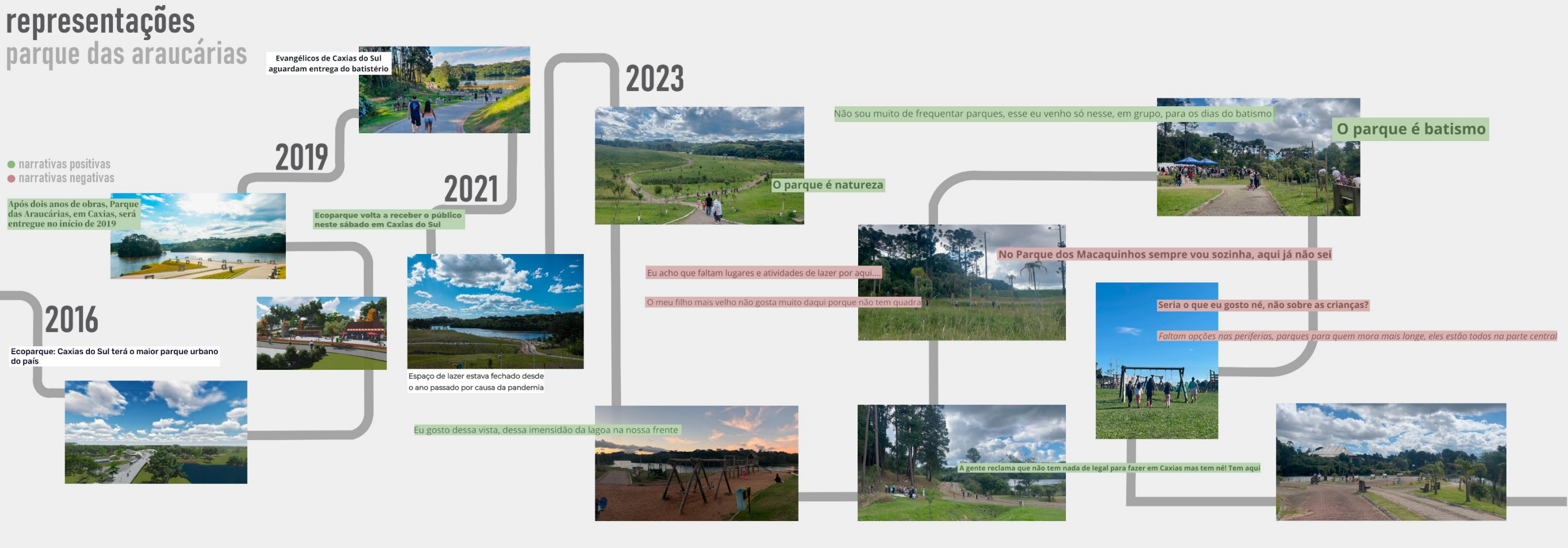


Figura 83: Representações - Parque das Araucárias
Fonte: da autora, 2025

Os depoimentos sobre esses parques oferecem informações valiosas sobre a relação da população com o espaço. Essas reflexões revelam camadas da experiência urbana que os mapas tradicionais não capturam. No entanto, é fundamental reconhecer que essas percepções também estão intrinsecamente ligadas aos aspectos físicos do ambiente.

Como por exemplo, os espaços sem muros ou próximos a vias de circulação são mais utilizados, pois transmitem uma maior sensação de segurança. Além disso, o centro dos parques tende a ser uma das áreas mais movimentadas, justamente por oferecer maior permeabilidade visual e a presença constante de pessoas, criando um ambiente mais dinâmico e acolhedor.

Em contrapartida, a proximidade de cercas, edificações e muros transforma-se em barreiras não só simbólicas, mas físicas. Embora essas estruturas possam sugerir uma ideia de segurança ao controlar quem acessa o parque, muitas vezes produzem o efeito oposto, intensificando a sensação de confinamento e restringindo a liberdade de movimento e permanência nesses locais.

A topografia também desempenha um papel fundamental no uso dos parques, especialmente em áreas com grandes desníveis, que costumam ser subutilizadas. Isso se deve, em parte, à densa vegetação presente nesses trechos, que pode torná-los menos convidativos e inseguros. Além disso, a falta de elementos que incentivem o seu uso, como escorregadores, mirantes ou arquibancadas, contribui para essa baixa ocupação.

Embora os aspectos sociais e subjetivos sejam mais recorrentes nos relatos das narrativas, muitas dessas percepções são, na verdade, consequências das características físicas do ambiente. Por isso, é essencial compreender esses espaços a partir da interseção entre fatores sociais e físicos, reconhecendo como eles se entrelaçam e influenciam a experiência urbana.

Algumas dessas interpretações demonstram como a leitura do espaço urbano não pode ser reduzida a apenas uma única perspectiva. A experiência cotidiana molda a forma como os lugares são vivenciados. Portanto, compreender os espaços livres públicos por várias lentes é essencial para pensar em lugares mais inclusivos e representativos, principalmente para a comunidade feminina.



6. POR OUTROS MUNDOS URBANOS FEMINISTAS

O propósito deste trabalho – ou, como minha orientadora sempre ressalta em nossas reuniões, “aquilo que me incomodava” – era a experiência de estar e frequentar o espaço livre público como mulher, em contraste com a vivência masculina. A percepção de que essa não era uma experiência isolada, mas sim compartilhada por amigas, primas e colegas, que sentiam as mesmas inseguranças, medos e receios, ao mesmo tempo em que também sonhavam com um espaço livre público mais acolhedor, despertou em mim essa inquietação.

Mais do que compreender essa vivência em meu cotidiano, senti a necessidade de levá-la para o campo acadêmico – um espaço que, ironicamente, também carrega inseguranças, medos, desafios e sonhos distintos para mulheres e homens. Ter a oportunidade de realizar esta pesquisa não apenas a partir das minhas percepções, mas a partir das vozes das mulheres que vivenciam os parques urbanos no dia a dia foi extremamente gratificante. Contar não apenas a minha história, mas também as delas, e compartilhá-las torna essa jornada ainda mais especial.

A questão central da pesquisa “compreender e identificar como a população feminina de Caxias do Sul - RS percebe os parques urbanos da cidade e de que forma eles são aproveitados pela comunidade” jamais será completamente esgotada. Afinal, seguir questionando a partir das respostas obtidas é também parte essencial do processo. No entanto, acredito que foi possível sim compreender, a partir das mulheres com quem conversei, como elas constroem suas percepções desses espaços a partir de suas memórias, afetos e vivências.

Sobre as questões parciais, em relação às formas de uso, observam-se sim diferenças significativas entre os parques, principalmente no que diz respeito à sua localização e ao perfil dos bairros em que estão inseridos. Esses fatores influenciam quem os frequenta com maior facilidade, principalmente em relação ao acesso até esses locais seja por meio de transporte público ou estacionamentos próprios.

Os parques centrais, em sua maioria, são utilizados por moradores das redondezas ou por pessoas que fazem pausas durante o expediente para relaxar antes de retornar para casa, muitas vezes distante dali. Já os parques periféricos apresentam uma maior diversidade de frequentadores, reunindo diferentes culturas e realidades

sociais. Isso ocorre, em parte, porque muitas dessas áreas carecem de infraestrutura de lazer, tornando esses espaços como única alternativa acessível, especialmente para quem depende de estacionamento gratuito, fala comum durante os diálogos.

É importante destacar que os diálogos e aproximações ocorreram com as mulheres presentes no local durante o período em que realizei as visitas. A proposta da pesquisa, era estabelecer interlocução com aquelas que estavam no parque nos momentos de sondagem. As respostas são fruto desses encontros, desses corpos e vivências que cruzaram meu caminho. As respostas que obtive nasceram dos encontros que tive, se fossem outros encontros, certamente seriam outras respostas.

E onde estariam as mulheres que não estavam nos parques? Talvez trabalhando, cuidando da família ou desempenhando outras atividades relacionadas ao cuidado, o que aponta para lacunas na compreensão de suas percepções sobre esses espaços. Dessa forma, as ausências também geram reflexões: quem pode usufruir desses espaços? Quem tem tempo para estar ali? Essas questões transcendem o gênero e se conectam a debates sobre raça e classe social.

O objetivo da pesquisa “explorar as dinâmicas sociais e o uso dos parques urbanos de Caxias do Sul - RS, tendo como foco a experiência feminina”, acredito que tenha sido cumprido. Desde o início, a intenção foi contar uma história que não é apenas minha, mas também da cidade, dos parques e das mulheres caxienses. Ao longo desse percurso, busquei explorar não apenas as dinâmicas espaciais, mas também as sociais e culturais, compreendendo-as em camadas, por meio do diálogo e das múltiplas perspectivas que emergiram ao longo da pesquisa.

Nesse percurso, pude perceber que cada mulher carrega consigo uma “imagem” do parque, construída não apenas a partir de suas próprias experiências naquele espaço, mas também das trajetórias de outras mulheres com quem se relaciona. Cada vivência, direta ou compartilhada, contribui para moldar sua relação com os espaços livres públicos.

A determinação dessas mulheres em continuar frequentando os parques, mesmo diante de inseguranças e receios, representa uma forma de resistência às estruturas e um gesto de esperança. Como uma das entrevistadas afirmou, “a cada dia que passo no parque, sinto-me mais segura para estar aqui”. Essa afirmação poderia ser

estampada nas ruas como um convite para que outras mulheres também se apropriem desses espaços. Elas demonstram que, ao darmos o primeiro passo, descobrimos a possibilidade de pertencimento e vivência nesses lugares.

É fundamental destacar também que grande parte da experiência e presença feminina nos espaços públicos ao ar livre ainda está fortemente vinculada ao cuidado com o outro, especialmente com as crianças. No entanto, em alguns casos, esse cuidado se volta para si mesmas e, quando isso acontece, são ações genuínas. Ainda enfrentamos desafios para acessá-lo, mas estamos cada vez mais próximas de romper essa "janela" e enxergá-la não como uma barreira, mas como um portal a ser atravessado.

Além disso, a construção da metodologia denominada cartografia socio-morfológica foi fundamental, pois permitiu construir, aos poucos, a pesquisa de forma a contemplar os diversos aspectos que gostaria de abordar na pesquisa: o temporal, físico, simbólico e afetivo. Uma abordagem não se restringe a Caxias do Sul ou aos parques urbanos, podendo ser replicada em diferentes cidades, contextos e espaços livres públicos.

As narrativas femininas evidenciaram a importância dos parques em suas vidas, revelando uma perspectiva frequentemente negligenciada. Embora para muitos eles pareçam degradados ou inseguros, para essas mulheres eles representam um verdadeiro refúgio. São locais de tranquilidade, onde podem escapar das tarefas domésticas, da falta de espaço em casa, conversar, contemplar a natureza e realizar outras atividades que proporcionam bem-estar, como os ritos religiosos. Mesmo sendo pequenos diante da escala da cidade, esses espaços exercem um impacto significativo na vida dessas mulheres.

Os parques são muito além de espaços de medo ou insegurança, ainda que essas percepções sejam recorrentes no debate sobre o uso do espaço livre público. Como uma delas disse: “Eu sigo vindo porque nada nos aconteceu ainda”, e torço, profundamente, para que nunca aconteça. Que cada vez mais mulheres possam sentir-se à vontade nesses espaços.

Nesse sentido, foi importante observar as redes de apoio femininas que emergiram ao longo da pesquisa e no trabalho de campo. Muitas mulheres relataram que

frequentavam os parques porque foram incentivadas por amigas, enquanto outras eram elas mesmas as incentivadoras. Além disso, minha própria mãe também viveu esse processo – primeiro encorajada a ocupar esses espaços e, depois, estimulando ainda mais amigas a fazerem o mesmo.

Todas essas trocas reforçam a importância das redes de apoio entre mulheres na conquista dos espaços públicos e evidenciam a necessidade de criarmos outros mundos femininos²⁴. Estar juntas nos fortalece, nos inspira e nos encoraja a continuar ocupando e ressignificando a cidade.

Mães, guardas, arquitetas, funcionárias, aposentadas, estudantes – todas elas agora fazem parte das minhas memórias nos parques. Foi gratificante não apenas vivenciar esses encontros, mas também escrevê-los e, a partir de agora, recordá-los. Escrevo esta conclusão com alegria, não apenas por encerrar essa etapa, mas porque realmente gostei do caminho que essa dissertação percorreu.

Olhando para o futuro, carrego os sonhos sobre continuar debatendo os espaços livres públicos e a presença das mulheres, não só na academia, mas também na cidade. Precisamos ocupar todos esses lugares para que eles sejam verdadeiramente nossos.

²⁴ Em referência ao trecho de Leslie Kern (2021) na página 33 desta dissertação: “Todas nós temos a capacidade de fazer e estar novos mundos urbanos, mundos urbanos feministas, mesmo que esses mundos durem apenas um instante”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Dumiense Paranhos. **Caxias do Sul: A metrópole do vinho - 1875/1957**. Caxias do Sul: Livraria Mendes, 1957.

BEAUVOIR, Simone. **The Second Sex**. New York: Alfred A. Knopf., 1953.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova York: Champman & Hall, 1990.

CARDOSO, Marcos. O que torna o Exposição o bairro com o metro quadrado mais caro de Caxias do Sul. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/economia/noticia/2024/04/o-que-torna-o-exposicao-o-bairro-com-o-metro-quadrado-mais-caro-de-caxias-do-sul-cltwz3rac0014016j53e4gijz.html#:~:text=Dessa%20forma%2C%20a%20m%C3%A9dia%20no,R%24%2014%20mil%2Fm%C2%B2>. Acesso em: 31 maio 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In*: CRUZAMENTO: RAÇA E GÊNERO. Brasília: Unifem, 2002. p. 7–16.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: 34, 1995.

DIEESE. **As dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho**. São Paulo: DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

DUARTE, Cristiane Rose *et al.* **Experiência do Lugar Arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.

ELKIN, Lauren. **Flâneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres**. São Paulo: Fósforo, 2022.

FILLIPINI, Roberto. **O outro lado da Júlio: História e Memórias de uma Avenida**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2019.

FONSECA, Rubem. **A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Papaleguas, 2009.

FREDERICI, Silvia. **Reencantando o Mundo**. São Paulo: Elefante Editora, 2021.

FRIES, Sonia Storch. **Mirante nº 2: Parque Getúlio Vargas**. Caxias do Sul: Maneco Livraria e Editora, 2003. v. 1

FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL CAXIAS DO SUL. **A FAS em números - Informativo da Diretoria de Gestão do Suas**. Caxias do Sul: Prefeitura de Caxias do Sul, 2021.

GRIFFERO, Tonino. “A ‘pele’ atmosférica da cidade”. **Revista Thésis**, p. 1–18, 2022. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/361/291>. Acesso em: 17 jan. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2022**. Caxias do Sul: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/caxias-do-sul/pesquisa/23/25124>. Acesso em: 2 maio 2024.

JACKSON, John Brinckerhoff. **The Necessity for Ruins and Other Topics**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1980.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2019.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

KLIASS, Rosa Grena. **Parques Urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini, 1993.

LAMOUNIER, Alex Assunção; CARVALHO, Thereza; YAMAKI, Humberto. **Atmosferas de preferência na cidade maravilhosa**. 2017. - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxônia: Oxford University Press, 2007.

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagismo brasileiro na virada do século - 1990 - 2010**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MANUAL DE ANÁLISE URBANA. **Manual de Análise Urbana sobre Gênero e Vida Cotidiana**. Vitória-Gasteiz: Eusko Jaurlaritza En Argitalpen Zerbitzu Nagusia, 2010.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. *In*: A CIDADE DO PENSAMENTO ÚNICO: DESMANCHANDO CONSENSOS. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARTINEZ, Zaida Muxí. **Mulheres, casas e cidades**. 1. ed. São Paulo: Olhares, 2024.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: towards a phenomenology of architecture**. Londres: Academy Editions, 1980.

ONU-HABITAT. **HERCITY**. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme & GShared City Foundation, 2023. Disponível em: <https://unhabitat.org/her-city-a-guide-for-cities-to-sustainable-and-inclusive-urban-planning-and-design-together-with>. Acesso em: 31 mar. 2024.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle; BRASILEIRO, Alice. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2009.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. **Arquitextos**, v. 281.05, 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923#:~:text=A%20caminho%20urbana%2C%20a%20partir,o%20corpo%20atento%2C%20a%20partir>. Acesso em: 29 mar. 2024.

RODRIGUES, Jimmy. Crônica singela da Rua do Parque. **O Pellegrino**, Caxias do Sul, 1980.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. *In*: SESC SP. (ORG.). LAZER NUMA SOCIEDADE GLOBALIZADA. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil 2000 a 2017**. 2018. - FAUUSP, São Paulo, 2018.

SANTE, Luc. **The Other Paris**. Nova York: FSG, 2015.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1996.

SOLNIT, Rebeca. **A história do caminhar**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

TÂNGARI, Vera R.; ANDRADE, Rubens de; SCHLEE, Mônica B. **Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências**. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ PROARQ, 2009.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, [s. l.], v. 25, p. 299–322, 2013.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil folhas, 2023.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Deifel, 1983.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. 4. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WICKERT, Ana Paula. Planejamento urbano e espaços públicos: parques como ferramentas de transformação social. **Archdaily**, 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/928652/planejamento-urbano-e-espacos-publicos-parques-como-ferramentas-de-transformacao-social>. Acesso em: 31 maio 2024.

WOOLF, Virgínia. **Mrs. Dalloway**. São Paulo: Schwarcz S.A, 2017.

APÊNDICES

Apêndice A – Livreto Parque Cinquentenário



Livreto 15x21cm pode ser visualizado pelo link:

<https://drive.google.com/file/d/1aJxp1gdVK7wNRAUtR6i-zKi1NVrFoSGk/view?usp=sharing>

Apêndice B – Livreto Parque dos Macaquinhos



Livreto 15x21cm pode ser visualizado pelo link:

<https://drive.google.com/file/d/1ms2FDVcQstE5mDTDYr2D-Dh0-xHhAIkt/view?usp=sharing>

Apêndice C – Livreto Parque da Lagoa



Livreto 15x21cm pode ser visualizado pelo link:

https://drive.google.com/file/d/1gohJ6hRr5NsMu2weA_h3qMBM2O7O9KDZ/view?usp=sharing

Apêndice D – Livreto Parque das Araucárias



Livreto 15x21cm pode ser visualizado pelo link:

<https://drive.google.com/file/d/13ru7DQf5yhzhzLdi2hHllzb8RmiUncfZC/view?usp=sharing>

ANEXO

Anexo A - Plataforma Brasil

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Parques urbanos em Caxias do Sul-RS: uma análise sob a ótica feminina

Pesquisador: SOFIA VEZZARO TAIAROL

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 84108824.6.0000.5582

Instituição Proponente: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.314.146

Apresentação do Projeto:

O projeto "Parques urbanos em Caxias do Sul-RS: uma análise sob a ótica feminina" busca investigar a relação das mulheres com os espaços públicos urbanos, analisando como questões de gênero influenciam a apropriação e percepção dos parques na cidade. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e pretende dar visibilidade às experiências e demandas femininas em relação a esses ambientes.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é compreender, sob a perspectiva das mulheres, os usos, as dificuldades e os significados atribuídos aos parques urbanos de Caxias do Sul-RS, buscando identificar possíveis desigualdades de gênero que impactem o acesso e a utilização desses espaços. Além disso, o estudo visa fornecer subsídios para políticas públicas inclusivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos para os participantes envolvem incômodos durante as entrevistas, como possíveis constrangimentos ou desconforto emocional ao abordar questões sensíveis. Esses riscos são mínimos e serão mitigados com o direito dos participantes de interromper sua participação a qualquer momento. Os benefícios incluem a produção de conhecimento sobre a perspectiva feminina em relação aos espaços públicos, contribuindo para o desenvolvimento de políticas urbanísticas mais equitativas.

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 7.314.146

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta relevância ao trazer um recorte de gênero para a análise urbana, o que fortalece discussões sobre direito à cidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos obrigatórios parecem estar todos de acordo com as exigências do CEP-CFCH.

Recomendações:

Não há recomendações a fazer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2407055.pdf	04/10/2024 09:09:09		Aceito
Folha de Rosto	PLATAFORMA_BRASIL_FOLHA_DE_ROSTO_SVT.pdf	04/10/2024 09:07:07	SOFIA VEZZARO TAIAROL	Aceito
Outros	PLATAFORMA_BRASIL_ROTUIRO_DE_ENTREVISTAS_SVT.pdf	25/09/2024 15:37:03	SOFIA VEZZARO TAIAROL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PLATAFORMA_BRASIL_PROJETO_DETALHADO_SVT.pdf	25/09/2024 15:20:36	SOFIA VEZZARO TAIAROL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	PLATAFORMA_BRASIL_TCLE_SVT.pdf	25/09/2024 15:20:12	SOFIA VEZZARO TAIAROL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 7.314.146

RIO DE JANEIRO, 20 de Dezembro de 2024

Assinado por:
FERNANDA MARIA DA COSTA VIEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

Página 03 de 03